HISTORIA
DE
PORTUGAL.

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO SETIMO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO VII.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1787.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro em quatrocentos réis em papel. Meza 13 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXVI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Acontecimentos dos annos, em que o Infante D. Pedro, na menoridade de seu sobrinho El-Rei D. Affonso V., foi Regente do Reino de Portugal.

Era vulg. 1438

AINDA que os succeſſos, que eu vou a eſcrever, ſejaõ pertencentes ao reinado de D. Affonſo V., aonde propriamente devem ſer tratados: eu me fir-

Era vulg. 1438

ſirvo delles como de materia para formar a narraçaõ da vida do Infante D. Pedro, depois de Regente do Reino, na menoridade de ſeu ſobrinho, até a batalha injurioſa de Alfarrobeira, em que perdeo a vida eſte Principe taõ eſtimavel, involvendo, e enlaçando neſta meſma narraçaõ chronologicamente os ſucceſſos reſpectivos da dita Regencia, para continuar com os del Rei D. Affonſo, depois de declarado Maior.

Seis annos de idade no novo Rei chamavaõ por huma menoridade longa no Reino entaõ afflicto; na preſença com o flagello da peſte; na memoria com a perda ſobre Tangere, e cativeiro do Infante D. Fernando com tantos Fidalgos. A Rainha principiava a governar ſó pela prudencia, que lhe naõ faltava. Ella lhe inſpirou nos primeiros movimentos a fazer bem a repreſentaçaõ, de que o peſo da adminiſtraçaõ de huma Monarquia era temivel a forças viris, quanto mais ás de huma mulher fraca. Naõ obſtante a declaraçaõ del Rei ſeu marido, que *tudo* fiára ſó dos ſeus talentos; ella

quiz

quiz, astuta contemporisar com os Infantes, sondar-lhes o fundo dos animos; e logo depois da morte do Rei disse ao Infante D. Pedro quizesse elle, o Infante D. Henrique, e mais pessoas, que bem lhes parecesse, conferir os expedientes mais conformes aos interesses do Reino, em quanto ella naõ fazia Cortes; e que as Cartas para as convocar, elle Infante as fizesse, e assignasse. A esta demanda se escusou o Infante com a reflexaõ, de que hum acto desta natureza era proprio da sua Soberania: que elle só cuidava em dar próvas significantes da sua fidelidade, fazendo, que sem demóra fosse jurado Successor do Reino o Infante D. Fernando no caso de fallecer, ou naõ ter filhos o Rei D. Affonso, seu irmaõ.

Era vul

Declarou-se bem sensivel a Rainha a estas probidades do Infante, e naõ tardou com a remuneraçaõ na primeira proposta, que entaõ lhe fez do casamento do Rei com sua filha a Infante D. Isabel: promessa, que ella ratificou por escrito, havendo-a já reitera-

ra-

Era vulg. rado pelo ſeu Confeſſor, a que o Infante grato ſoube correſponder officioſo. Eſte paſſo, que parecia firmar as vantagens do Infante, elle foi o primeiro para a ſua ruina pela oppoſiçaõ dos Grandes com o Duque de Bragança D. Affonſo na ſua téſta, que aſpirando ao meſmo caſamento para a Infante D. Iſabel, ſua neta, filha de ſeu irmaõ o Infante D. Joaõ, naõ perdeo conjunctura, que lhe foſſe favoravel para conſpirar contra D. Pedro.

O meſmo Infante D. Joaõ naõ tardou em deſcobrir o fundo das ſuas intenções a reſpeito dos projectos da Rainha. Elle dizia em tom grave ſer-lhe inſoffrivel, que huma mulher eſtrangeira governaſſe o Reino dos ſeus Maiores ao prejuizo de tantos Principes dignos, que eraõ as ſuas imagens naturaes, e que nas diſpoſições contrarias do Teſtamento de ſeu irmaõ, elle fizera a todos huma injuſtiça. Elle publicava, que o corpo da Naçaõ naõ devia ſobmetter-ſe á diſpoſições ſemelhantes, que em ſi meſmas moſtravaõ *ſerem huns* effeitos da ternura do amor

con-

conjugal, a que o Rei sempre se mostrára sensivel. Elle se esforçava a persuadir, que as mulheres naõ nascêraõ para reinar, como sexo, que se transportava das duas paixões; todo furor para quem aborrecia; todo beneficencia para quem amava. Elle trazia á memoria os exemplos da Regencia desgraçada da Rainha D. Urraca de Castella, e estas imagens bem pintadas com huma pouca de força de eloquencia, bastáraõ para dividir os sentimentos do Reino.

A Rainha se deixava tocar vivamente desta separaçaõ dos animos, que entendeo unir nas Cortes de Torres Novas, esperando que nellas o Testamento de seu marido fosse confirmado, e ella por este meio derrotar qualquer opposiçaõ esforçada, que se lhe attrevesse. Se o expediente lhe parecia o mais proprio para os seus fins, a contingencia de fazer conformes os suffragios lhe atormentava o espirito. Nesta perplexidade assentou ella, que nem o seu direito, nem a validade do Testamento do Rei poderiaõ ser-lhe taõ

fa-

Era vulg. favoraveis, como trazer ao seu partido o Infante D. Pedro, a qualquer preço que ella podesse. A ella lhe pareceo naõ o havia de maior valor, que o do casamento, que fica dito, e o seu ajuste a Rainha o estimou pelo fiador da sua authoridade, juntamente a repartiçaõ da Regencia entre ella, e o Infante. Rompeo-se porém a noticia do casamento, e immediatamente a opposiçaõ do Duque de Bragança, e de todos os seus adherentes.

1439 Nas Cortes, que se seguíraõ em Lisboa, foi determinado, que a Rainha tivesse cuidado na educaçaõ do Rei seu filho: que o Infante D. Pedro commandaria as armas: que D. Fernando, Marquez de Villa-Viçosa, seria Regedor das Justiças; e Alvaro Gonçalves de Ataide, Conde da Atouguia, Ayo do Principe. Estando estas cousas assim dispostas, a Rainha entrou a mudar de idéas, admittindo as sugestões, que o Duque de Bragança lhe mandou fazer por seu cunhado o Arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha, irmaõ de sua segunda mulher D. Constança, que

que era muito acceita á Rainha; por Erá vulg.
D. Sancho de Noronha, irmaõ do
mesmo Arcebispo; pelo Marichal Vasco
co Fernandes Coutinho; pelo Prior do
Crato, D. Fr. Nuno de Goes; por D.
Affonso, Senhor de Cascaes; por seus
filhos os Marquezes de Villa-Viçosa,
e de Valença. Estes, e outros espiritos
tos de facçaõ, oppostos ao Infante,
exageráraõ á Rainha a injustiça, que
se lhe fazia na divisaõ da Regencia,
que ella principiou a conceber como
hum aggravo da Mageftade. O Infante
te D. Henrique, que desejava compôr
pôr os animos, antes que se declarasse
rasse a rotura, fez nas mesmas Cortes
diminuir a authoridade concedida nellas
las a seu irmaõ, e conferilla ao Marquez
quez de Valença; mas este naõ se
acommodava sem huma exclusiva total
tal do Infante D. Pedro.

As resoluções tomadas contra este
Principe muito amado do Povo, de
sórte o irritáraõ, que se temeo huma
soblevaçaõ, que deo causa ao susto cavilloso,
vilofo, para persuadirem á Rainha cedesse
desse das suas pretenções aquelles mesmos
mos

Era vulg. mos homens , que antes a inſtavaõ as mantiveſſe firme. Ainda os Eſtados ſe naõ tinhaõ ſeparado , quando o Infante rogou á Rainha lhe deſſe a declaraçaõ formal reſpectiva ao caſamento, em que ella lhe tinha fallado . do Rei com ſua filha. Ella , que legitimamente naõ a podia recuſar , depois de ficar inſtruida em que eſta era a vontade do Rei ſeu marido , naõ duvidou entregalla ao Infante. Como eſta declaraçaõ tranſtornava todos os deſignios, que o Duque de Bragança tinha formado de caſar ſua neta com El-Rei ; ſabedor do que ſe paſſára entre ella , e o Infante , ſe esforçou em empenhalla quizeſſe arrancar-lhe das mãos eſte papel , que tanto o prejudicava ; mas a Rainha naõ ſe fez entendida á propoſta do Duque , nem elle teve reſoluçaõ para lhe tornar a fallar.

Se a ſuſpenſaõ do Duque foi reſpeito , o Conde de Ourem , Marquez de Valença , ſeu filho , cortou por elle , para em peſſoa pedir ao Infante o papel , que ſeu pai naõ podéra obter *da Rainha*. Ou a ambiçaõ de vêr ſua ſo-

ſobrinha no Throno, ou as más diſ- Era vulg.
poſições dos animos do pai, e filho
para com o Infante, deo esforços ao
Conde para eſta reſoluçaõ façanhoſa,
que encontrou huma correſpondencia
toda magnanima. Apenas o Infante ou-
vio o Conde, com eſpirito pacato man-
dou vir o cofre, em que guardava a
declaraçaõ; moſtrou-lha; e como ſe
ella foſſe o papel mais inutil do mun-
do, na ſua preſença o fez em peda-
ços, e deo os fragamentos ao Conde:
acçaõ digna de hum Principe dotado
de eſpirito ſem ambiçaõ, de alma de-
ſintereſſada, de vida irreprehenſivel.

Concluida a Aſſembléa dos Eſtados
em Torres-Novas, a Corte ſe reco-
lheo para Lisboa, aonde veio o Infan-
te D. Joaõ convalecido da enfermida-
de, que lhe impedio a aſſiſtencia na
meſma Aſſembléa. Elle era pai da In-
fante D. Iſabel, que ſeu Avô, o Du-
que de Bragança, por meio de tantas
intrigas queria caſar com El-Rei; mas
taõ encontrado ao ſogro nos ſentimen-
tos, que naõ ſoffria as ſem-razões met-
tidas em *uſo contra* a peſſoa veneravel
de

Era vulg.

de ſeu irmaõ o Infante D. Pedro. Elle o vio, quando queixoſo, taõ prudente, que lhe aſſegurou queria evitar as conſequencias funeſtas de tantas deſuniões, deſiſtindo deſſa parte do governo, que lhe haviaõ conferido, e ſacrificar todos os ſeus intereſſes ao ſocego do Reino. O Infante D. Joaõ, a quem a ſemelhança do genio, das qualidades, e dos talentos o ligavaõ á inclinaçaõ, amor, e condeſcendencia por ſeu irmaõ D. Pedro, apenas lhe ouvio a reſoluçaõ, a contrariou, affirmando, que por eſſa meſma razaõ da tranquillidade do Reino, e derrota da invectiva dos ſeus emulos, naõ ſó devia conſervar a parte da Regencia, que já tinha, mas trabalhar com os esforços mais vivos por ella toda.

Juſtamente podia o Infante entrar neſta pretençaõ, propoſta por ſeu irmaõ á viſta da Rainha, que já ſe havia declarado abertamente contra elle. Alterava-ſe o Povo com tudo quanto imaginava offenſa do Infante, por eſſa razaõ mais firme em abdicar a Regencia, e D. Joaõ mais conſtante, em

que

que a sustentasse. A Rainha temerosa do Povo, mandou armar os seus parciaes, e criados; pedio a protecçaõ de seus irmãos os Infantes de Aragaõ, que em Castella faziaõ grande figura, depois que arrojáraõ do valimento ao Condestavel D. Alvaro de Luna; e tentativas semelhantes foraõ causa de se perder toda a esperança de hum ajuste amigavel. O Infante D. Pedro se valeo dellas para as communicar ao Reino por Cartas Circulares, que movêraõ em todos os Póvos tal indignaçaõ contra a Rainha, que ella se pôz a coberto de algum insulto em Alenquer. Daqui escreveo o mesmo genero de cartas, mas diametralmente oppostas ás paternaes do Infante, que acabáraõ de concitar em todas as Cidades, e Villas hum furor unanime, na gravidade do caso taõ reflexivo, que acordáraõ prudentes:

Era vulg.

Que o Infante D. Pedro, na menoridade del Rei, fosse acclamado Regente, e Defensor do Reino: que se elle viesse a faltar, lhe succedesse seu irmaõ, o Infante D. Henrique, a este

Era vulg. o Infante D. Joaõ, e a eſte o Infante D. Fernando, ſe eſtiveſſe já livre do ſeu cativeiro: que na falta deſtes Infantes legitimos, ficaſſe governando ſeu irmaõ, o Duque de Bragança, e na deſte ſucceſſivamente ſeus dous filhos os Condes de Ourem, e de Arrayolos, conſervando-ſe ſempre a Rainha com o eſtado, e reſpeito devidos á ſua peſſoa. A todas as que ficaõ nomeadas foi notificada eſta reſoluçaõ dos Trez-Eſtados, e todas as approváraõ, menos a Rainha, que quiz, e naõ pode contradizella. De nada lhe valêraõ neſte caſo as ſuas induſtrias, nem os eſtratagemas indecoroſos pela falta de inteireza da verdade, com que ella quiz fazer diſſonante a harmonia fraternal dos dous Infantes D. Pedro, e D. Henrique.

Para maior ſolemnidade de negocio taõ grave, foi determinado que em Novembro ſeguinte ſe convocaſſem os Eſtados em Lisboa, e o Duque de Bragança partio para Alenquer a aviſar a Rainha para ſe achar na Aſſembléa com El-Rei ſeu filho; diligencia, a que ella ſe eſcuſou com pretextos affecta-

dos,

dos, que indicavaõ bem a duplicidade do animo, que os concebia. Ella se assustou da comitiva numerosa, com que o Infante vinha de Coimbra para Lisboa: temor panico, que a constrangeo a mandar-lhe pedir naõ fizesse caminho pela sua Villa, como o Infante executou pontual, e chegando ao Lumiar, despedio toda a gente, que naõ era da sua familia, para evitar as interpretações contrarias ao fundo da sua sinceridade. O Povo de Lisboa, que novamente o havia acclamado Defensor, e Regente, quizera recebello em triunfo; mas a sua modestia o naõ consentio, e entrou na Corte com o apparato vulgar de todas as outras occasiões. Era vulg.

A primeira acçaõ, que elle practicou, foi o juramento solemne, e público na Cathedral; promettendo nas mãos do Bispo de Evora, D. Alvaro de Abreo, reger bem o Reino; guardar-lhe os fóros, e privilegios; e entregallo livremente a El-Rei seu sobrinho, quando fosse em estado de o governar. *Depois ratificou* o mesmo ju-

Era vulg. ramento nas Cortes, que ſe abríraõ a 10 de Novembro, ſendo já preſentes El-Rei, e a Rainha, que o Infante D. Henrique moveo para virem authoriſar as ſecções, que a elles, mais que a outras quaeſquer peſſoas, eraõ reſpectivas. Naõ faltou o Infante Regente a acçaõ alguma, com que ſe podeſſe inculcar vaſſallo fideliſſimo, e reſpeitoſo, taõ delicado nos cultos á Mageſtade dos Reis, como ſe a Coroa eſtiveſſe na ſua propria cabeça. Porém os ſeus esforços, todas as ſuas repugnancias naõ podéraõ impedir, que os Eſtados notificaſſem aos Soberanos o acordo, que tinhaõ tomado de que El-Rei, para a ſua boa educaçaõ, ſe tiraſſe do poder da Rainha, e foſſe entregue ao Infante. Eſte ſe eſcuſou por muitas, e ſólidas razões, que repetio cheias de attençaõ para com aquella Princeza; mas conſtrangido pelos Eſtados, houve de ſe conformar com as ſuas determinações. Á Rainha, e aos ſeus conſelheiros naõ ſe fez ſopportavel eſta reſoluçaõ, que quiz perſuadir *injuſta* na ſua retirada para Sintra com

ſuas

ſuas filhas, deixando o Reino, e os filhos em poder do Infante. Era vulg.

CAPITULO II.

Do mais que ſuccedeo nas Cortes de Liſboa, e dos deſcobrimentos do Infante D. Henrique por eſtes annos.

QUANDO a Rainha eſcandaliſada ſe retirava para Sintra, o Infante D. Henrique lhe ſahio ao caminho, e perſuadio naõ continuaſſe no projecto offenſivo ao ſeu decóro: que todas as acções do Infante ſeu irmaõ eraõ, e ſempre ſeriaõ cheias de reſpeito para com a ſua peſſoa; e que neſta certeza, naõ quizeſſe com a ſua retirada perturbar o ſocego da Monarquia. Ella ſe moſtrou taõ inexoravel ás perſuaſões de D. Henrique, que continuou a jornada; e com eſta noticia os Infantes D. Pedro, e D. Joaõ foraõ buſcar a El-Rei, e ao Infante D. Fernando, ſeu irmaõ, aos quais pozeraõ Caſa, e Familia correſpondente á ſua Mageſtade. *Quizeraõ* os Eſtados uni- 1440

Era vulg. dos com os moradores de Lisboa, em remuneraçaõ do zelo do Infante, levantar-lhe huma Eſtatua; mas o Infante ſabedor deſtes intentos, lhes reſpondeo: Suſpendei os voſſos deſejos; que ſe me levantares eſſa Eſtatua em reconhecimento das mercês, que vos tenho feito, e eſpero fazer-vos, virá tempo, em que voſſos filhos a derrubem, e a golpes de pedras a deſpedaſſem. Sahio eſta voz de hum coraçaõ preſago; que os golpes das pedras levantadas por muitas mãos, naõ desfizeraõ a imagem, ſenaõ o Original.

Paſſou o reſto deſte anno ſem outros ſucceſſos, que o de impedirem os máos tempos o fim da navegaçaõ de duas caravellas, que o Infante D. Henrique mandára a continuar os ſeus deſcobrimentos; e o Infante Regente reſolver ſe entregaſſe a Praça de Ceuta pela liberdade de ſeu irmaõ D. Fernando. Foraõ mandados para eſta diligencia á meſma Praça D. Fernando de Caſtro, e ſeu filho D. Alvaro; mas perdendo o primeiro a vida em hum combate, que teve com os Genovezes, e

o

segundo experimentando no tyran- Em vulg.
o Lazaraque as perfidias, que deixo
eferidas na vida do mesmo Infante,
icou rota a negociaçaõ do seu resga-
e.

No anno seguinte, as inducções 1441
le pessoas interessadas trabalháraõ por
acrificar á sua ambiçaõ o credito de
uma Rainha taõ estimavel, como D.
eonor. O Prior do Crato, e outros
idalgos de humor inquieto, que nas
guas envoltas da perturbaçaõ queriaõ
escar as suas vantagens, a persuadíraõ
e retirasse de Sintra para Almeirim,
onde lhe ficava mais facil a commu-
icaçaõ com os Infantes de Aragaõ,
eus irmãos; unicos apoios, que elles
ntendiaõ com esforço para deitarem
baixo o partido do Regente. A pru-
encia deste Principe, que nada dese-
ava tanto como promover a paz, pa-
a prevenir a rotura, veio com El-Rei
para Santarem, que estava perto da
ova residencia da Rainha, aonde lhe
era facil observar todos os seus movi-
mentos. Como todas as apparencias de
Castella se lhe descobriaõ favoraveis,
mo-

Era vulg. movidas pela authoridade dos Infant
de Aragaõ, o Regente fez huma li
no mesmo Reino com os inimigos de
tes Infantes, que eraõ o Condestav
D. Alvaro de Luna, e o Mestre de A
cantara D. Guterres. A Rainha, q
sabia usar a tempo das industrias, fi
gio com o Regente huma composiç
com todas as exterioridades de sincé
para o divertir, assim de observar
suas acções, como de entreter effec
vas as correspondencias de Castella.

Quando se fazia deleitavel esta sor
bra da tranquillidade, o Duque de Br
gança, que na Beira desenganára a s
irmaõ o Infante D. Henrique na pr
posta da uniaõ com o Regente; q
soube da alliança, que a Rainha co
trahíra com o Rei de Navarra, e co
os Infantes seus irmãos; que notou
descuido do Regente nascido da
boa fé: suggerio á Rainha se reti
para o Crato, aonde foi recebida
Prior; donde mandou para Cas
quanto tinha de precioso, e se p
rou para fazer o mesmo com a p
Estando assim as cousas, a insti

dos Infantes de Aragaõ mandóu o Rei Era vulg. de Castella Embaixadores a Portugal, que em tom de severidade pediaõ se restituisse a Regencia á Rainha, ou se lhe permitisse liberdade para se recolher a Castella: que as Ordens Militares de Avís, e de Sant-Iago em Portugal, que se haviaõ separado da de Sant-Iago, e Calatrava em Castella, tornassem a reunir-se: que os Bispos, em muitas idades suffraganeos de Sevilha, e que já presumiaõ naõ o ser, reentrassem nos seus deveres, conhecendo o Arcebispo daquella Cidade pelo seu Metropolitano.

O Regente nada quizéra responder á arrogancia desta demanda; mas instado pelos Ministros, que diziaõ ter ordens apertadas para senaõ recolher sem resposta; elle se deliberou a ouvir os votos do Conselho. Nelle foraõ os sentimentos diversos; porque huns queriaõ, que em nome del Rei D. Affonso se respondesse por escrito em methodo conforme ao da representaçaõ; outros diziaõ, que a audacias semelhantes se respondia com as armas

Era vulg. na maõ. O Regente, porém, tomou o caminho do meio, e despedindo os Embaixadores com severidade, ordenando-lhes sahissem do Reino, concluio: Que dissessem a seu Amo, como elle naõ era a causa do retiro da Rainha, nem capaz de consentir infracções nas liberdades do Reino. Despedidos os Embaixadores, escreveo á Rainha quizesse crêr a sua fidelidade, e fiada nella recolher-se para Lisboa: mas a resposta foi fortificar se no Crato, e soprar as faiscas para atear o incendio de huma guerra civil, reforçada pelos partidos de Castella. O temor, que sempre teve o Regente, de que ella se lhe attribuisse, foi causa delle naõ haver seguido os pareceres de seu irmaõ, o Infante D. Joaõ; que se o houvesse feito, talvez naõ chegassem os negocios a huma situaçaõ taõ critica.

Na figura em que elles se pozeraõ, o Regente cuidou nos meios de se prevenir para quaesquer acontecimentos. A seu irmaõ o Infante D. Henrique encarregou o governo da Beira; a D. Joaõ o do Alem-Téjo, a Alvaro

Vaz

Vaz de Almada, depois Conde de Abrantes, o de Lisboa; a Ayres Gomes da Sylva o do Porto. Com o desejo de evitar huma expediçaõ contra o Crato, donde cada dia se forjavaõ desordens, naõ só impedio a entrada de mais mantimentos, que os necessarios para a familia da Rainha; mas mandou publicar hum bando em nome del Rei por todas as terras do Priorado, em que ordenava que dentro de dez dias sahissem de todas as Villas, e fortalezas as pessoas, que as guarneciaõ, excepto a Rainha, e os seus criados. A desobediencia a este Decreto resolveo o sitio do Crato, para onde marchava o Infante Regente, quando teve o gosto de encontrar no caminho a Ruy da Cunha, Prior de Guimarães, e ao Provincial do Carmo, Bispo que foi da Guarda, tendo-o já sido de Ceuta, que vinhaõ de Roma, e lhe entregáraõ a Dispensa para El-Rei casar com sua filha, e os Breves da isensaõ de Elvas, e Olivença aos Bispados de Badajóz, e de Tuy, com os da separaçaõ das Ordens de

Era vulg.

Avis,

Era vulg. Avís, e Sant-Iago de Portugal, das de Sant-Iago, e Calatrava de Caſtella.

O temor de ſer ſitiada no Crato appreçou a fugida da Rainha para Caſtella, unica nota, que ſe deſcobre na vida deſta eſtimavel Princeza. Ella foi acompanhada do Prior, e de ſeus filhos, de D. Affonſo, Senhor de Caſcaes, e de ſeu filho D. Fernando, de D. Joaõ Henriques, e de outros Fidalgos, que deixáraõ o Crato ſem reſiſtencia em poder do Infante. Elle foi á Beira aviſtar-ſe com D. Henrique para unirem alguns animos diſcordes, entre elles o do Duque de Bragança, que entaõ conſeguio do Infante ſeu irmaõ a graça de ſer reſtituido ao Arcebiſpado de Lisboa, ſeu cunhado D. Pedro de Noronha, que ſe refugiára em Caſtella: graça, a que o Duque naõ deo depois o devido reconhecimento. Os negocios deſte anno ſe concluíraõ com as Cortes de Lisboa, em que ſe reſolveo o do caſamento del-Rei, antes ajuſtado com D. Iſabel, filha do Infante Regente, e no dia 25

de

de Maio se celebrárão os desposorios Era vul com grande magnificencia, tendo já El-Rei déz annos de idade.

Sempre anciosio por propagar o Evangelho nas terras dos Barbaros, o Infante D. Henrique mandou a Antaõ Gonçalves, moço da sua guarda-roupa, a continuar a nevegaçaõ pela cósta de Africa, e carregar o navio de pelles dos lobos marinhos no Cabo-Bojador. Elle cumprio esta commissaõ; e naõ satisfeito sem trazer alguns homens daquelles paizes para lisongear o gosto do Infante, com oito companheiros penetrou tres legoas de terra, e prendeo hum Jalofo, que encontrára. Na volta para o navio descobrio 40, que viraõ os nossos como pasmados, e embrenhando-se nos mattos, desampararáraõ huma mulher, que tambem prendêraõ. Estando prestes a partir, chegou á mesma paragem Nuno Tristaõ, que invejoso da ventura de Antaõ Gonçalves, o instou para tornarem á terra, e augmentárem o número dos prisioneiros, como fizeraõ com mais déz. Em premio de ser Antaõ

a vulg. taõ Gonçalves o primeiro, que deſcobrio eſtes novos homens, Nuno Triſtaõ o armou Cavalleiro na meſma Enceada, que por iſſo ſe chama o Porto dos Cavalleiros.

Voltou Antaõ Gonçalves para Portugal com as pelles, e os negros, que lhe merecêraõ os cargos honroſos de Eſcrivaõ da Puridade, e de Alcaide Mór de Thomar. Nuno Triſtaõ ſeguio a ſua derrota, e chegou ao Cabo-Branco, ſem deſcobrir couſa de novo, donde voltou para o Algarve. O Infante, alvoroçado com o prazer deſtas noticias, mandou a Fernaõ Lopes de Azevedo, que as foſſe communicar ao Papa Martinho V., e ao meſmo tempo repreſentar-lhe os ſerviços, que os Portuguezes faziaõ á Igreja Santa com tanto diſpendio de ſangue, trabalhos, e fazenda; que em recompenſa delles concedeſſe á Coroa de Portugal o ſenhorio das terras, que conquiſtaſſe, e Indulgencia plenaria a todos os que morreſſem neſtas emprezas. Entendia entaõ a credulidade dos Fiéis, que o Dominio temporal de todo o

mun-

mundo fora Patrimonio das Chaves de S. Pedro, e que pelos motivos de Religiaõ os Pontifices podiaõ deitar hum jugo ás Nações, que nascêraõ livres, e que só devem ser trazidas ao Rebanho de Jesu Christo de que andaõ desgarradas, pelos meios que este Chéfe Divino deixou ensinado aos seus Apostolos, e naõ he a dureza do ferro, senaõ a suavidade da palavra, naõ o terror, mas a brandura. Era vulg.

Tinhaõ determinado as ultimas Cortes de Lisboa, que o Infante Regente privasse a Rainha de toda a sua authoridade, e rendas, como a perturbadora do socego publico, que para mais o inquietar, fugíra do Reino. O Regente, tanto naõ quiz conformar-se com esta resoluçaõ dos Póvos, que antes se valeo da mediaçaõ do Duque de Bragança para persuadir á Rainha quizesse restituir-se a Portugal, e concorrer com elle na administraçaõ do Estado de seu filho. Ella se escusou a dar ouvidos a requerimento taõ justo, fiada na protecçaõ da Corte de Castella, que achou governada por seus ir- 1442

a.vulg. mãos depois da expulsaõ do Condestavel, e do Mestre de Alcantara; conseguindo os seus rogos, que o Rei D. Joaõ II. mandasse segunda Embaixada ao Regente concebida nos termos precisos, de que entregasse o governo á Rainha, ou se tivesse por desafiado para a guerra.

Depois de consultada a resposta no Conselho, que se fez em Evora, se deo aos Ministros a de os mandar recolher, com a certeza de que a nada se lhes differia do que tinhaõ requerido; e voltando segunda Embaixada, naõ se mudou de estylo, nem Castella declarou a guerra. Todos estes contratempos se aggraváraõ no espirito do Regente com a mórte immatura de seu irmaõ o Infante D. Joaõ succedida em Setembro deste anno de 1442 aos 42 da sua idade: Principe, que elle muito amava, e que delle era taõ amado, que persuadindo-o D. Affonso de Cascaes abandonasse o partido do Regente, que a Rainha cedería nelle o governo, e casaría a El-Rei com sua filha D. Isabel, elle respondeo magnani-

nimo, que defprezava coroas, e prof- peridades, que havia adquirir por meios indecentes á fua honra, concorrendo para fer affrontado o filho mais velho de feu pai: Refpofta digna de tal Principe, de taõ poucos imitada. O feu corpo jaz no Mofteiro da Batalha, e Capella del Rei D. Joaõ I. no terceiro lugar dos Infantes feus irmãos.

Era vulg

No mefmo anno foi confirmado pelo Infante o Titulo de Duque de Bragança em D. Affonfo, que fe intitulára Conde de Barcellos, por morte de D. Duarte, que era fenhor daquella Villa, e aqui teve Origem a grande Cafa, que hoje occupa felizmente o noffo Throno. Pouco fobreviveo D. Diogo a feu pai o Infante D. Joaõ, que como naõ deixou outro filho, ficou vago o emprego de Condeftavel, que o Regente pedio a El-Rei para feu filho D. Pedro; mas o Marquez de Valença, Conde de Ourem, com o fundamento de fer neto de D. Nuno Alvares Pereira, a quem feu Avô El-Rei D. Joaõ I. o dera de juro-herdade, pedio para fi efta graça, que o Infante

1443

ob-

Era vulg. obtivera por ser casado com sua irmã. O Regente se escusou, lembrando-lhe, que era tres vezes Conde; que acabára de confirmar a seu pai Duque de Bragança, e que tudo recahia nelle. Sentio-se o Marquez da repulsa, naõ vio mais vivo ao Infante, a quem depois maquinou a mórte. A do Infante Santo D. Fernando, succedida por este mesmo tempo no seu cativeiro de Fez, redobrou a desconsolaçaõ do Reino, e porque vagára o Mestrado de Avís, que elle possuia, foi provido no mesmo filho do Regente, que além da qualidade, o merecia pelos talentos, nos poucos annos mais brilhantes.

Por ordem de D. Henrique intentou este anno nova viagem o Aventureiro Nuno Tristaõ, que entendendo acharia ouro se avançasse a navegaçaõ, descobrio as Ilhas de Arguim, célebres pela Fortaleza da Negricia, que mandou fundar El-Rei D. Affonso no anno de 1461. A Capital destas Ilhas fica quatorze leguas além do Rio do ouro, aos 20 gráos, e 15 minutos de Latitude, e aos dous, e 20 minutos de

Lon-

Longitude. Nuno Tristaõ fez nella muitos prisioneiros, que naõ tinhaõ para a perda da liberdade mais culpa, que a de nascerem Gentios. Daqui passou a outra Ilha, a que deo o nome das Garças, em razaõ de muitos destes passaros, que nella vio, e avançando os descobrimentos perto de trinta leguas, se recolheo á Cidade de Lagos; aonde moveo a inveja em muitos animos honrados, e a outros dos mais Póvos maritimos do Algarve, que se offerecêraõ ao Infante para armarem embarcaçőes á sua custa, e adiantarem a navegaçaõ, com o interesse de lhes satisfazerem o valor dos generos, que trouxessem daquellas partes. Nos successos do anno seguinte, nós veremos o desta expediçaõ dos Algarvios.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO III.

Continuaçaõ dos deſcobrimentos de D. Henrique, e da Regencia de D. Pedro.

1444 ACEITANDO o Infante D. Henrique a offerta da gente do Algarve, Lanſarote, Almoxarife de Lagos, que a arbitrou, Gil Annes, que deſcobrira o Cabo Bojador, Eſtevaõ Affonſo, Joaõ Dias, Rodrigo Alvares, e outros homens de eſpirito, que no Algarve nunca foraõ taõ raros como ſe penſa, ſahíraõ de Lagos com ſeis embarcações em demanda da Ilha das Garças. Aqui ſe informáraõ da ſua qualidade, e de que a povoavaõ duzentos homens ſepultados na profundidade do ſocego, em que o retiro os tinha poſto havia tantos ſeculos. Saltáraõ em terra 28 dos noſſos, que encontrando huma debil reſiſtencia em gentes, que ignoravaõ o dominio de huns ſobre outros homens, e que humas Nações combatiaõ as outras; que havia guerra, e

os motivos para ella ser justa: 155 se deixáraõ prender, e os mais morrêraõ, porque resistiraõ. Daqui passáraõ á Ilha de Tider, aonde fizeraõ outro consideravel número de prisioneiros, que trouxeraõ a Lagos para resarcirem com o seu preço as despezas da viagem.

Era vulg.

Outro homem da mesma Cidade, chamado Vicente de Lagos, e o Genovez, ou Veneziano, Luiz Cadamusto, que no anno de 1432 tinhaõ avistado as Ilhas dos Açores, descobríraõ neste o Rio Gamba; mas estas expedições houvêraõ de se suspender alguns tempos por causa das muitas jornadas, que os negocios intrincados do Reino obrigavaõ a fazer ao Infante D. Henrique, arrancando-o do seu amavel retiro da Villa de Sagres.

As perturbações dos chamados Infantes de Aragaõ, que eraõ o Rei de Navarra, D. Joaõ, e seu irmaõ D. Henrique, tinhaõ reduzido Hespanha a huma situaçaõ triste. Casára o Rei com D. Joanna, filha do Almirante de Castella; D. Henrique com D. Brites,

Era vulg. filha do Conde de Benavente : allianças com raizes taõ fundas no terreno de Caſtella, que o ſeu Rei naõ pode arrancallas, antes rodeado dellas, o enlaçáraõ, e prendêraõ no lugar de Portilho. O Principe D. Henrique, e os Grandes do Reino ſentiaõ eſta deſgraça do ſeu Soberano, que outra vez reſtituíra a graça ao Condeſtavel D. Alvaro de Luna, origem deſte deſagrado dos Infantes. Dos ſucceſſos deſta guerra, e do modo, por que o Rei obteve a liberdade, ſó nos pertence o ſoccorro, que elle mandou pedir ao Regente, e eſte lhe enviou compoſto de 2ↀ000 cavallos, e 5ↀ000 Infantes, commandados na idade mais tenra por ſeu filho o Condeſtavel D. Pedro, que ſe conduzio com dexteridade excellente, merecedora das attenções do Rei de Caſtella, ainda que chegou a tempo, em que elle já tinha derrotado os Infantes ſeus inimigos.

Naõ obſtante eſta decadencia dos Infantes, a Rainha de Portugal ſua irmã, que eſtava em Toledo, ſem perder a eſperança de reſtabelecer no Rei-

no as ſuas pretenções, ella entendia, que ſe podeſſe determinar o Rei de Caſtella a declarar a guerra ao Regente, eſta declaraçaõ poría o governo em deſordem, e os que delle eſtavaõ encarregados, cuidariaõ em retirar-ſe, por naõ expôr a ſua reputaçaõ, e a da Monarquia a huma guerra, que Portugal naõ poderia ſuſtentar. Occupada deſtas reflexões quimericas, ella empenhou todo o reſto, e para mover o Rei D. Joaõ a ſeu favor, lhe fez entrega de quanto trouxera de Portugal, precioſo; mas o Rei eſteve mais prompto a acceitar o que ella lhe dava, que a fazer-ſe partidario dos ſeus deſignios, alterando a indifferença para ſe embaraçar em huma guerra com os Portuguezes. Neſte eſtado triſte a Rainha, ſem dinheiro, ſem poder, ſem protecçaõ, nem alliados, vivia em ſimples Dama particular; forçada da neceſſidade a valer-ſe do Conde de Arrayolos para conſeguir do Infante Regente, que ao menos, por hum eſpirito de caridade, a ſoffreſſe no Reino, aonde ella eſtimava mais viver, e morrer

Era vulg.

Era vulg. rer na eſcuridade, que andar no público de huma Corte eſtrangeira mendigando o neceſſario para a ſua ſubſiſtencia. Graça, que Portugal naõ recuſaría a huma Senhora, que fora ſua Soberana.

1445 Quando o Infante ſe deixava tocar da extremidade dos infortunios da Rainha para condeſcender com os ſeus rógos, a morte pôz termo ás ſuas deſgraças, e á ſua vida. Ella, e ſua irmã D. Maria, Rainha de Caſtella, com pouca differença de tempo foraõ duas victimas, que acabáraõ com o meſmo genero de mórte violento, e prematuro, que lhe miniſtrou o monſtro em ambas as fortunas. Naõ faz myſterio a Hiſtoria, nada eſcrupuliſa em nos dizer, que o Condeſtavel D. Alvaro de Luna, eſquecido da humildade dos ſeus principios, depois de ſer o canal das revoluções laſtimoſas de Heſpanha, tambem o fora do veneno, que tirou a vida a eſtas duas Rainhas para deſaffogar nellas o odio pelo crime de ſerem irmãs dos Infantes de Aragaõ, concurrentes com elles para a

der-

derrota da sua fortuna, é do seu credito. Com a noticia desta barbaridade, foi o Infante Regente á Raya de Castella esperar a Infante D. Joanna, donde a mandou conduzir, e a trouxe para a companhia de sua irmã D. Catharina; admitindo no serviço del Rei todos os criados da Rainha, que julgou dignos desta graça.

Era vulg.

Como esta morte succedida aos 29 de Fevereiro promettia mais tranquillidade ao interior do Reino, o Infante D. Henrique pode vir para a sua residencia do Algarve continuar a fazer á Pátria, nos seus descobrimentos, os assignalados serviços, de que ella ha tantos seculos recolhe avultadas as usuras. Como a Cósta de Guinê, já estava communicavel, e bem fundadas as esperanças do resgate do ouro, elle mandou a hum seu criado ordinario, mas valeroso, chamado Gonçalo de Cintra, para penetrar mais os segredos escondidos naquellas terras incognitas. Navegou este homem até á Angra, que hoje se dá a conhecer com o seu nome, quatorze leguas além

do

Era vulg. do Rio do Ouro. Elle ſe fiou de dous cativos nas expedições paſſadas, que levava por linguas, que o enganáraõ; e fazendo-o montar o Cabo-Branco, lhe promettêraõ huma grande preza em certa paragem, que lhes ſervio para porem em cobro a amavel liberdade. O Cintra quiz deſpicar o engano dos Buçaes com a tomada de huma Aldeia, que aviſtou, e inveſtio com doze homens: mas rodeado de hum bando de Gentios, já inſtruidos pela luz da razaõ a defender-ſe, cinco dos noſſos apenas ſe podéraõ ſalvar no batel, e os ſeis com o Cintra foraõ mórtos; elles os primeiros Portuguezes, que rubricáraõ com o ſeu ſangue as noſſas conquiſtas, por diminuto enſaio da grande cópia, que derramado no mar, tinha de tingir as ondas, e eſpalhado na terra, havia matizar as plantas.

Neſte meſmo anno ſe preparáraõ outras navegações, de que farei memoria, ainda que ſe concluíraõ no ſeguinte. Sentio o Infante a perda dos ſete Portuguezes, por ſerem os primei-

meiros mórtos nas ſuas viagens, e Era vulg.
reſolveo mandar a Antaõ Gonçalves,
e a Diogo Affonſo com o Patraõ Mór
Diogo Pires em tres barcas ao meſmo
ſitio para perſuadirem aos Gentios
abraçaſſem a Fé, e quando naõ o po-
deſſem conſeguir, ajuſtaſſem com el-
les paz. Naõ quizeraõ os brutos co-
nhecer por Miſſionarios homens arma-
dos, nem travar amizade com gente,
que matava, e cativava; e ſem mais
fructo, que a priſaõ de hum negro, e a
offerta officioſa de hum Mouro, que
pedio o trouxeſſem a Portugal, por-
que deſejava vêr o Infante, elles ſe fi-
zeraõ na volta do Reino. Com pouco
mais de vantagem, que foraõ vinte
cativos, ſe recolheo ao meſmo tempo
Nuno Triſtaõ de outra viagem, que
fez ao Rio do Ouro.

Diniz Fernandes, que era hum
criado del Rei, rico, e valeroſo, quiz
ſeguir os paſſos deſtes Aventureiros,
e paſſar além deſtes deſcobrimentos.
Para liſongear o Infante armou hum
navio á ſua cuſta, e ſe lançou ao mar
em buſca de terra. Elle paſſou o

Era vulg. huma menoridade ſe coſtumaõ liſongear os coraçðes ambicioſos.

1446 Vio elle, que o ſeu Pupilo neſte anno de 1446 cumpria os 14 da ſua idade, que he o da maioridade dos Principes, e cuidou em convocar Cortes em Lisboa para fazer eſta declaraçaõ ſolemne, deſiſtir do Governo, entregallo a ſeu domno, e beijar a maõ ao Rei, como a ſeu Senhor. Eſta ceremonia ſe fez com o apparelho magnifico, que pedia huma acçaõ deſta importancia. O Diſcurſo eloquente, terno, e mageſtoſo, que elle entaõ fez ao Rei, correo claro na conta miuda, que elle lhe deo de quanto obrára no tempo da ſua Regencia; nas proteſtações, que lhe fez, de que elle naõ a acceitára com mais fim, que os intereſſes do Eſtado, ſem a menor lembrança de ſatisfazer a ſua ambiçaõ; e na complacencia, que os Póvos deviaõ ter de render obediencia a hum Principe taõ completo, como elle era.

El-Rei, ainda naõ dominado pelas ſuggeſtões, que a todo o cuſto ſabe inſ-

inſpirar o monſtro da inveja, agradeceo a ſeu Tio na preſença dos Infantes D. Fernando, D. Henrique, e de muita parte da Nobreza a ſinceridade do ſeu affecto; pedindo-lhe naõ defraudaſſe o Reino dos fructos das ſuas experiencias na continuaçaõ do Governo, que tornava a encarregar-lhe, até que as ſuas mãos foſſem mais robuſtas para ſuſtentar o peſo do Sceptro. Quizera o Infante eſcuſar-ſe; mas as inſtancias do Rei foraõ tantas, e acompanhadas de huma como quitaçaõ geral illuſtriſſima, em que ſe dava por taõ ſatisfeito do que ſeu Tio até entaõ tinha obrado, que elle naõ pode deixar de condeſcender com o que El-Rei lhe mandava.

Era vul[illegible]

Á celebraçaõ das Cortes, e declaraçaõ da maioridade do Rei, ſe ſeguio a declaraçaõ formal dos ſeus deſpoſorios com D. Iſabel, filha do Infante Regente, que ſe conſummáraõ depois. O Duque de Bragança reforçou novos empenhos para impedillos; mas o Rei, que eſtava vivamente inclinado á Infante, naõ fez caſo das ſugges-

Era vulg. geſtões do Duque, intereſſado pela r
ta, que logo vio Rainha de Heſpan
pelos bons officios de D. Alvaro
Luna. Eſte homem formidavel naõ
embaraçou com a vontade do ſeu R
naõ ſe cançou em lhe dar parte,
que o caſava em Portugal com D. I
bel, neta do Duque de Bragança,
filha do Infante D. Joaõ, ſenaõ dep
de a ter pedido. Entaõ o ſoube, e c
ſe El-Rei, que queria, porque o q
D. Alvaro; que em hum Rei foi m
to querer. Depois do meſmo hom
ter deſpreſado os benemeritos, e p
miado trahidores, ordenou ao ſeu R
que mandaſſe D. Sancho de Toledo p
Embaixador a Portugal para em
nome ſe deſpoſar com a Infante, c
foi mãi da Rainha Catholica D. I
bel.

1447 Na ſua companhia levou a n
Rainha para Caſtella em qualidade
Dama a D. Brites, irmã do prime
Conde de Portalegre, Aſtro lumino
que perturbou aquella Corte com
luzes exceſſivas da ſua formoſura,
depois illuminou as Heſpanhas cor

claridade das ſuas virtudes. A troco Era vulg
do ſangue, e das vidas, por meio do
furor das armas diſputavaõ os Fidalgos
Caſtelhanos, qual havia ſer o venturoſo,
que gozaſſe as ternuras, a
gentileza de D. Brites. Unio-ſe á deſordem
dos amantes o ciume das outras
Damas menos attendidas, que do fogo
atiçado por elle vaporavaõ fumos
de vingança contra a inimiga innocente,
ſem culpa por ſer formoſa, nem
cometter crime em ſer amada. Como
ellas naõ podiaõ traçar o deſpique, ſenaõ
pela peſſoa mais inclinada a D.
Brites, que era a Rainha, as Damas,
com impoſturas enormes, com calumnias
negras, atacáraõ na preſença Real
a virtude, a reputaçaõ, quanto havia
de delicado, na reſpeitavel Fidalga,
que em fim, por ordem da Rainha,
foi preza.

A conſtancia, com que eſta virgem
incomparavel ſopportou o peſo da ſua
infelicidade, o ſilencio energico com
que levou tantas accuſações falſas, foraõ
o advogado eloquente da ſua innocencia,
a que ninguem ſe attrevia
reſ-

Era vulg. responder. Mas o mundo, que esquece o que naõ vê, fez perder na Corte ás memorias de D. B ites, tanto que nella deixou de ser vista, e este esquecimento o tiveraõ as suas concurrentes pelo despique mais generoso, a que podia aspirar o heroismo dos seus corações. Quando assim as lisongeava a sua vaidade, tornou a apparecer o Astro na sua esfera, taõ mudada a natureza das luzes, que todas as que nella scintilavaõ, eraõ do Ceo. D. Brites deixou-se vêr na Corte para se esconder ao seculo; taõ illustrada da graça, que com ella venceo a affeiçaõ extremosa, que tinha pela Rainha, e se occultou no Convento das Religiosas de S. Domingos de Toledo, aonde fez cinco annos huma vida de Anjo. Já o seu espirito, bem costumado ás austeridades do Claustro, tinha forças para maiores emprezas, e ella se applica a formar a Ordem da Conceiçaõ, que foi approvada por Innocencio VIII. no anno de 1489. A Rainha, edificada das suas virtudes, lhe deo humas casas na mesma Cidade, para onde ella

la passou com doze Virgens, que por determinaçaõ do mesmo Papa abraçáraõ o Instituto de Cister; mas sobrevindo pouco depois a morte preciosa de D. Brites, as Religiosas sem mudarem o nome da Conceiçaõ, nem a fórma do habito, seguíraõ a Regra de Santa Clara.

Em vulg.

Com estes successos dou eu por acabados os deste anno; e como os do futuro saõ já pertencentes ao reinado de D. Affonso V. depois de declarado maior, elles deviaõ ter lugar na vida deste Principe; mas por naõ deixar truncada, e para passar a outro Tomo a continuaçaõ da Historia dos Infantes D. Pedro, e D. Henrique, aos quaes Portugal deveo tantos beneficios, eu a continuarei nos Capitulos seguintes até ás suas mórtes, ainda que depois haja de repetir de passagem em alguns lugares as acções, que lhes pertencerem na vida do mesmo Rei.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Trataõ-se os mais succeſſos da vida do Infante D. Pedro até a ſua morte.

OS dous Infantes D. Pedro, e D. Henrique, dos quaes eu vou a eſcrever o reſto das ſuas vidas precioſas, elles ſaõ taõ merecedores dos noſſos reſpeitos, que devo com juſtiça fazer á ſua memoria o obſequio de eſcrever delles com particularidade os ſeus ultimos acontecimentos. D. Pedro, que he agora o meu primeiro objecto, depois do Rei ſeu ſobrinho o rogar para a continuaçaõ do governo, como fica dito, induzido pelo Duque de Bragança, por ſeu filho o Conde de Ourem, por ſeu cunhado o Arcebiſpo de Lisboa, que naõ temêraõ a nota de ingratos, com tanto que deſaffogaſſem o odio, lhe ordenou deſiſtiſſe delle: o que foi executado pelo Infante ſem a menor repugnancia. Como a calumnia bem apoiada arguîa todos os ſeus procederes; como as impoſturas eraõ

a alma da negociaçaõ; como todos os provimentos feitos pelo Infante se julgavaõ effeitos da infidelidade, ou da injustiça; o Duque de Bragança, em tom de quem marchava para huma campanha, andou pelo Reino abysmando com infamia quantos officios, e quantas creaturas tinhaõ a marca da beneficencia do Infante, seu irmaõ. Nada sentia este Principe as quebras da sua authoridade, e fazenda no cotejo com a perda da equidade, e reputaçaõ. Prevendo, que a ordem para sahir da Corte naõ tardava, elle pedio primeiro a licença, e se retirou para Coimbra.

Era vulg.

Entaõ aquelles tres Senhores, occupados de disposiçóes malignas, naõ perdoáraõ a genero algum de intriga para inspirar ao Rei minino huma desconfiança geral do caracter do Infante. Elles lhe representáraõ os abusos, que fizera da Regencia; o grande partido das suas creaturas; que só elle fora o author das mortes de seu pai, D. Duarte, da de sua mãi D. Leonor, e do Infante D. Joaõ, aos quaes fizera dar veneno para facilitar a sua subida ao

Era vulg. Throno, e que com o meſmo fim attentára tambem contra a ſua vida precioſa, que o Ceo tinha preſervado, e que elle devia pôr a coberto da impiedade de hum tal ambicioſo, deſcartando-ſe delle. Naõ eſcapou á mordacidade do monſtro a virtude provada do Infante D. Henrique, que no conceito prevertido do Rei foi eſtimado co-réo, ou ao menos ſabedor dos delictos imaginários de ſeu irmaõ, que quiz juſtificar com a meſma ſolidez de razões, com que o fizera a ſi proprio: porém notando ſem limites a preoccupaçaõ do Rei, houve de ſe callar, por naõ ſe perderem ambos.

Semelhantes aviſos como os que ſe metteraõ nos ouvidos do Rei, ainda que falſos, elles ſempre fazem huma impreſſaõ deſavantajoſa ſobre a peſſoa, contra quem elles ſaõ dados. Porque o Rei os eſcutou, o tio, e ſogro ſe lhe fez aborrecivel, naõ baſtando o metter terra de permeio para o Duque, e os ſeus parciais lhe naõ perſuadirem a retirada do Infante (que elle fizera por hum eſpirito de diſcriçaõ, e prudencia,

eſ-

eſpecialmente depois de vêr ſobre o Throno a ſua filha) por huma politica eſcura, que eſcondia alguns deſignios perverſos, a que elle intentava arrojar-ſe. Eis-aqui huma ſolercia, naõ ſó apparente, mas abominavel, com que nas Cortes a maior parte dos Aulicos pretende eſtabelecer os ſeus negocios ſobre os deſtroços dos alheios. Era vulg.

Veio por eſte tempo de Sintra a Lisboa o Conde de Abranches D. Alvaro Vaz de Almada, ſervidor fideliſſimo do Infante, aquelle Fidalgo famoſo, que com o ſeu valor tinha aſſombrado a maior parte da Europa, que diſcorrêra; e ouvindo tantas accuſações indignas do caracter do Principe, naõ as pode ſoffrer callado. Era grande o empenho, para que o Conde naõ foſſe ouvido no Conſelho, que o Rei queria fazer ſobre negocios taõ delicados; mas elle rompendo por toda a oppoſiçaõ, entrou, e com tanto deſembaraço, como corage, ſuſtentou a innocencia do Infante, e a ſua, e moſtrou evidente a calumnia, a malicia dos inimigos de humas probidades

taõ

Era vulg. taõ notorias. Os meſmos ſentimentos deſte Fidalgo foraõ os do Conde de Arrayolos, que eſtimou a verdade ſobre o reſpeito do Duque de Bragança, ſeu pai, e os do Conde da Atouguia, que naõ ſopportavaõ a injuſtiça feita ao Infante, e aſſim o inſinuáraõ no eſpirito do Rei. Como as tentativas deſtes Senhores nada approveitáraõ, por haverem os emulos ganhado a vã-guarda com o Duque de Bragança na téſta; o Conde de Abranches foi veſtir as armas, com que coſtumava entrar nos combates, e vindo á preſença del Rei, lhe diſſe: Que a ſua Mageſtade incorreria em huma nota eterna, ſe elle lhe naõ déſſe permiſſaõ para ſe bater com todos os inimigos do Infante Duque D. Pedro, que elle vinha deſafiar na ſua Real preſença, para provar a innocencia de ſeu tio com o deſtroço de todos elles: Que como injurias taõ enormes já ſenaõ lavavaõ ſenaõ com ſangue, era credito delle Rei permitir-lhe ſuſtentar em campo a vingança de hum amigo auſente, offendido na honra, e na peſſoa.

Era

Era taõ sublime o espirito del Rei nos seus poucos annos, que naõ se lhe fez reprehensivel esta gentileza do Conde, taõ pouco vulgar em todas as idades. Elle a estimou por effeito do seu grande espirito, pela próva mais elegante de huma verdadeira amizade; mas esta espada gentil, com tanta justiça desembainhada, nem conseguio a licença para se esgrimir contra os inimigos inexoraveis, nem pode cortar no Rei os fios enredados das suspeitas, que o fizeraõ conceber da fidelidade do Infante. Como o Conde já naõ tinha meios de que se valer para sustentar o credito do perseguido, elle partio com o Infante D. Henrique para Coimbra a consolarem o Principe nas adversidades, já com a idéa concebida de que o leito da morte de hum havia ser o mesmo da do outro. Immediata a esta partida, se vio respirar a cólera do Rei no Decreto severo, em que mandava, que pessoa alguma fosse a Coimbra vêr o Infante sem licença sua; que elle naõ podesse mandar á Corte pessoa, ou pessoas da sua familia, nem

Era vulg.

Era vulg. sahir das suas terras sem permissaõ Real; com pena de morte fulminada a elle Infante, e a quaesquer outros transgressores desta ordem.

Para se entender, que este Decreto foi suggerido a El-Rei pelos inimigos do Infante, basta ouvir-lhe o tom. Elle quiz fazer representações para ser moderado; mas naõ lhe admittindo genero algum de requerimento, seu irmaõ D. Henrique, e o Conde de Abranches se retiráraõ, e elle passou para Monte-Mór o velho. O Duque de Bragança, que desejava remunerar-lhe as muitas obrigações, que lhe devia, com lhe armar o laço para o fazer cahir no crime de desobediencia, fingio com elle hum Tratado de concordia, que se explicava pelos termos mais indecorosos, indecentes, e indignos; ordenando El-Rei ao Infante, que o assignasse, porque se o naõ fizesse elles tinhaõ a inconfidencia, e a rebeldia por provadas. O Infante, ou percebendo a idéa, ou querendo sacrificar á obediencia do Soberano quanto nelle havia de honroso, de delicado,

até

até o seu mesmo decóro, sem replica firmou no Tratado a quebra do seu caracter. Passou-se a segunda invectiva, que foi mandallo reprehender por Diogo da Silveira de armar os Castellos das suas terras, como se esperasse nellas alguma invasaõ de inimigos. O Infante foi com o mesmo Emissario mostrar-lhe todos desarmados; assegurando-lhe, que elle naõ cuidava em mais defensa, que a de deixar á posteridade hum argumento irrefragavel da sua innocencia.

Como Diogo da Silveira naõ se explicou ao geito de quem o mandára, se o naõ tivéraõ por suspeito, sempre se córou a commissaõ com tirar ao Conde de Abranches o Castello de Lisboa; a D. Pedro, filho do Infante, o emprego de Condestavel, que se conferio ao Infante D. Fernando; a Ayres Gomes da Silva o dei Regedor, e a Luiz de Azevedo o de Védor da Fazenda. Urdio-se terceira industria, que foi mandar ao Infante entregasse logo as armas, que tinha nos seus presidios; porque se o naõ fazia de-

Era vulg.

Era vulg. declarava huma rebeliaõ nos indicios das ſuas intenções perverſas. Se as déſſe, e por movimento proprio ſe deſarmaſſe, elle meſmo ſe punha fóra dos termos de ſe defender no caſo de ſer atacado. Perplexo ſe vio o Infante como homem, ſe he que fiado no eſpirito da ſua fidelidade, elle naõ advertio, que o melhor partido era arrojar nos braços da ventura; entregar as armas, e as praças, que naõ podia, nem devia defender contra a ordem Real. Aſſim derrotaria nos ſeus inimigos os intentos da rebeliaõ, que quizeraõ imputar-lhe, quando elle eſcreveo a El-Rei em reſpoſta ao ſeu Decreto: Que elle eſtando por hora em paz com todos, naõ hávia miſter armas, ſobrando-lhe as da ſua innocencia para derrotar os ſeus inimigos; mas porque ignorava ſe eſtes o quereriaõ inveſtir, lhe permitiſſe ficar com as ſuas armas, que elle pagaria a dinheiro, ou mandaria vir outras de fóra.

Em quanto o Conde de Ourem ao lado do Rei ſuggeria tantas diſcordias, o Duque de Bragança, ſeu pai, que eſta-

tava Entre-Douro e Minho levantan- Era vulg
do trópas, teve ordem para vir a Santarém, aonde estava a Corte. Como elle naõ podia fazer a jornada sem passar pelas terras do Infante, e se lhe determináta, que assim o practicasse armado, elle tentou differentes vezes o passo pelo lado de Penella, para onde foi o Infante, aconselhado pelo Conde de Abranches, e outros Fidalgos, que entendêraõ dependia a sua conservaçaõ da ruina do Duque. Apenas se soube na Corte, que elle tinha fechado o passo, se mandáraõ ordens rigorosas ao Infante para o desimpedir. Elle recebeo com respeito profundo as ditas ordens, intimadas por Fernaõ Gonçalves de Miranda, e se reduziaõ a mandarlhe, deixasse passar o Duque, que vinha occupado no Real serviço: que elle se retirasse logo para Coimbra, donde naõ sahiría sem licença sua; e que se assim o naõ cumprisse, elle iria em pessoa castigallo como a rebelde, e desobediente. O Infante, longe de differir promptamente ao que se lhe requeria, respondeo a El-Rei: Que el-

Era vulg. elle, e o Duque de Bragança ambos eraõ vaſſallos, que naõ podiaõ pagar gentes de guerra; que elle licenciaria as ſuas; logo que o Duque, ſeu inimigo capital, fizeſſe o meſmo.

Fez o Conde de Ourem picar tanto a El-Rei deſta reſpoſta, que elle marcharia a forçar as Praças do Infante, ſe o Duque naõ achaſſe o expediente de ſe valer da noite para desfilar a ſua gente em pequenas trópas, como de caminhantes, em huma das quaes elle paſſou ſem perigo pela fragoſidade da Serra da Eſtrella. Quando o Infante ſoube a retirada do Duque, naõ fez movimento, contra o parecer do Conde de Abranches, que queria o ſeguiſſem para ſenaõ perder a conjunctura da ſua ſegurança na ruina dos ſeus inimigos. Com a chegada do Duque a Santarem ſubíraõ os negocios ao ultimo ponto da critica na informaçaõ, que elle deo ao Rei, e na facilidade com que eſte mandou publicar hum bando, no qual o Infante, e todos os da ſua facçaõ foraõ declarados rebeldes, trahidores, ſediciosos, acompanha-

nha-

nhado do ruido surdo, que promettia Em vul
assegurar-se o Rei das suas pessoas, especialmente da do Infante, que havia ser trazido a Lisboa vivo, ou morto. Entaõ se allistou gente em grande cópia, e se deo hum perdaõ geral a todos os criminosos, que viessem tomar armas contra o Infante infeliz.

Naõ se satisfez o odio com a ruina do pai sem culpa, e avançou a perseguiçaõ contra o filho innocente, o Condestavel D. Pedro, que residia nas terras do seu Mestrado de Avís. Contra elle marchou o Conde de Odemira D. Sancho de Noronha, irmaõ do façanhoso Arcebispo de Lisboa, para se assegurar da sua pessoa, com o pretexto, de que seu amigo o Mestre de Alcantara podia trazer gente de Castella em seu soccorro, e do Infante seu pai. O Mestre estava taõ longe destas idéas, que passando-se D. Pedro para Alcantara, sem pretender delle mais que o trato de huma hospedagem honrada, elle naõ exercitou a virtude, nem conheceo a pessoa. A fugida do filho firmou a sentença, que se lavrou

con-

vulg. mas para deixar ao mundo a memoria, de que este era o unico meio, com que se devia conduzir a honra de hum filho do Rei D. Joaõ I., Tio delle D. Affonso, seu Tutor, e pai da Rainha sua mulher: que se nada disto lhe aproveitasse, a honra, a vida, a pessoa, o credito, tudo elle fiasse do seu valor; que em lance algum devia desamparar hum Principe do seu caracter.

Como o Infante estava inclinado a esperar os seus inimigos em qualquer parte, e combatellos, exceptuando sempre a pessoa del Rei, prevaleceo a proposta do Conde, que no modo de se interessar por elle, e pela intençaõ, que formava de participar da sua boa, ou má fortuna, o fez dispôr a partir para Santarem sem perda de tempo. Tem os negocios da honra tantas delicadezas, que muitas vezes naõ deixaõ conhecer a homens de espirito sublime idéas barbaras, que se lhes figuraõ impetos magnanimos. Ainda que a uniaõ do Infante, e do Conde se fundava sobre huma amizade fiel, e sincéra, que os successos mais

sin-

singulares, naõ poderiaõ romper; elles a quizeraõ mais ligada com os vinculos santos da Religiaõ, que a fariaõ inviolavel. Para isso, depois de unirem os rógos ao Ceo, assim como tinhaõ apertados os coraçoẽs; depois de assistirem ao Sacrificio da Missa, e de receberem o Corpo de Jesu Christo sacramentado; elles se promettêraõ reciprocamente a alta voz, junto ao Altar, e juráraõ nas mãos do Padre, que era Alvaro Affonso, Capellaõ do Infante, que o destino de hum regularía o do outro; que se hum morresse na justificaçaõ da sua innocencia, o outro morreria pela defender; que ambos neste projecto naõ teriaõ senaõ hum mesmo principio, e hum mesmo fim.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO V.

Parte o Infante D. Pedro de Coimbra para Santarem, e he morto na batalha escandalosa de Alfarroubeira.

O AMOR, e actividade da Rainha D. Isabel, combatidos dos males, que receava, naõ havia dexteridade, que deixasse de metter em uso para impedir a rotura da guerra entre o pai, e o marido; e vendo os preparos da campanha, e o fundo dos animos já dispostos para executarem temerarias as resoluções, naõ quiz differir mais tempo o declarar-se com El-Rei. Ella se lhe lançou aos pés chorosa, afflicta, deixando antes fallar a natureza, que a lingua, antes os affectos, que as palavras, naõ podendo El-Rei resistir terno, concedendo benigno o perdaõ a seu sogro, se elle quizesse conhecer a sua falta. A Rainha, fiada na palavra Real, communicou a seu pai esta noticia, que desconcerta-

va

va as medidas dos ſeus emulos, novamente empenhados em introduzir no Reino hum arrependimento indecororoſo, que com effeito ſe deſcobrio, logo que ſe pode affectar o primeiro pretexto. O Infante, mais tocado da ternura da filha, que da clemencia do genro, lhe reſpondeo, que a ſua innocencia nada tinha, de que pedir perdaõ; mas que pela agradar, faria quanto ella lhe inſinuava.

Era vulg

A Rainha, que nos tranſportes do alvoroço, naõ deo lugar ao eſpirito para penetrar as conſequencias deſta carta, entrou na Camara do Rei, e lha moſtrou cheia de prazer pela diſpoſiçaõ, em que eſtava ſeu pai de fazer o que ſe queria delle. Leo-a El-Rei; mas quando chegou ás palavras *por vos agradar*: Mageſtade, juſtiça, amor da eſpoſa, o ſeu reſpeito, os vinculos do ſangue, tudo foraõ victimas da cólera indomavel, que desfigurou no Throno a ſerenidade, que ſemelhante vapor naõ deve perturbar; que ſe voltou contra a Rainha, como ſe foſſe huma co-ré nos imagi-

Era vulg. nados crimes do pai; que lhe rompeo na presença a carta, e ao mesmo tempo o decóro da sua soberania; que promulgou inexoravel a ultima sentença da ruina de hum Infante Sogro, e Tio. Vio-se a Rainha em desolação extrema por esta mudança del Rei, que naõ pode mover com os muitos generos de persuasões inspiradas pelos affectos mais vivos da sua alma.

Sempre prevenido, e pouco escrupuloso o odio, porque naõ succedesse outra vez o Rei mostrar-se sensivel á Rainha, os inimigos do Infante lhe propozeraõ se retirasse della pela conservaçaõ da sua saude; mas naõ bastando esta industria para vencêr o amor do Rei, elles naõ se embaraçáraõ em lhe querer persuadir aleivosos, que a sua casta Esposa tinha tratos indecentes com D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto, que esteve preso em quanto a verdade se naõ pôz patente para confusaõ dos accusadores impios. Nem este testemunho bastou para o Rei mudar de sentimentos, nem elles perdêraõ corage para continuarem a fazer-

lhe

lhe crêr, que a segurança da sua vida dependia delle tirar a do Infante, que devia ser atacado na marcha, que fazia para a Corte, para o que se dérao as ordens precisas. De novos temores se rodeárao ao mesmo tempo os emulos do Infante, quando vírao, que o Rei, depois da desconfiança suggerida, dobrára para com a Rainha as ternuras, ao Conde de Monsanto fizera mercês novas, e temêrao as mudanças, que as impressões, e a idade podiao causar no Rei.

Era vulg.

Com tudo reviveo o seu espirito, observando que senao alteravao as ordens para ser cortada a marcha do Infante, que sahio de Coimbra com mil cavallos, e cinco mil Infantes a buscar o seu destroço. Elle nao ignorava as differentes manobras, que se tinhao feito junto á pessoa do Rei, huns para o justificar, outros para o perder. Firme no seu procedimento; sempre irreprehensivel, e occupado da confiança céga da bondade del Rei, o Infante se capacitou, que em elle apparecendo na Corte, abysmaria os seus contra-

rios,

Era vulg. rios, e daria hum alto tom á voz da sua justiça. Sem duvidar da equidade do Rei, teve por conveniente vír armado para lhe servir de ruina o mesmo meio da segurança. De Alcobaça passou elle a Rio-Maior, aonde grande número dos seus Officiaes, já taõ perto de Santarem, lhe representáraõ como naõ tinha forças para resistir aos seus inimigos, e muito menos ás trópas del Rei, se o atacassem: que retrocedesse para Coimbra, ou marchasse adiante sem armas, que era o modo de pedir justiça. Naõ se fez entendido o animo preoccupado do Infante a este aviso cheio de sabedoria, nem pode conter-se quando lhe trouxeraõ preso a Pedro de Castro, criado do Infante D. Henrique, que elle favorecêra, e agora lhe era ingrato, para deixar de o deitar em terra morto com o golpe de hum pao na cabeça.

Receou El-Rei, que o Infante se apoderasse de Lisboa, e a mandou segurar por pessoas da sua confidencia. Deo ordem, para que dous criados do Infante, que estavaõ nella, fossem

es-

esquartejados, e pendurados os quartos nas portas da Cidade. Entaõ o partido contrario com o Duque de Bragança na frente, deo a ultima maõ ás suggestões, fazendo crêr a El-Rei, que o Infante marchava a Lisboa para se apoderar do Throno; que acodisse com tempo a reparar o golpe, antes que o mal perdesse toda a esperança de remedio. Teve D. Affonso por saudavel este parecer, a que logo differio, sahindo a campo com 30000 homens. Nesta extremidade, o Conde de Abranches, que reconhecêra o exercito Real, disse ao Infante ser impossivel, que de mórtos, ou prisioneiros escapasse algum dos seus; que se pozesse em salvo em quanto elle entretinha huma escaramuça, que lhe désse lugar a ganhar terreno na fugida. Immediatamente soou hum bando, em que El-Rei ordenava, que todos os que seguiaõ o Infante o deixassem, e nessa noite lhe desertáraõ todos os que se occupáraõ das imagens do temor.

No dia seguinte 20 de Maio de 1449 Alvaro de Brito, que governa-

Era vulg.

Esp. vulg. va a artilharia do Infante., mandou disparar huma peça com pontaria taõ barbara, e atrevida, que deo na Tenda del Rei. Este golpe, fosse casual, ou pensado, ferio o coraçaõ de todos os bons Portuguezes, que se lançáraõ como leões sobre o campo do Infante, que estava entrincheirado no de Alfarrobeira. Já proximo o perigo, novamente aconselháraõ ao Infante, que se retirasse; mas elle arrebatado dos impulsos da honra, ou dos impetos da vingança, com a espada na maõ, deo golpes de desesperado, até ser atraveçado pelos peitos de huma seta, que o derrubou pedindo confissaõ. D. Luiz Coutinho, Bispo de Coimbra, o absolveo, e neste leito chamado da honra, para o Infante de tanta ignominia, acabou o estimavel Principe, condecorado na vida com tantas acções illustres, se agora deslustradas por buscar a occasiaõ de semelhante morte, gloriosamente restituidas pela efficacia do seu arrependimento.

O Conde de Abranches, que em todo o conflicto naõ lhe deixára o lado,

do, vendo-o morto, entrou na sua Esta vulgar tenda a refazer as forças com algum alimento; e para cumprir o voto, entrou a pé pelas esquadras del Rei a buscar a morte, que foi comprando a pedaços pelo preço de muitas vidas. Cançado de matar cahio sem alentos este bravo homem, digno de melhor fim, dizendo com vozes languidas ao tropel, que se lançava sobre elle: Fartai-vos, rapazes, fartai-vos. O resto da gente, lastimada da mórte do seu Principe, sustentou a refrega até perder a vida, ou a liberdade. Seu filho D. Jayme, com todos os Officiaes, ficou prisioneiro. Dos mórtos foraõ os mais distinctos da parte do Infante Joaõ Mascarenhas, seu Alferes Mór, Luiz Gomes da Gran, e seu irmaõ, Diogo Peyxoto, e Rodrigo de Arvellos: da del Rei faltáraõ o Aposentador Mór Ruy Mendes Cerveyra, Fernaõ de Sá, Alcaide Mór do Porto, Joaõ Rodrigues Peçanha, e outros muitos Fidalgos, e soldados. Taõ longe passou o resentimento del Rei contra o Infante, que o seu cadaver esteve tres dias

Era vulg. no campo, porque elle prohibio dar-se-lhe sepultura. A mesma deshumanidade se usou com o corpo do Conde, que foi enterrado pelas instancias de seu irmaõ natural Joaõ Vaz de Almada, Védor da Fazenda del Rei.

A paizanage daquelles contornos, que ignorava as ordens Reaes, ou se deixou tocar da piedade, veio ao campo, e na Igreja de Alverca fez sepultar o cadaver do Infante, que taõ desastradamente acabou aos 57 annos da sua idade. A noticia da sua mórte apenas deixou liberdade á Infante sua mulher, para evitar desgraça semelhante, que se lhe ameaçava, de fugir incognita pelos hermos. Seus filhos, objectos do mesmo odio, houveraõ de abandonar a Patria, e desterrar-se ás alheias. Os seus criados, e amigos presos, soffrêraõ calamidades inauditas. Em fim o Rei, quando se lisongeava de ter feito a sua vontade, ficou sem ella, dominado por homens taõ inimigos da sua authoridade Soberana, como o tinhaõ sido da pessoa Real do

Prin-

Principe, unico freio da ſua ambiçaõ Era vulg ſem medida.

Foi o Infante D. Pedro ornado de todas as virtudes, que formaõ hum Principe completo. Elle moſtrou igual politica no Gabinete, que valor na campanha; a meſma erudiçaõ profunda nas Letras Sagradas, que nas humanas; ſem differença a elegancia na compoſiçaõ em proſa, que no verſo; eloquente na lingua materna, e nas eſtranhas; exactamente caſto, ſem amar em toda a vida outra mulher além da ſua. Para com os Miniſtros do Senhor foi taõ attento, que nunca conſentio lhe beijaſſem a maõ, nem fallaſſem de joelhos. Elle tolerou firme o odio dos ſeus emulos, disfarçado com as cores de bem público, como temos viſto. Elle ſuſtentou huma caſa digna da ſua repreſentaçaõ, porque era compoſta de 363 peſſoas. A politica, com que elle adminiſtrou os negocios; a juſtiça com que punio os delinquentes; a generoſidade com que premiou os benemeritos; ſobre tudo as virtudes Chriſtãs, que exercitou em toda

a

ra vulg. a sua vida, respíraõ o alento com que a fama no mesmo brado o canonisa hum Heróe irreprehensivel, e reprehende de injuriosa a batalha de Alfarrobeira.

O seu cadaver esteve cinco annos na sepultura humilde de Alverca, aonde o lançáraõ os paizanos, que o leváraõ do campo no magnifico feretro de huma escada de maõ. Indecencia taõ mal soffrida do Duque de Borgonha, que cheio de indignaçaõ, naõ cessava de pedir o corpo do Infante, que Portugal naõ estimára, nem conhecêra, para lhe fazer em Flandres as honras, que eraõ devidas á alta dignidade da pessoa, correspondentes á sublimidade do seu merecimento. Ou fosse que El-Rei se receasse, de que os rogos do Duque movessem a furtar os ossos do Infante, ou reparar com a pompa funebre a injustiça, que já reconhecia ter feito á sua memoria; elle os mandou desenterrar, e conduzir ao Castello de Abrantes, donde a instancias do Papa, da Rainha, e dos *mais* Principes da Europa, que lhe es-

estranhavaõ passasse o odio com seu Bra'vulg. sogro além da morte, os mandou vír a Lisboa para serem trasladados ao sepulchro, que seu pai lhe deixára lavrado no Convento da Batalha.

Portugal, que já víra reinar huma Rainha depois de morrer, agora feito em cinza, vio exaltar hum Infante a quem tirou a vida. No anno de 1454, feitas em Santo Eloy Exequias solemnes pela Alma do Infante, partíraõ El-Rei, e a Rainha com semblante de filhos para o Convento da Batalha a esperar as reliquias da sua mortalidade, que com apparato brilhante conduzia o Infante D. Henrique acompanhado de toda a Nobreza, Cléro, e Religiões. Sahíraõ os Reis a recebellas de ceremonia, e as acompanháraõ á Igreja, aonde no dia seguinte se fez outro Officio, no fim do qual foraõ collocadas no primeiro dos quatro Mausoleos, que estaõ na Capella á maõ direita dos Reis seus pais; donde clamaõ á posteridade com estas vozes da Musa do Doutor Antonio Ferreira,

que

Era vulg. todo o mundo, naõ os desanimou para suspenderem a perseguiçaõ contra a Rainha, que na fugida de seus irmãos, eraõ objecto unico, que ficava no Reino, de que se podiaõ temer. Elles se servíraõ de huns poucos de Theologos do caracter daquelles, de quem se diz, que tem opiniões para tudo, suggerindo-os persuadissem ao Rei vacillante o perigo, a que estavaõ expostos a sua pessoa, e Reino, senaõ repudiasse a Rainha, que se fazia temivel pela vingança, e pelo crédito, a primeira reconcentrada no animo, o segundo estabelecido em Portugal, e fóra delle. Para o forçarem a determinar sem susto de quebra de representaçaõ, elles coráraõ o pretexto, de que os seus desposorios foraõ contrahidos em huma idade incapaz de consensos livres; e que o que elle entaõ déra, todo o mundo o entendia arrancado com violencia.

Como a equidade de D. Affonso, pelas justificações da innocencia do Infante, se sentia aballada para conhecer as injustiças, que com elle se usá-

raõ : como o ſeu amor á Rainha o Erà vulgí enchia de confuſaõ para admittir hum tal conſelho , taõ oppoſto á ſituaçaõ do ſeu coraçaõ , e da ſua alma , elle, naõ ſó teve corage para eſta vez dizer, *Naõ quero*, aos validos ; mas ordenou que a Rainha em continente ſe recolheſſe á Corte para viver com elle nos vinculos doces do matrimonio. Ella entrou em Lisboa ſem a mais ligeira demonſtraçaõ de luto pela morte de ſeu pai, toda veſtida de galla. Que acçaõ neſta Senhora taõ cheia de politica ! Penetrou o ſeu eſpirito , que ella eſtava na conjunctura de poſpôr os ſeus deveres reſpectivos ao pai á differença das vontades do eſpoſo. Eſta attençaõ o toca , e ſe a ſua alma ſó tiveſſe huma pequena parte de inclinaçaõ á Rainha , ella lha inclinára toda. Já elle moſtrava o arrependimento de haver differido aos conſelhos deteſtaveis dos inimigos do Infante ; e a injuſtiça , que comettera em o crêr culpado , o penetrava de dôr ; ſervindo-ſe das ternuras para com a Rainha, como de prepáro para a expiaçaõ de tal delicto.

Era vulg. Ao mesmo tempo naõ cessavaõ os clamores da Europa escandalisada, ás instancias do Duque de Borgonha, e da Duqueza sua mulher para o restabelecimento da honra, e credito do seu irmaõ, e cunhado. Já por toda ella se derramára a voz, de que em Portugal se descobríra a fundo a malicia dos inimigos do mesmo Infante; e elles sensiveis ás consequencias, quizeraõ justificar-se na presença do Papa, e adoçar o espirito dos Principes, para que elles intercedessem pelas suas pessoas ao Rei, que conhecendo a offensa, poderia ser inexoravel nos castigos. Em todas as Cortes os seus Manifestos encontráraõ desprezos; todas os reprehendêraõ, e o Papa excommungou aos que foraõ causa do Rei negar sepultura ao cadaver do justificado Infante.

De seus innocentes filhos dei eu já huma breve noticia; mas agora depois da morte do pai, direi que os tres Varões D. Pedro, D. Joaõ, e D. Jayme, cruelmente perseguidos, abandonáraõ a Pátria. D. Pedro, que depois foi

res-

restituido a ella, aos seus empregos, e que servio a El-Rei seu primo nas expedições de Africa com zelo, e valor correspondentes á sua alta qualidade, no anno de 1464 o elegêraõ Rei de Aragaõ os Catalães, e Grandes deste Reino, descontentes de D. Joaõ II. Rei de Aragaõ, e Navarra, por ser filho da filha mais velha do Conde de Urgel, a quem a Coroa de direito pertencia. D. Fernando, que succedeo a seu pai D. Joaõ, declarou a guerra ao nosso Principe, que a sustentou com os soccorros de seu Tio Filippe, Duque de Borgonha; mas sendo vencido pela fortuna de D. Fernando, houve de se retirar a Manresa em Catalunha, conservando o titulo, e honras de Rei até o anno de 1466, em que dizem morrêra de veneno.

Era vulg.

Seu irmaõ D. Joaõ, que casou com Carlota, filha de Joaõ III. Rei de Chypre, e devia herdar o Reino por mórte do sogro, elle foi declarado Regente em 1456. O Duque de Borgonha seu Tio lhe conferio o Collar da Ordem do Tusaõ; mas fallecendo antes

 do

Era vulg. do Rei, Carlota tornou a casar com Luiz de Saboya, filho segundo de Luiz, Duque de Saboya, e de Anna de Chypre sua tia. Ella foi coroada Rainha em Nicosia no anno de 1458; mas seu irmaõ bastardo Jayme, que fora destinado ao serviço da Igreja, e já tinha ordens de Subdiacono, se levantou contra ella, e com as trópas do Soldaõ Melec-Ella a lançou do Reino. Depois da Rainha infeliz empregar sem fruto todos os esforços para o seu restabelecimento, ella se retirou a Saboya, e dahi a Roma, aonde presente o Papa, e Cardeaes, cedeo o Reino em seu sobrinho Carlos, Duque de Saboya: doaçaõ, que a esta Casa deo o direito, que ella tem ao Reino de Chypre, de que até hoje conserva as Armas, e o Titulo.

O usurpador Jayme se casou com Catharina, filha do Veneziano Marco Cornaro, que foi adoptada pelo Senado, e delle recebeo hum grande dote. Ella, que em pouco tempo ficou sem marido, e sem hum filho, que lhe nasceo posthumo, no anno de 1470 em

em demonstraçaõ de agradecida, cedeo Era vulg. aos Venezianos as suas pretençõẽs sobre o Reino de Chypre, vivendo ainda a Rainha Carlota. Elles o possuíraõ até o anno de 1571, em que o conquistou Selim II. Imperador dos Turcos, e porque hum Portuguez infame foi causa desta conquista, eu vou levando o fio nesta passagem da Historia de Chypre.

Fugíra de Portugal hum facinoroso alentado, que se chamava Joaõ Miguens, e se retirou a Veneza, aonde viveo sem descobrir caracter honroso, que a natureza, e os costumes lhe negáraõ. A delicadeza dos Venezianos lhe observou a conduta, e o condemnou a penas infames, que alteráraõ o animo presumido de hum Portuguez fóra da Pátria, transportado dos flatos de parecer alguem, ainda que nada seja. Joaõ Miguens offendido concebeo designios de se vingar, e para o fazer se foi a Constantinopla, aonde casou com huma Judia poderosa em cabedaes, que com elles lhe abrio a porta para entradas frequentes com o Graõ-

Tur-

ta vulg. Turco Selim. A communicaçaõ degenerou em familiaridade, ſendo Miguens admittido nas occaſiões occultas, em que o barbaro rompia a Lei com as ebriedades na ſua camara. Nos fervores deſtes tranſportes o induſtrioſo lhe propunha a conquiſta de Chypre, que Selim lhe promettia, e batendo-lhe no hombro dizia balbuciante: Eu vencerei Chypre, tu ſerás o Rei. A primeira parte do prognoſtico foi viſto cumprir, á ſegunda faltou Selim já entrado em acordo.

Ultimamente, D. Jayme, filho terceiro do Infante D. Pedro, que ſe achou com ſeu pai na Batalha de Alfarrobeira, e nella ficou priſioneiro, apenas pode obter a liberdade, ſahio do Reino, e foi valer-ſe da protecçaõ de ſua tia a Duqueza de Borgonha, D. Iſabel. A inclinaçaõ para o eſtado Eccleſiaſtico, que ella lhe obſervou, a moveo a mandallo a Roma. O modo, por que elle ſe conduzio na Curia, as qualidades brilhantes, que deſcobrio, as acções ſublimes, que fez, os teſtemunhos, que deo de huma doutri-

trina sólida, de huma humildade profunda, obrigáraõ o Papa Calixto III. a criallo Cardeal do titulo de S. Eustachio no anno de 1456. Esta nova Dignidade foi acompanhada da de Arcebispo de Lisboa, já restituido á graça del Rei seu primo, que a elle em vida, e a seu pai depois de morto perdoára as culpas, que falsamente lhes imputáraõ, e os canonisou innocentes; mas este respeitavel Cardeal, quanto mais o revestiaõ de honras illustres, e de titulos gloriosos na Igreja Santa, tanto mais elle se mostrava nobremente humilde, e heroicamente virtuoso.

Era vulg.

El-Rei D. Affonso o chamou de Borgonha a Lisboa para o acompanhar em huma das jornadas de Africa, que naõ teve effeito, e voltou para casa de sua tia, aonde morreo, como dissemos, na flor dos seus annos, por naõ querer contaminar a castidade, que se lhe aconselhava por unico remedio da sua queixa, e por naõ inficionar com esta culpa a graça baptismal, que conservou até a morte, succedida no an-

Era vulg. anno de 1459. Entre outros muitos Authores, que delle deixáraõ memoria, diz Eneas Sylvio, depois Papa Pio II.: Jayme foi dotado de singular mageſtade, e gravidade, de engenho agudo, benemerito das letras, grande amante das virtudes, e taõ digno de altas Dignidades, que a de Cardeal lhe tardou muito, obtendo-a taõ moço.

LI-

LIVRO XXVII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se da vida, e descobrimentos do Infante D. Henrique, de que fizemos memoria até o anno de 1445, continuando deste dito anno em diante até o de 1460, em que falleceo.

AINDA que nos reinados de D. Joaõ I., e D. Duarte eu deixei escritas até aquelles annos as acções heroicas de seu grande filho, e irmaõ o Infante D. Henrique. Agora continuo a dizer, que como a natureza céga lhe tirou das mãos o Sceptro de Portugal, elle quiz ser herdeiro do valor do pai, concebendo nas primeiras idades espiritos taõ sublimes, que parece se animava o seu coraçaõ com os furores bellicos, de que nós vimos os ensaios na conquista de Ceuta. Nesta empreza

Era vulg

Era vulg. za famosa, honrada com a presença do seu grande pai, foi elle dos primeiros, que saltou em terra, que entrou na Cidade, seguido de poucos, e acomettido de muitos, aonde com a voz, e com o exemplo, animou os seus, e confundio os Barbaros, contando na idade de vinte e hum annos por número mais crescido as heroicidades. Nós o vimos segunda vez voltar a Africa na companhia de seu irmaõ o Infante Santo D. Fernando, inflammado no zelo de dilatar a Fé, e ainda que os effeitos naõ correspondêraõ á piedade das intenções, sempre conseguio o credito de constante, a reputaçaõ de Chéfe, a gloria de valeroso.

Nós deixamos dito, como naõ teve menos corage para as armas, que subtileza para as letras, em que fez hum estudo taõ vasto, especialmente nas disciplinas Mathematicas, que se determinou mostrar ao mundo a sua ignorancia na existencia dos Antipodas, no habitavel da Zona-Torrida; sendo a penetraçaõ do seu espirito quem descobrio a vasta extensaõ dos mares, quem

quem domou o orgulho do Oceano, Era vulg.
quem deo a conhecer novas terras,
quem domesticou a ferocidade das Nações: intentos santos, que o obrigáraõ a abandonar os tumultos da Corte, e retirar-se para a Villa de Sagres no Algarve para cultivar com maior tranquillidade os estudos, e lançar as quilhas Portuguezas a cortar mares nunca de antes navegados, romper os caminhos incognitos ás gentes da Europa para fazerem o mundo communicavel a si mesmo. Nós temos visto os principios destes descobrimentos do nosso Infante no anno de 1419 continuados até o de 1445, aonde agora vamos atar o nosso fio para o levarmos direito, correndo com o da vida do mesmo Infante.

Descobertas as Ilhas de Porto-Santo, Madeira, Arguim, dobrados os Cabos, Bojador, Branco, e Verde, com a mais cósta de Africa, que fica dita, como havia tempo, que Joaõ Fernandes, camarada de Antaõ Gonçalves, andava pelo Sertaõ do Rio do Ouro informando-se das qualidades daquel-

Era vulg. quelle Paiz, o Infante mandou conduzillo pelo mesmo Antaõ Gonçalves, Garcia Mendes, e Diogo Affonso em tres caravellas, que forçadas de huma tormenta, perdêraõ a conserva, e cada qual seguio o seu destino por differente rumo. Diogo Affonso foi o primeiro que chegou a Cabo-Branco, e sahindo a terra, aonde fez alguns cativos, quando voltava se encontrou na praia com Joaõ Fernandes, que trouxe ao Reino. Delle soube o Infante o que desejava; a qualidade, e producções da terra; os costumes, e trafico da gente, de que dá larga noticia Joaõ de Barros. Elles deixáraõ áquelle sitio o nome de Cabo do Resgate.

Antaõ Gonçalves, e Garcia Mendes, depois de fazerem alguns cativos em Cabo-Branco, e havida porçaõ de ouro, voltáraõ a Portugal. As frequentes noticias dos interesses deste commercio, e os desejos de agradar o Infante, estimulavaõ os homens para se offerecerem voluntarios á continuaçaõ das emprezas. Assim o fez Gonçalo Pacheco, morador rico de Lisboa,

que

que armou á sua custa hum navio, e de Lagos o seu Alcaide Mór, Sueiro da Costa, que em varios Reinos da Europa havia servido com valor, seu genro Lansarote, e outros Capitães distintos do Algarve, e de Lisboa, sahíraõ com quatorze embarcações, que unidas a mais doze da Ilha da Madeira, continuáraõ a navegaçaõ da Cósta de Africa. Diniz Annes da Gran, que mandava o navio de Gonçalo Pacheco, e o Capitaõ Mafaldo corrêraõ oitenta legoas adiante de Cabo-Branco pela terra firme, aonde fizeraõ bastantes cativos em desconto da vida de sete Portuguezes: perda taõ sensivel a Diniz Annes, que encontrando-se com Lansarote, e com vários vasos da fróta de Lagos, lhes pedio fossem com elle vingar a sua injúria no mesmo lugar do primeiro combate. Elles acháraõ a Aldéa deserta, e Diniz Annes naõ tendo objectos, em que desaffogar a cólera, veio para Lagos.

Era vulg

Lansarote com os seus camaradas se foi á Ilha de Tider, que se divide da terra firme por hum braço estreito

do

ra vulg. do mar, aonde pôz ſobre ferro tres embarcações para ao meſmo tempo dominar o continente, e a Ilha. Mas os Barbaros já animados para a defenſa, vieraõ á praia inſultar as tripulações das tres barcas, que ſem temer o ſeu grande número, determinâraõ caſtigallos. Diogo Gonçalves, Moço da Camara do Infante, e hum Pedro Alemaõ, natural de Lagos, foraõ os primeiros que ſe lançáraõ a nado a inveſtillos. Apôz eſtes fizeraõ o meſmo todos os que ſe picáraõ da emulaçaõ honrada, e em huma eſcaramuça viſtoſa de poucos contra tantos, os noſſos matáraõ doze, prendêraõ 57, e pozeraõ o reſto em fugida. Sueiro da Coſta, entendendo que na entrada do Inverno naõ tinha mais que fazer naquellas paragens, voltou com alguns dos Capitães para Lagos, e deixou com outros a ſeu genro Lanſarote para ſe empregarem nas expedições, que bem lhes pareceſſe.

Depois de várias tentativas em Tider, e Cabo-Branco, Lanſarote veio ás Ilhas Canarias com intentos de en-

trar na de Palma, que eſtava em deſ- confiança com a da Gomeira, aonde elle aportou. Os noſſos pedíraõ aos moradores de Palma ſoccorro contra os Gomeiros, que lhe foi mandado, e os ajudáraõ no combate, em que prendêraõ a Rainha da Ilha com alguns dos ſeus vaſſallos. Parecendo-lhes ainda pouco o valor da preza, a avareza arraſtou os noſſos para eſquecerem o beneficio recebido dos de Palma, que atacáraõ para prender 21 peſſoas, que trouxeraõ ao Reino. O Infante ſentio tanto eſta rotura da hoſpitalidade, que derrotaria entre os Barbaros o credito das noſſas virtudes, que ordenou foſſem os preſos muito bem veſtidos á cuſta de quem os cativára, e levados ao meſmo lugar, aonde tinhaõ ſido tomados. Acçaõ taõ eſtimada dos Ilheos, que dalli em diante ſenaõ eſcuſáraõ ao ſerviço do Infante com todas as demonſtrações de zelo.

Era vulg

Como fallamos neſtas Ilhas Canarias, ainda que hoje naõ eſtejaõ no dominio da noſſa Coroa, por ſe haver in-

Era vulg. interessado o Infante na sua conquista, nós naõ deixaremos a nossa Historia sem dar dellas individual noticia. As Canarias ficaõ no mar Athlantico, distantes 200 legoas de Hespanha, 57 da Cósta de Africa, em 28 gráos da parte do Nórte, defronte do Reino de Marrocos. A Ilha principal he a Canaria, e no seu número variáraõ os antigos. Proclo disse, que eraõ dez, Ptolomeo, que seis, e Plutarco, que duas. Nós hoje contamos sete, a saber: Canaria, Tenerife, Palma, a do Ferro, Forteventura, Gomeira, Lancelota. Alguns com erro manifesto pensáraõ, que ellas eraõ as Ilhas Fortunadas, sendo-o no conceito de outros as de Cabo-Verde. Os seus moradores antigos permitiaõ o uso das mulheres, comiaõ carne crua, e praticavaõ as abominações vulgares á Idolatria, que elles abraçavaõ.

Diz a Tradiçaõ, que o primeiro descobridor destas Ilhas fora o Cartaginez Hanon, quatro seculos e meio antes da vinda de Jesu Christo. Nos annos da nossa Éra 1344 se affirma as qui-

quizera conquiſtar D. Luiz de la Cerda em nome de D. Pedro IV., Rei de Aragaõ: que nos de 1363, ou nos de 1405 huma armada Caſtelhana, e Franceza as deſcobríra, e fizera nellas multos priſioneiros: que a Rainha D. Catharina, viuva do Rei Henrique III. de Caſtella, no anno de 1417 pedíra licença, e ſoccorro a ſeu filho D. Joaõ II. para Monſieur de Bracamonte, Almirante de França, as conquiſtar com o titulo de Rei, nomeando logo Succeſſor a ſeu ſobrinho Joaõ de Betancourt: que ſendo-lhe concedidas huma, e outra couſa, elle ſahíra de Sevilha com huma grande armada, e ganhára a do Ferro, Forteventura, e Lancelote, donde mandára para Caſtella eſcravos, e fructos deſconhecidos: que elle nomeou, e o Papa Martinho V. confirmára ſeu primeiro Biſpo a Fr. Mendo: que o dito Joaõ de Betancourt conquiſtára depois a Gomeira, e que vendo-ſe ſem gente para ſuſtentar eſtas quatro, e render as que lhe faltavaõ, que eraõ a Canaria, Palma, e Tenerife, reſolveo a conquiſta

Era vulg.

Era vulg. da Canaria, e que largára ao Infante D. Henrique as quatro, de que já era senhor.

Em recompensa desta cessaõ se affirma, que o Infante lhe déra as Saboarias, e outras rendas na Ilha da Madeira, aonde Joaõ de Betancourt se fora estabelecer, e casára sua unica filha com Ruy Gonçalves da Camara, filho de Joaõ Gonçalves Zarco; mas que naõ tendo successaõ, a herança passára a seus sobrinhos Henrique, e Gaspar, dos quaes descendem os Betancourts das Ilhas. Outras muitas opiniões trataõ os Authores a este respeito, por que eu devo passar para me contrair aos successos do tempo do Infante, que no anno de 1424 mandou huma armada com 2$500 homens de pé, e 120 cavallos, que commandava D. Fernando de Castro, pai do primeiro Conde de Monsanto, a sustentar as Ilhas ganhadas, e conquistar as outras; mas a muita demóra, que elle teve na expediçaõ, lhe consumio os mantimentos, e apenas pode conseguir a primeira parte da sua commissaõ.

Naõ

Naõ tardáraõ muito as pretenções de Castella sobre estas Ilhas, dizendo os seus Reis, que lhes tocavaõ, em razaõ dos soccorros, e permissaõ, que haviaõ dado ao Francez Betancourt para a sua conquista. O Infante, e El-Rei seu pai, que por esta demanda naõ queriaõ embaraçar-se com Castella, e viaõ que o dominio das Ilhas passava para huma Potencia Catholica, que com fervor igual ao seu havia promulgar nellas o Evangelho, naõ só cedêraõ o direito sobre as que ainda naõ possuiaõ, mas lhes largáraõ as que já tinhaõ em seu poder. As mesmas Ilhas tiveraõ ainda outros destinos. Quando o Conde de Atouguia D. Martinho de Ataide conduzio a Castella a Infante D. Joanna, filha do Rei D. Duarte, para casar com D. Henrique IV., este Rei o gratificou com a mercê dellas. O Conde as vendeo a D. Pedro de Menezes, primeiro Marquez de Villa-Real, que as largou ao Infante D. Fernando, pai del Rei D. Manoel. Depois mostrou o Castelhano Fernando Peres, que elle antes as havia com-

Era vulg.

Era vulg. prado com licença, e confirmaçaõ dos Reis de Castella. Ultimamente, para evitar dúvidas, D. Affonso V. as cedeo perpetuamente á Coroa do mesmo Reino no Tratado de Paz, que fez com Fernando o Catholico.

CAPITULO II.

Continua-se com a mesma materia dos descobrimentos do Infante.

AINDA corría o anno de 1446, em que acontecêraõ todos os successos, que deixo referidos desde o descobrimento de Cabo-Verde até se recolher a Lagos o seu Alcaide Mór, Sueiro da Costa, que dissemos ordenára a seu genro Lansarote continuasse a navegaçaõ pela Cósta de Africa. Foi este Fidalgo seguindo a sua viagem até a demarcaçaõ posta por Diniz Fernandes nos confins dos Mouros Azenegues, e Negros Jalofos. Daqui embocou adiante o Rio Sanagá, que examinou miudamente, e passando avante, lhe sobreveio hum temporal, que desagarrou a ca-

ravéla de Rodrigo Annes Travaços, Era vulg.
de Luiz Dias, que foraõ parar a
igos. Com cinco que lhe ficáraõ,
ſſou a Cabo de Maſtos, e conti-
ando a derrota, padeceo outra tor-
enta, que lhe ſeparou da conſerva
barcas de Lourenço Dias, e de Go-
:s Pires. Eſte ſucceſſo o obrigou a
· á Ilha de Tider, aonde fez vários
:ravos, que trouxe a Portugal, em
anto Gomes Pires, levado da tor-
:nta ao Rio do Ouro, introduzia
mmercio, e amizade com os ſeus
›radores.

O célebre Nuno Triſtaõ, de que
ıtas vezes ſe tem fallado neſtes deſ-
brimentos, ſahio no anno de 1447
m hum navio para correr além de
ıbo-Verde, e o fez 60 legoas até a
cca do Rio Grande, aonde deo fun-
. A curioſidade de vêr as ſuas mar-
ns, e a qualidade de gentes, que
via nellas, o obrigou a embarcar na
ıcha, com 28 companheiros, que
ma corrente rápida levou pelo rio
ıtro a grande diſtancia do navio. Os
gros, que o viraõ dar fundo, armá-
raõ

Era vulg. raõ muitas almadias guarnecidas de grande número dos mais valerosos, que rodeáraõ a lancha, e despedindo huma nuvem de flexas hervadas sobre ella, tiráraõ a vida ao valeroso Nuno Tristaõ, e á maior parte dos seus camaradas. Infortunio, que foi causa daquelle rio dalli em diante ser chamado o Rio de Tristaõ. Ficáraõ para a manobra do navio unicamente quatro marinheiros, nos apertos da necessidade com tanto acordo, que cortando as amarras, felizmente o mareáraõ dous mezes, até chegarem a Lagos, aonde estava o Infante, que remunerou com generosidade a gentileza dos vivos, e honrou a memoria dos mortos.

Como os desejos de levar o nome de Deos ás Regiões remotas, cresciaõ no Infante ao passo, que os descobrimentos se avançavaõ, naõ contente com a posse das Canarias, que por este tempo comprou ao Francez Betancourt, elle mandou a Alvaro Fernandes, que montasse o Cabo de Mastos, e passasse além de Cabo-Verde,

como elle felizmente executou, chegando ás embocaduras do Rio Tabite, trinta legoas avante de Rio Triſtaõ. Aqui o recebêraõ Negros valeroſos, armados das meſmas ſettas hervadas, que tirariaõ aos noſſos mais vidas, ſe elles naõ foſſem prevenidos dos contravenenos, que poderaõ aprender dos meſmos moradores daquelles Paizes. Elle os caſtigou com morte de muitos, em que entrou o ſeu Rei; e naõ encontrando por outros lugares deſertos da Côſta objectos, em que exercitar o valor, nem eſtimulos para mover a cobiça, deſiſtio do empenho, e ſe recolheo á Patria.

Era vulg.

Com pouco intervallo de tempo ſahíraõ do Algarve mais dez embarcações, que commandavaõ Gil Annes, o valeroſo Fernaõ Valarinho, que na Eſcóla de Ceuta aprendêra a perder o medo, Joaõ Fernandes, Lourenço Dias, e Eſtevaõ Affonſo, que foraõ á Ilha da Madeira incorporar-ſe com mais duas vélas de Triſtaõ Vaz, Capitaõ de Machico, e outra de Garcia Homem, que naõ paſſáraõ da Ilha da Pal-

Era vulg. ma, aonde deixárаõ os companheiros, e se recolhêraõ á Madeira. Nada importante fez aquella fróta, que correo os pórtos antes descobertos com menos fortuna, que a de Gomes Pires, Chéfe de duas caravélas, com que invadio as praias do Rio do Ouro, e depois de deixar nellas respeitado o seu nome, se recolheo a Lágos com hum bom número de escravos.

He Tradiçaõ constante, que neste anno de 1447, huma náo nossa, sahindo do Estreito de Gibraltar, padecêra huma tormenta taõ fórte, que perdido o rumo, navegára á discriçaõ das ondas, que a arrojáraõ a huma Ilha incognita, aonde a gente vio sete Cidades povoadas de Hespanhoes, que perguntáraõ aos nossos se ainda haviaõ Mouros em Hespanha. Pelas suas informações soubemos, que elles eraõ descendentes dos nossos predecessores, que naquella invasaõ formidavel abandonáraõ a Patria, e se lançáraõ ás ondas a buscar abrigo em outras partes, como tambem fez o Lusitano

Sa-

Sacaru, que perdida a Cidade de Mérida na mesma invasaõ, veio aos portos de Lisboa, e Setuval, aonde embarcou com os moradores da Capital perdida, e já mais houve noticia destes profugos Lusitanos, que poderiaõ ser os moradores da Ilha, em que estou fallando, chamada Encoberta. Chegáraõ estes navegantes a Lisboa em tempo da Regencia do Infante D. Pedro, e entre outros signaes, que trouxeraõ da nova terra, dizem que fora huma pouca de arêa, de que se tirára ouro: que o Infante mandára fazer assento de tudo o que depozeraõ os navegantes: que ordenára se guardasse na Torre do Tombo; mas nella naõ ha hoje tal noticia, que se devia esconder tanto aos homens, como está encoberta a Ilha. Era vulg.

As acções, e modos com que os Portuguezes se conduziaõ entre as Nações brutas da Cósta de Africa, fizeraõ nascer em algumas o desejo da nossa communicaçaõ, especialmente os Mouros chamados de Méca, naõ a Méca aonde jáz o corpo do seu falso Pro-

fe-

Era vulg. feta na Arabia Feliz, mas outra do mesmo nome doze legoas além do Cabo de Gué, pouco antes de chegar ao de Naõ. Com esta noticia mandou o Infante no anno de 1448 ao experimentado Diogo Gil tratar esta negociaçaõ, que deixou estabelecida, entregando aos dominantes da terra dezoito Mouros, que levava cativos, e foraõ resgatados por 50 Negros, que lhe deraõ. Hum temporal rijo o obrigou a embarcar a gente para correr fortuna; faltando só Joaõ Fernandes, que por este acaso ficou entre os Mouros de Méca, havendo-o antes de proposito deixado entre os de Arguim. Elle trouxe ao Infante hum Leaõ, que foi o primeiro visto em Portugal daquellas partes, de que fez presente a hum Fidalgo Inglez.

Corria este anno para Portugal infeliz pela rotura del-Rei D. Affonso V. com seu Tio, o Infante D. Pedro, que perdeo a vida na fórma já referida; e sendo tantas as perturbações no Reino, ellas naõ impediaõ ao Infante a continuaçaõ dos seus santos designios,

gnios. Como a fama das nossas aventuras nos descobrimentos enchia a Europa de huma emulação gloriosa, muitas pessoas qualificadas de vários Reinos vinhaõ a Portugal ser participantes da nossa reputação. Entre outros, chegou este anno hum Fidalgo illustre da Corte de Dinamarca, chamado Balarte, que se offereceo ao Infante, e lhe pedio quizesse servir-se delle nas suas navegações. O Infante lhe mandou esquipar hum navio, e encarregando-o a hum Cavalleiro distincto da sua Ordem, chamado Fernando Affonso, que hia revestido do caracter de Embaixador ao Rei de Cabo-Verde, ordenou fossem vendo toda a Costa descoberta em Africa.

Era vulg

Esta viagem foi longa, e trabalhosa pelos temporaes contínuos, que sobreviéraõ; mas o maior incommodo foi a ausencia do Rei, que estava occupado na guerra em grande distancia da Corte, e se dilatava a negociação da paz, e commercio, que com elle havia estabelecer Fernando Affonso. Entretanto vinhaõ os Negros fazer cam-

bios

a vulg. bios com os noſſos, e entre outros generos trouxeraõ alguns dentes de Elefantes, de que ſe admirou tanto o Dinamarquez, que pedio aos naturaes quizeſſem moſtrar-lhe hum vivo. No dia deſtinado por elles para lhe liſongearem o goſto, foi Balarte com vários companheiros no eſquife da Nao a terra; mas ſuccedendo a caſualidade de cahir hum ao mar, para o ſalvarem, todos ſe confundíraõ; foraõ lançando-ſe ao mar, eſquecendo o governo da lancha, que ſe deſgarrou. Os Negros, vendo os noſſos em terra ſem poderem ſer ſoccorridos do navio, ſe lançáraõ a elles, matáraõ o infeliz Dinamarquez, e todos os Portuguezes, menos hum deſtro nadador, que pode recolher-ſe a bordo para dar noticia a Fernando Affonſo da deſgraça dos camaradas. Ella o obrigou a voltar para o Reino, ficando os Negros como dantes obſtinados na defenſa da ſua liberdade, que já ſabiaõ comprar por todo o preço.

Depois que El-Rei D. Affonſo V. conſiderou o Reino em mais ſocego, e

e meditou nas vantagens das navega- Era vulg
ções do Infante D. Henrique, quiz
eſtimulallo para novos progreſſos com
as marcas diſtintas da ſua eſtimaçaõ.
Elle lhe fez mercê de huma Carta de
Confirmaçaõ á ſua Ordem dos deſco-
brimentos feitos até entaõ, e prohi-
bio que peſſoa alguma, além delle,
podeſſe paſſar adiante de Cabo-Bojador,
concedendo-lhe os dizimos, e quintos
de quanto deſcobriſſe. Foi feita eſta
doaçaõ no anno de 1449, que he o
meſmo em que lhe deo licença para
mandar povoar as Ilhas dos Açores,
antes deſcobertas, de que fallaremos
adiante, em quanto nos entretemos
com as de Cabo-Verde, que diſſemos
foraõ deſcobertas por Diniz Fernandes,
e já quaſi no fim da vida do Infante
D. Henrique pelos annos de 1460, ou
1461 foraõ deſcobertas as Ilhas ſuas ad-
jacentes, como eu vou a dizer.

O Genovez Antonio Nolle, deſ-
goſtado da ſua Patria, veio a Portugal
offerecer-ſe ao Infante D. Henrique pa-
ra deſcobrir as Ilhas de Cabo-Verde,
de que havia huma noticia confuſa

ex-

ta vulg. extrahida da memoria dos Geografos antigos. Partio elle em duas náos, e huma embarcaçaõ de remo, acompanhado de seu irmaõ, e sobrinho Bartholomeu, e Rafael de Nolle, em demanda deste célebre Promontorio de Africa, e se engolfou cento e cincoenta legoas em distáncia delle para a parte do Poente, aonde jazem no mar Atlantico as Ilhas, que tem o nome do mesmo Cabo. Os Portuguezes, primitivos descobridores, tambem lhe chamáraõ Ilhas Verdes, em razaõ do mar, que as cinge, estar coberto de herva em tanta cópia, que os navios a rompem com trabalho. Pomponio Mella lhes dá o nome de Ilhas Gorgonias, Plinio o de Gorgodas, e os Poetas as fingem a morada das tres irmãs Medusa, Sthenion, e Euriala, que disseraõ Gorgones. Alguns as estimáraõ pelas Hesperidas, ditas assim do Promontorio Hesperio, em que falla Ptolomeo, que ignorou a existencia das Ilhas.

No seu número variaõ todos os Escritores; mas a Coroa de Portugal, pos-

possue dez, que saõ, a de Sant-Iago, Era vulg.
de S. Nicoláo, de Santa Luzia, de
Santa Maria, a do Sal, a do Maio,
a da Boa-Vista, a de Santo Antonio,
a de S. Vicente, e a do Ferro. A primeira, que foi descoberta no dia de
Maio, em que a Igreja celebra a Festa
de Sant-Iago Menor, tem o nome deste Apostolo, que he o Patrono da Ilha,
e nella celebrado o seu dia com grande applauso. Ella he a maior, e Capital de todas as outras, que successivamente foraõ descobertas. Dellas foi
avante Antonio de Nolle, e passou
ao Rio Rha, que os Portuguezes chamáraõ Caramansa, por ser o nome do
Senhor da terra, donde navegou até
Cabo-Vermelho, e voltou a Portugal.
Nas duas Historias Insulanas, huma
manuscrita do Doutor Gaspar Fructuoso, outra do Padre Antonio Cordeiro,
se dá noticia mais larga destas Ilhas,
da variedade dos seus nomes, e do
seu número, donde Manoel Pimentel
extrahio huma recapitulaçaõ das opiniões mais provaveis a respeito deste
assumpto.

CA-

ta vulg.

CAPITULO III.

Trata-se do descobrimento, e povoaçaõ, que nas Ilhas dos Açores, ou Terceiras mandou fazer o Infante D. Henrique.

AS Ilhas, que chamamos dos Açores, em razaõ de muitas destas aves, ou de outras, que foraõ vistas semelhantes a ellas no tempo do seu descobrimento, e que tambem dizemos Terceiras por causa da sua Capital, a que deraõ o nome de Terceira pelo ser na ordem do mesmo descobrimento; os nossos navegantes as avistáraõ, e chegáraõ a ellas muitos annos antes dos penultimos da vida do Infante, quando ellas formalmente vieraõ a ser povoadas. Os Estrangeiros lhe chamáraõ Ilhas Flandricas em memoria do Flamengo Jacome de Bruges, que elles entendéraõ ser o seu descobridor; mas a justiça naõ consente, que a elle só se attribua esta gloria. Nós temos huma constante certeza, de que Gonça-

çalo Velho Cabral, Commendador de Almourol, no dia da Assumpçaõ da Senhora de 1432 descobrio a Ilha, que em respeito á mesma Senhora fez chamar de Santa Maria, havendo no anno antes descoberto o Baixo das Formigas.

Era vulg.

Nós contamos as nove Ilhas dos Açores por esta fórma; a Terceira, a de S. Maria, a de S. Miguel, á de S. Jorge, a Graciosa, a do Faial, a do Pico, a das Flores, e a do Corvo; mas eu seguirei nesta narraçaõ a ordem do descobrimento. Foi primeira destas Ilhas descoberta a de Santa Maria, que está aos 37 gráos, apartada do nosso Cabo de S. Vicente duzentas e cincoenta legoas, e tem quatro de comprido, e tres de largo. A povoaçaõ principal he a Villa do Porto. O Infante D. Henrique deo a Capitania della ao mesmo Gonçalo Velho, seu descobridor; da qual a Infante D. Brites, Viuva do Infante D. Fernando, fez depois mercê a Joaõ Soares de Albergaria por Carta passada em Evora a 12 de Maio de 1473, que El-

Rei D. Affonso V. confirmou em Santarem a 13 de Julho de 1474.

Já eſtava povoada a Ilha de Santa Maria, quando o Infante foi aviſado, que de hum monte mui alto, que fica ao Nórte da meſma Ilha, apparecia huma ſombra, que ſem dúvida era outra terra. No anno de 1444 ordenou o Infante a Gonçalo Velho, que foſſe examinar eſta ſombra, e no dia da Appariçaõ de S. Miguel felizmente deſcobrio a Ilha, a que pôz o nome do meſmo Arcanjo, e lhe foi dada a ſua Capitania em remuneraçaõ deſte ſerviço. Elle a povoou no anno ſeguinte, e com muita gente aportou nella o dia fauſto, em que fazia o anno do deſcobrimento. A Ilha de S. Miguel he a primeira, que encontraõ os que ſahem da barra de Lisboa para as Terceiras. Diſta della 212 legoas para o Cabo de Eſpichel. As ſuas povoações principaes ſaõ, a Cidade de Ponte-Delgada, as Villas do Campo, Ribeira grande, Villa Franca, Villa de Nordeſte, a de Agoa de Páo, a da Lagoa, e outros vinte Lugares bem povoados.

A

A Ilha de S. Miguel he a mais populosa das suas visinhas, e nós ignoramos a causa, por que taõ bem a possuio o dito Fidalgo Joaõ Soares de Albergaria, que a vendeo a Ruy Gonçalves da Camara, com confirmaçaõ da mesma Infante D. Brites, passada no primeiro de Março de 1474. Como de Ruy Gonçalves descende a Casa dos Condes da Ribeira, nella se conserva esta Capitania com grandes jurisdições, e regalias. Ella tem de comprimento dezoito legoas, de largura duas, e o seu terreno he o mais fertil de todas as Terceiras. No mundo ha outras Ilhas chamadas de S. Miguel, a saber, huma na India entre os Calamianos, ou Paraguaya, e Borneo; outra dos Venezianos no mar Adriatico, a que alguns chamaõ a Ilha Ugliana.

Era vulg

He terceira Ilha descoberta, a que em razaõ desta ordem do descobrimento chamamos Terceira. Nós ignoramos o anno, e o Author do mesmo descobrimento, ainda que alguns entendem fora o dito Gonçalo Velho Ca-

 bral.

Era vulg. bral. Outros, porque o Infante D. Henrique fez della mercê ao Flamengo Jacome de Bruges, entendem, que elle sería o seu descobridor. O certo he, que esta doaçaõ foi feita na Cidade de Sylves, aonde estava o Infante, a 2 de Março de 1450, para Jacome de Bruges, e seus descendentes sem exclusaõ das femeas, e elle a povoou. A' Terceira está distante de Lisboa 245 legoas; tem de comprido treze, de largo seis, e se divide nas Capitanias de Angra, e da Villa da Praia. Na primeira está a Cidade Episcopal de Angra, com a Villa de S. Sebastiaõ, e os Lugares do Raminho, de S. Antonio, da Ribeirinha, de S. Mattheos, de S. Bartholomeo, de Santa Barbora, e de S. Jorge. Na segunda se comprehendem a mesma Villa da Praia, e os Lugares de S. Roque, de S. Pedro, das Quatro Ribeiras, d'Agoa-Alva, de Villa-Nova, e outros. O Fidalgo Flamengo a possuio poucos annos, e depois da sua mórte, a Infante D. Brites, que dividio as duas Capitanias, que deixo referidas, deo a de Angra

a

a João Vaz Corte Real, Fidalgo bem conhecido pelo ſeu illuſtre appellido; e a da Praia a Alvaro Martins, por Carta paſſada em Evora a 2 de Abril de 1464.

Era vulg.

A Ilha de S. Jorge dizem huns, que a deſcobríra o meſmo João Vaz Corte Real, outros que o Flamengo Jacome de Bruges no anno de 1450, e que ſe lhe déra eſte nome por apparecer no dia, em que a Igreja faz memoria de S. Jorge. Ella tem onze legoas de comprido, e huma e meia de largo, menos nas duas pontas, aonde a terra ſe eſtreita. A ſua Capitania ſe unio á de Angra, em razaõ da pequena diſtancia de oito legoas ao Les-Sueſte Oes-Norueſte da Terceira, e a poſſuíraõ os ſeus dous Donatarios Jacome de Bruges, e depois João Vaz Corte Real. As ſuas povoações ſaõ, a Villa de Vellas, que he a Capital, a de Topo, a da Calheta, e os Lugares da Ribeira Secca, de Sant-Iago, das Manadas, e da Senhora do Roſario. Dizem, que o ſeu povoador fora outro *Fidalgo Flamengo*, chamado

Gui-

Em vulg. Guilherme Vandagara, se illustre no sangue, muito mais nas virtudes, que vendo-lhe naõ correspondiaõ os interesses ás despezas, foi estabelecer-se na do Fayal.

Esta Ilha, quinta na ordem do descobrimento, tomou o nome das muitas Fayas, que havia nella, fica dezoito legoas da Terceira, tem nove de comprido com tres de largo. Verdadeiramente senaõ sabe o anno do seu descobrimento, nem quem fosse o descobridor, ainda que se attribua ao mesmo Gonçalo Velho, e se aponte o anno de 1449. O Infante D. Henrique deo a Capitania ao Flamengo Joaõ, ou Jorge de Utra, que alguns querem fosse o seu descobridor, e que na sua povoaçaõ o ajudára muito o seu nacional Guilherme Vandagara, quando abandonou a de S. Jorge. Outros entendem, que os Mareantes da Terceira, de S. Jorge, ou da Graciosa foraõ os descobridores do Fayal, que tem por Capital a Villa de Horta, e outros lugares populosos.

Tambem se attribue aos mesmos

Mareantes o descobrimento da sexta Era vulg
Ilha, que foi a do Pico, assim chamada do altissimo monte, que dizem ter tres legoas de eminencia, e se descobre de muitas ao mar, e do seu cume todas as Ilhas visinhas em distancia de 40 legoas. Affirma-se, que o Infante D. Henrique dera a sua Capitania a Jorge de Vtra, ou que o encarregára do governo della, por estar pouco mais de huma legoa distante do Fayal, e que tem de comprimento dezaseis, e cinco de largura. O modo, e tempo da sua povoação he incerto, ainda que diga hum Escritor nosso, que Fernando Alvares Evangelho, apartando-se de seus companheiros por huma tormenta, saltára nella com hum cão: que se sustentára hum anno da caça, que este lhe matava: que tornando os camaradas áquelle pórto, lhes propozera a bondade do Paiz, que de acordo commum elles povoárão. Tem esta Ilha Lugares ricos, especialmente a Villa das Lagens, que fica na face do Sul, o da Magdalena fronteiro á Villa de Horta, e a Villa de S. Roque,

Era vulg. A Ilha Graciosa, que foi a septima descoberta, fica na altura de trinta e nove gráos, e hum quarto, estendida de Leste a Oeste, por treze legoas de comprido, e duas na maior largura. Ella teve aquelle nome em razaõ da sua planicie agradavel, fertil, e deliciosa. Dizem que fora descoberta no anno de 1453, sem sabermos nada do seu descobridor, e que pelos annos de 1455 a principiára a povoar Goncalo Velho Cabral; mas o Infante D. Henrique fez mercê da metade da sua Capitania a Vasco Gil Sodré, natural de Monte-Mór o Velho, que vivia na Terceira, e da outra metade a Duarte Barreto seu cunhado, dos desta familia no Algarve, e elles a povoáraõ. As suas habitações principaes saõ as Villas de Santa Cruz, e da Praia, com outros Lugares, que cultivaõ o seu terreno fertil.

Na altura de trinta, e nove gráos, quarenta minutos está situada a Ilha das Flores, que se estende Nórte-Sul pelo espaço de dez legoas de comprido, e tres de largo. Aquelle nome lhe foi pos-

posto pela muita variedade de flores, que nella se criaõ, e a habitaõ os moradores das Villas de Santa Cruz, e das Lagens, com os de varios Lugares. Nós ignoramos o seu descobridor, e quanto della se diz a este respeito saõ conjecturas, sem mais certeza, que a de estar ella despovoada até o tempo del Rei D. Manoel, que a mandou povoar por Antaõ Vaz, morador na Ilha Terceira, donde avistou a do Corvo, que he a ultima das Ilhas dos Açores. Com esta noticia veio Antaõ Vaz ao Reino, e pedio ao mesmo Rei a Capitania de ambas, que lhe foraõ dadas, e passáraõ depois para a Casa dos Marquezes de Gouvea.

Era vulg

A Ilha do Corvo, que fica ao Nórte da das Flores separada por hum canal, tem tres legoas de circunferencia, e na sua cósta huns altos rochedos, que só se abrem nos dous portos pequenos, que chamaõ o Pesqueiro Alto, e o Porto da Casa. Há nella o Lugar da Senhora do Rosario, que depende da Ilha das Flores. Este dominio de *ambas as Ilhas* vendeo Antaõ

Vaz

a vulg. Vaz a Gonçalo de Sousa, hum Fidalgo honrado, que se intitulou Capitaõ da Ilha das Flores, e Senhor da do Corvo, como depois fizeraõ os seus descendentes.

Em fim, o Infante D. Henrique, além de todas as Ilhas do Mar Atlantico, que eu deixo escritas, elle descobrio, quanto vai do Cabo-Bojador, que fica em trinta e sete gráos de altura do Nórte, até a Serra Leoa, que está aos sete, e dous terços, correndo 370 legoas de Costa: descobrimentos, que lhe leváraõ mais de 40 annos, em que elle adquirio seculos de gloria. Se nós houvermos de crêr opiniões vulgares, ha quem nos diga, que o Infante intentára estas emprezas guiado por hum Mapa, que lhe dera seu irmaõ o Infante D. Pedro, quando se recolheo das suas viagens, que continha o ambito da terra, e nelle se chamava ao Estreito de Magalhães a Cola do Dragaõ, ao Cabo da Boa-Esperança a Fronteira de Africa. Que tambem no Cartorio de Alcobaça se achara outro Mapa, que continha a nave-

ga-

gaçaõ da India pelos meſmos rumos, que hoje ſe ſeguem. Mas ſe iſto aſſim foſſe, e as Regiões do mundo já eſtavaõ deſcobertas, e conhecidas; donde naſceo a ſua admiraçaõ, quando o Infante avançou eſtes deſcobrimentos; quando Bartholomeo Dias montou o Cabo de Boa-Eſperança; quando Vaſco da Gama deſcobrio a India; quando Pedro Alvares Cabral deo novas da America; quando Fernaõ de Magalhães embocou o Eſtreito do ſeu nome? Veneramos a Antonio Galvaõ, naõ duvidamos da fé de Franciſco de Souſa Tavares, eſtimamos ao Padre Fr. Luiz de Souſa; mas as ſuas opiniões naõ ſaõ as que baſtaõ para privarmos ao noſſo Infante D. Henrique da juſta gloria, por nos enſinar a deſcobrir o mundo, ſem mais ſoccorros, que os do ſeu illuminado entendimento, com que penetrou os arcanos reconditos da ſua coordinaçaõ, que ignoravaõ todos os Antigos mais bem illuſtrados.

Era vul[illegible]

CA-

CAPITULO IV.

Conclue-se o mais que pertence á vida, e morte do Infante D. Henrique.

TODA a vida deste bemaventurado Infante foi hum tecido de heroicidades; emulas entre si mesmas as virtudes sobre qual dellas havia levantar na sua pessoa o trofeo da sublimidade. Apparecia a piedade, e sobrepojava á Religiaõ; luzia a prudencia, e scintilava raios a justiça, esforçava-se a fortaleza, e apparecia coroada de triunfos a temperança; soffria resignada a constancia, e movia ambos os braços a magnanimidade; queria deixar-se vêr a parcimonia, e corria solta a liberalidade. Neste combate vistoso toda a alma do Infante se representava hum theatro de idéas puras sem paixões, que se escusavaõ em negar precedencias á primeira das imagens virtuosas, que sahia a fazer o seu papel. Tantas qualidades infusas se acompanhavaõ dos habitos das sciencias ad-

qui-

quiridas, que o faziaõ refpeitavel entre os Principes do feu tempo. Na Mathematica, e Cofmografia foi de tal fórte eminente, que fez conhecer ao mundo a fua cegueira na ignorancia da pofitura do Globo terraqueo; da differença dos habitadores das Zonas, quero dizer, os Antipodas, os Antecos, os Periecos, os Anficios, os Heterofcios. Elle nos foube moftrar, que nos feios dos mares havia pedaços de terra foltos dos continentes, que chamamos Ilhas, deftinados para refugio dos perfeguidos pelos ambiciofos, que fe naõ fartaõ de mundo. Elle o que apontou com o dedo os lugares, aonde a Providencia havia tantos feculos tinha efcondido o ouro, a prata, os diamantes, as perolas para utilidade dos mortaes.

Era vulg

O Infante D. Henrique moftrou, que era domavel o orgulho do Oceano, a ferocidade das Nações Africanas, e Afiaticas: que os navegantes podiaõ perder de vifta hum continente para bufcarem o outro: que das producções de humas Provincias de-

viaõ

ira vulg. viaõ participar as outras ; communicar-se o mundo a si mesmo, os seus generos, as suas riquezas, o que ha em humas partes para as outras, que naõ as tem; de sórte que o Commercio faça vêr ao Universo huma Pátria commua, como se tantas gentes, que o habitaõ, naõ compozessem mais que huma só Naçaõ. Este beneficio universal lhe levou ós cuidados maiores da melhor parte da vida; applicações immensas, estudos frequentes, despezas enormes, taõ cheio dos espiritos do valor, que parece communicava aos homens novas almas para arrostarem intrepidos os maiores perigos, a furia dos Elementos, a soberba dos mares, o impeto dos ventos, a voracidade do fogo, a furia das féras, a raiva dos homens.

D. Henrique fundou como dissemos, a Villa de Sagres no Algarve, aonde residia a maior parte do tempo para dar calor aos seus descobrimentos. Augmentou a Ermida de nossa Senhora de Restello no lugar do mesmo nome, que nós hoje em Lisboa chama-

ma-

mamos Belém, para ser a sua Protecto Em vig
ra nos mesmos designios, juntamente
com os Santos Reis Magos; ella co-
mo Estrella dos mares, que descobris-
se os rumos; os Magos como obser-
vadores da Estrella, que lhe mostrou
o Sol nascido nas Regiões incognitas,
no seu Oriente, nos braços da Auro-
ra: idéa sublime, ou allusaõ brilhan-
te, de que se serviria o Infante para
esperar com os influxos da Estrella,
e illuminaçaõ dos Magos conseguir por
meio das suas viagens deixar aos ho-
mens o caminho aberto para resistarem
todo o curso do Sol, desde o berço,
aonde nasce, até ao tumulo, em que
morre.

A Ermida de Restello, que differaõ
de N. Senhora da Estrella alguns Escri-
tores, o Infante a deo á Ordem Mili-
tar de Christo, de que era Graõ-
Mestre, e ordenou aos Cavalleiros,
que nella fossem servir a Santa Vir-
gem, como especial Protectora das
suas navegações: que alguns Freires
Sacerdotes assistissem nella para hospe-
darem os navegantes, e os soccorre-
rem

Em vulg. rem conforme fossem as suas necessidades, para o que edificou hospicios, e consignou rendas, que fornecessem os meios necessarios para o exercicio de huma caridade continua. Assim se conservou a memoravel Ermida de Restello até ao tempo del Rei D. Manoel, que a trocou pela Igreja da Conceiçaõ Velha, aonde mandou residir os Freires, para fundar naquelle sitio o magnifico Mosteiro dos Monges de S. Jeronymo. Mas naõ querendo que esquecesse a memoria do Infante, ou a da sua devoçaõ allusiva á Senhora, que os Magos adoráraõ guiados pela Estrella, fez chamar Belém ao Mosteiro, que honrou com a preciosa Imagem da Senhora da mesma Invocaçaõ; deixando a antiga de Restello, ou da Estrella, que he admiravel, na Capella collateral, defronte do Altar, em que está o Vulto de S. José.

Para se conservar mais viva a lembrança do Infante, o mesmo Rei mandou levantar no Mosteiro a sua Figura sobre a columna, que fica no meio da porta travessa, que faz frente ao mar, for-

formada da mesma pedra com as insignias, que indicaõ a sua gloria nas emprezas honradas, que intentou, e conseguio, como Principe, Guerreiro, e Argonauta. Entre tantas qualidades luminosas, que illustráraõ este ornamento magestoso da nossa Pátria, a nenhuma cedia a sua constancia inalteravel, e serenidade mais que humana em tantos infortunios, que o combatêraõ na vida. Firmeza, e robustez de espirito, que o fizeraõ parecer insensivel nas calamidades lastimosas de seus dous irmãos os Infantes D. Fernando, e D. Pedro. O coraçaõ sempre intrepido, se servio dos máos successos de humas emprezas para fortificar em outras as esperanças; Heróe, que nada o perturbou; que naõ estimou difficuldade por invencivel; que fazia das ruinas argumento para as victorias; sempre elevada a alma sobre a instabilidade da fortuna para mostrar, que de nada mais se fiava, além da Providencia Suprema, que regula os destinos. Era vulg.

Elle amplificou as Escólas Geraes,

Era vulg. que instituira o Rei D. Diniz, e lhes deo as proprias casas, em que vivia em Lisboa, para se aprenderem as Leis, que depois se ouviaõ concordes pelos Tribunaes. O Mestrado da sua Ordem de Jesu Christo lhe deveo as mais distinctas applicações na conservaçaõ do respeito, das regalias, e augmento das rendas pelas mercês dos Reis seu pai, irmaõ, e sobrinho, confirmadas pela authoridade do Papa Eugenio IV. Nós diremos deste bravo, e illuminado Chéfe da sua Ordem, que elle com o écco do Nome Augusto do Redemptor, que a honra, domou as gentes, conquistou as Praças, fez tremer a terra, assustou os mares, domesticou os Elementos, illuminou as trévas, levantou Padrões no Oceano, Trofeos nos Pólos, e disse ao mundo quem era. Elogio diminuto, tosco, balbuciente de hum Principe a quem o Orbe deve tanto, e Portugal deve tudo.

O seu corpo foi talhado para deposito de taõ grande alma; na grandeza proporcionado; nos membros

grof-

grosso, e forte, no rosto branco, e córado; a gravidade o seu ornato, para a virtude benigno, para o vicio terrivel; taõ circunspecto nas palavras, como modesto nas acções, sem luxo, sem vaidade, na pessoa, e na casa tudo moderaçaõ, exemplos de virtude, e santidade. A Villa de Sagres no Algarve tem a honra de ser o lugar, donde o nosso Infante passou da vida mortal para a eterna a 15 de Novembro de 1460, cheio de virtudes, e merecimentos, donde o seu corpo foi transferido para o Convento da Batalha. Com morte preciosa acabou o liberal para com os pobres, o compassivo para os afflictos, o suavemente affavel para todo o genero de pessoas, como significava a sua Coroa tecida, e enlaçada de ramos de carrasco, que tomou por empreza animada com a letra em Francez: *Talent de bien faire.*

Em vulg.

Eu coroarei estas noticias do Infante D. Henrique com os elogios, que lhe fazem Authores veneraveis, e seja o primeiro o Papa Nicoláo V.

ra vulg. na Bulla, em que confirma a conquista de Africa pelos Portuguezes, aonde diz: A nossa noticia chega, naõ sem gosto eminente, e alegria completa da nossa alma, que o amado filho, nobre Varaõ Henrique, Infante de Portugal, Tio do nosso carissimo em Christo filho Affonso, Rei de Portugal, e dos Algarves, seguindo os vestigios de seu pai Joaõ, Rei dos ditos Reinos, de memoria preclara, o seu zelo pela salvaçaõ das almas, elle abrasado no muito fogo da Fé, como Catholico, o mais verdadeiro dos soldados do Creador Jesu Christo, da sua Fé o mais acerrimo, fortissimo, e intrepido Defensor, &c.

Vasconcellos no Anacephaleoses dos Reis de Portugal resolutivamente affirma, que D. Henrique em nada he inferior aos Principes primitivos, em nada segundo aos posteriores, ou nós o consideremos pelo ardor da sua fé, ou pela magnanimidade do seu espirito. Faria, com a eloquencia costumada na Estancia 35 ao Canto oitavo de Camões, diz: Que foi o Prometheo de

de Hespanha, porque se aquelle desde o monte Caucaso investigou o curso, e virtude dos Planetas, este (o Infante) deixando a Corte, se foi a viver só em o Promontorio de Sagres, e dalli investigando as Estrellas achou o descobrimento dos nossos mares, e conquistas, de que he pai unico. O mesmo Faria no primeiro Tomo da Asia Portugueza: O Infante D. Henrique Author memoravel da Milicia Austral, e Oriental; nas Artes, e Letras foi versado; nas Mathematicas superior a todos os que as manejáraõ na sua idade. Na Europa Portugueza conclue o mesmo Author: Valeroso Principe, Sábio, Santo, digno da sua origem.

O Padre Joaõ Mariana, a quem Portugal he taõ pouco devedor, diz do Infante na Historia de Hespanha: Henrique, irmaõ del Rei Duarte, Varaõ dotado de hum espirito eminente, foi o primeiro, que teve a cogitaçaõ sublime de buscar pelo mar Regiões novas, e com frótas cada anno mandar investigar as partes Austraes do

Ce

Ceo até as praias mais remotas da Africa, as quaes abatendo as ondas empoladas do Oceano inchado, descobríraõ gentes incognitas, e novas Ilhas. Maffeo na Historia da India, fallando do Infante, decide: Que nada ha mais illustre, seja para a fama do nome Lusitano, seja para a gloria de Deos immortal, que devaçar os mares incognitos, mandar armadas a Regiões novas, e levar a Religiaõ Santa até aquellas partes, aonde pode chegar o esforço, e diligencias humanas. Arnoldo na Arvore da Vida: Com os desejos de ampliar o Reino paterno, elle principiou a illustrar as praias de Africa com as suas esquadras, e no mar Atlantico descobrio Ilhas novas, que já mais foraõ habitadas pelos homens.

Pacheco na vida da Infante D. Maria confessa: Que Hespanha deve as suas navegações ao Infante D. Henrique. Pedro Opmero no Opusculo Chronologico do Universo: Que elle transmittiria por fundo hereditario á Coroa [illegible]itana a vastidaõ do Oceano com as

suas

Ilhas, Enceadas, e Recoftos. D. Francifco Manoel nas Epanaforas o reprefenta Meftre infigne de toda a Arte militar, que na Milicia de Jefu Chrifto fe affignalou em valor, e difciplina, por fer vantajofamente affeiçoado a emprezas difficultofas, cujos intentos crefciaõ em virtuofa emulaçaõ do que via confeguir a feu pai, e em fi mefmo fe eftava cada hora enfaiando para maiores effeitos. Monfieur de la Clede na Hiftoria de Portugal lhe chama Principe piedofo, valerofo, e fábio. Le Quien de la Neufville na mefma Hiftoria Portugueza, que confagrou ao Rei D. Pedro II., perfuade a fua alta diftinçaõ nos feus felices talentos pelas fciencias, nas fuas audazes navegações, nas fuas gloriofas emprezas. Finalmente, entre muitos de que podéra formar hum Catalogo longo, diz o Padre D. Antonio Caetano de Soufa na Hiftoria Genealogica da Cafa Real dos noffos Soberanos: Que do valor do Infante D. Henrique faõ teftemunha as Praças de Ceuta, Arfila, Alcacere, e Tangere, e das fuas

Era vulg.

vir-

Era vulg. virtudes o ferá eternamente a Hiftoria; em que he univerfalmente louvado, naõ fó na Portugueza, mas na das outras Nações com memoria immortal do feu nome.

CAPITULO V.

Trata-fe de D. Affonfo, filho natural del Rei D. Joaõ I., Conde de Barcellos, e tronco da Real Cafa de Bragança.

COMO eu me determinei a concluir efte Tomo com a narraçaõ dos filhos del Rei D. Joaõ I., tive por jufto dar aqui lugar a D. Affonfo, Conde de Barcellos, primeiro Duque de Bragança, tronco illuftriffimo defta Real Cafa. Todos os noffos paffados entendêraõ, que El-Rei D. Joaõ, fendo Meftre de Avís, tivéra a D. Affonfo de Ignez Pires, e que ella era filha de Fernaõ Efteves, vulgarmente chamado o Barbadaõ de Veiros. Os noffos Genealogicos modernos, os Monumentos defcobertos na Torre do Tombo, no Car-

Cartorio da Casa de Bragança, e os Escritores de boa critica bem reflexionados, destroem inteiramente esta fabula, que tantos annos trouxe allucinados os maiores homens. De tudo, e de todos eu extrahirei a verdade para a minha narraçaõ fiel, sem a embaraçar com disputas, citas, e discussaõ de opiniões.

Era vulg

D. Affonso, Conde de Barcellos, e sua irmã D. Brites, mulher de Thomaz, Conde de Arondel, nascêraõ de D. Joaõ, Mestre de Avís, depois Rei de Portugal, e de D. Ignez Pires, ou Peres, filha de pais distinctos, que foraõ Pedro Esteves, e Maria Annes, neta de Estevaõ Pires, e de Leonor Annes, que lhe communicáraõ a muita nobreza herdada dos seus maiores. Depois de ter estes filhos, foi ella Commendadeira do Real Convento de Santos, aonde se naõ admittiaõ, nem hoje admittem pessoas, que naõ sejaõ de qualidade notoria sem dispensa especial. Por isso Brandaõ diz della, que se lhe teve grande respeito por ser tal pessoa, e que querendo

mu-

ra vulg. mudar-se do Convento para a Cidade, o Infante D. Duarte lhe largou os Paços do Limoeiro, que eraõ seus, e que aqui esteve o Convento algum tempo, como se vê de hum afforamento de casas no beco do Reymondo desta Cidade, que diz desta maneira: Na Cidade de Lisboa nos Paços do Infante herdeiro, que saõ a par de Saõ Martinho, onde ora pousaõ as Donas do Mosteiro de Santos, sendo hi a honrada Religiosa Cmmendadeira D. Ignez.

Estevaõ Peres, que foi pai desta senhora, e Commendador da Commenda de Santos, que só se dava a pessoas de qualidade, e he distinta da Commendadoria de Santos, que obteve D. Inez: elle tambem foi pai de D. Guiomar Esteves, Covilheira da Rainha D. Leonor Telles, o que tudo se próva com documentos irrefragaveis, que derrotaõ as antecedentes preoccupações. Entre elles he bem formal a justificaçaõ de Lopo Vaz Folgado, primo-irmaõ da dita D. Ignez, na qual o Duque de Bragança D. Jayme,

mè, D. Affonſo, Biſpo de Evora, e o Marquez de Villa-Real, que dá à ſeu pai o Appellido de Pedro Eſteves Fonteboa, atteſtaõ, e affirmaõ, que ella era ſua parenta, e a trataõ com grande reverencia, e reſpeito. Depois diſto ſe ſabe, que o Barbadaõ de Veiros, chamado por todos os noſſos Chroniſtas Fernando Eſteves, elle tinha o nome de Joaõ Barbadaõ, ſem que a hum, ou outro nome correſponda em D Ignez o patronimico de Pires, que correſponde ao de ſeu verdadeiro pai, Pedro Eſteves: uſo louvavel, que naquellas idades naõ ſó practicavaõ as peſſoas da maior grandeza; mas ainda os filhos dos Principes, como conſta de todas as Hiſtorias de Heſpanha.

Duas vezes foi caſado o Conde de Barcellos D. Affonſo; e porque de ſua ſegunda mulher D. Brites, filha de D. Affonſo, Conde de Gijon, e de ſua prima D. Iſabel, filha baſtarda de ſeu tio El-Rei D. Fernando, elle naõ teve geraçaõ; ſó trataremos do ſeu primeiro caſamento, donde deſcende a

Real

Era vulg. lher D. Leonor de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, e de Villa-Real; mas da Senhora D. Isabel, segunda esposa, irmã del Rei D. Manoel, e filha do Infante D. Fernando, lhe nascêraõ D. Filippe, que morreo minino: o Duque D. Jayme: D. Diniz de Portugal, que foi Conde de Lemos em Castella por casar com a Condeça D. Brites de Castro Osorio, filha herdeira do Conde D. Rodrigo de Castro Osorio: D. Margarida, que morreo moça.

D. Jayme foi quarto Duque de Bragança, senhor dos Estados da sua Augusta casa, e marido de D. Leonor de Mendoça, filha de D. Joaõ de Gusmaõ, terceiro Duque de Medina-Sidonia. Este Principe foi designado Rei de Portugal por seu tio El-Rei D. Manoel no anno de 1498, se elle viesse a morrer sem filhos, com exclusiva do Imperador Maximiliano por estrangeiro, ainda que filho da Infante D. Leonor de Portugal. O mesmo Rei o nomeou General da armada, que mandou a Africa no anno de 1513. Elle te-

ve filhos da Duqueza ſua primeira mulher ao Duque D. Theodoſio : a D. Iſabel , mulher do Infante D. Duarte , que levou em dote a Villa , e Ducado de Guimarães , que por eſte caſamento ſe ſeparou da Caſa de Bragança.

Era vulg

Segunda vez caſou o Duque D. Jayme por juſtos reſpeitos com D. Joanna de Mendoça , filha de Diogo de Mendoça , Alcaide Mór de Mouraõ , da qual teve a D. Jayme , que foi Clerigo , e morreo moço : a D. Conſtantino de Bragança , Camareiro Mór del Rei D. Joaõ III. , ſeu Embaixador Extraordinario a França , e Vice-Rei da India , do qual fallaremos a ſeu tempo , e caſou com D. Maria de Menezes , filha de D. Rodrigo de Mello , primeiro Marquez de Ferreira , ſem geraçaõ : a D. Fulgencio de Bragança , que foi Prior de Guimarães , Commendatario de S. Salvador de Travanca na Ordem de S. Bento , e deixou filhos baſtardos a D. Franciſco de Bragança , Conego na Sé de Evora , e a D. Angelica *de Portugal* , Abbadeça no

ulg. Convento de Villa-Viçoſa: a D. Theo
tonio de Bragança, que foi Arcebiſp
de Evora, em que ſuccedeo a ſeu ti
o Cardeal Rei D. Henrique: a D
Joanna de Bragança, e Mendoça, qu
caſou em Caſtella com D. Bernardin
de Cardenas, terceiro Marquez de El
che, filho do Duque de Maqueda:
D. Eugenia de Bragança, mulher d
D. Franciſco de Mello, ſegundo Mar-
quez de Ferreira: a D. Maria, e D.
Vicencia, que foraõ Freiras no Con-
vento das Chagas de Villa-Viçoſa.

D. Theodoſio I. foi em vida de ſeu
pai Duque de Barcellos, e depois V
de Bragança. Caſou com ſua prima D
Iſabel de Caſtro, filha de ſeu tio I
Diniz, Conde de Lemos, de quem t
ve unico filho ao Duque D. Joaõ. C
ſou ſegunda vez com D. Brites de La
caſtro, filha de D. Luiz de Lancaſt
Commendador Mór de Avís, e d
lhe naſcèraõ D. Jayme, Commen
dor de S. Martinho de Moreira,
morreo na batalha de Alcacere: D.
bel de Lancaſtro, mulher de D.
guel de Menezes, ſexto Marque

Villa-Real, Duque de Caminha, sem geraçaõ. Em vida.

D. Joaõ I. foi VI. Duque de Bragança, II. de Barcellos, Condestavel de Portugal, Senhor da sua grande casa com o tratamento de Alteza em razaõ da sua alta qualidade, e casamento com a Senhora D. Catharina, indisputavel herdeira de Portugal depois da morte del Rei D. Sebastiaõ, por ser filha legitima do Infante D. Duarte, e de sua mulher a Infante D. Isabel, filha do Duque D. Jayme, e neta del Rei D. Manoel, ainda que seu marido por naõ ter forças para resistir ao maior poder de D. Filippe II. de Castella, houve de se compôr com elle sobre as pretenções ao Reino. O Duque foi Cavalleiro da Ordem do Tusaõ, que se lhe conferio no anno de 1581, e da Senhora D. Catharina teve filhos ao Duque D. Theodosio II. a D. Duarte, tronco da Casa dos Duques de Oropesa pelo seu casamento em Castella com D. Brites de Toledo, filha herdeira de D. Joaõ Alvares de Toledo, Conde de Oropesa,

Era vulg. de Deleitoſa, ſenhor de muitas terras; e de ſua mulher a Condeça D. Luiza Pimentel, filha de D. Antonio Affonſo Pimentel, ſexto Conde de Benavente.

Teve mais o Duque D. Joaõ I. filhos a D. Alexandre, Arcebiſpo de Evora, Inquiſidor Geral, que morreo moço em 1608: a D. Filippe, que foi Commendador de S. Pedro de Monſaraz, e outras na Ordem de Chriſto: a D. Serafina, mulher de D. Joaõ Fernandes Pacheco, quinto Duque de Eſcalona, Marquez de Vilhena, deſcendente do Fidalgo Portuguez do meſmo nome, de que tantas vezes ſe falla neſte Tomo, filho de Diogo Lopes Pacheco o matador da Rainha D. Inez de Caſtro: a D. Maria, que falleceo eſtando deſpoſada com o Duque de Parma: e mais tres Senhoras, que morrêraõ mininas.

O Duque D. Theodoſio II., ſenhor da ſua Auguſta Caſa, VII. na ordem, que naſceo em 1566, e morreo em 1630, caſou com D. Anna de Velaſco, filha de D. Joaõ Fernandes de Velaſ-

lasco, VI. Duque de Trias, Condestavel de Castella, e de sua mulher a Duqueza D. Maria Giron, filha de D. Pedro Giron, Duqueza de Ossuna, da qual teve ao Augusto Rei D. Joaõ IV. de Portugal, como diremos em seu lugar: ao Senhor D. Duarte, de quem faremos memoria no seu devido tempo: ao Senhor D. Alexandre, que morreo moço: a Senhora D. Catharina, que falleceo de pouca idade. Esta he a preclarissima descendencia de D. Affonso, Conde de Barcellos, filho natural do grande Rei D. Joaõ I., que felizmente vai continuando na posteridade de seu neto El-Rei D. Joaõ IV. no Throno da nossa Monarquia. E porque de D. Alvaro, filho quarto do Duque de Bragança, D. Fernando I. descende a Casa dos Marquezes de Ferreira, Duques do Cadaval, eu farei memoria desta grande Casa no Capitulo seguinte.

Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VI.

Descendencia de D. Affonso, Conde Barcellos, na Casa dos Duques do Cadaval.

DOM Alvaro, que vulgarmente d zemos o Senhor D. Alvaro, filho qua to do II. Duque de Bragança D. Fe nando I., e neto de D. Affonso, Co de de Barcellos, I. Duque de Braga ça, foi senhor de Tentugal, do C daval, Alvayazere, Rabaçal, e o tras terras, Regedor da Justiça, Chan celler Mór do Reino. Quando succ deo a morte tragica de seu irmaõ Duque D. Fernando II. se ausentou p ra Castella com permissaõ del Rei I Joaõ II.; mas porque este lhe orden ra naõ ficasse naquelle Reino, ne estivesse em Roma, e elle o fez p lo contrario, ficando em Castella para onde mandou ir sua mulher, filhos, o mesmo Rei lhe mandou con fiscar os bens, occupado do espirit de dureza, que o transportou a ex ces-

cessos demasiados contra taõ altas pessoas. Era vulg

Reinavaõ entaõ em Castella os Catholicos Fernando, e Isabel; esta Rainha, por parte de seu Avô, o Infante D. Joaõ, prima segunda do perseguido D. Alvaro; pela de sua Avó a Infante D. Isabel, sua sobrinha, filha de sua prima-irmã: ella, e o Rei seu esposo o tratáraõ com grandes honras, e o fizeraõ Presidente do Conselho Real, seu Contador Mór, Alcaide Mór de Sevilha, de Andujar, e lhe déraõ o Estado de Gelves. El-Rei D. Manoel lhe restituio todas as terras, que tinha em Portugal, e os bens, que haviaõ sido de seu Sogro, o Conde de Olivença, excepto o Titulo; mas elle até a mórte quiz mostrar a Castella com a assistencia da pessoa a gratidaõ aos beneficios.

Casou o Senhor D. Alvaro com D. Filippa de Mello, senhora de Ferreira de Aves, de Arega, e agoa de Peixes, filha herdeira de D. Rodrigo Affonso de Mello, Conde, e Alcaide Mór de Olivença, primeiro Capitaõ,

e

Era vulg. e Governador de Tangere, e de ſua mulher D. Iſabel de Menezes, filha de Aires Gomes da Sylva, ſenhor de Vagos, e Unhaõ, e teve filhos: a D. Rodrigo de Mello: a D. Jorge de Portugal, que foi Conde de Gelves em Caſtella, aonde caſou, depois de viuvo de huma Senhora da Caſa dos Condes de Penela ſem geraçaõ, com D. Iſabel Colon, filha de D. Diogo Colon, primeiro Duque de Veragua, Marquez da Jamaica, ſegundo Almirante, e Vice-Rei das Indias, neta do famoſo Chriſtovaõ Colon, que as deſcobrio, e delle deſcendem os Condes de Gelves: a D. Iſabel de Caſtro, que caſou em Caſtella com D. Affonſo de Sotomayor, quarto Conde de Belarzalazar: a D. Brites de Vilhena mulher do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra: a D. Joanna de Vilhena, que foi ſegunda mulher de D. Franciſco de Portugal, primeiro Conde do Vimioſo: a D. Maria Manoel de Vilhena mulher de D. Joaõ da Sylva, ſegundo Conde de Portalegre.

D. Rodrigo de Mello, filho primei-

meiro do Senhor D. Alvaro, foi Conde de Tentugal, e Marquez de Ferreira por mercê del Rei D. Manoel, Senhor de Cadaval, e mais terras, Alcaide Mór de Olivença, e marido de D. Leonor de Almeida, viuva de Francisco de Mendoça, Capitaõ de Ormuz, e filha herdeira do grande D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da India, da qual teve filhos: a D. Alvaro de Mello: a D. Francisco de Mello, de quem logo fallaremos: a D. Filippa de Vilhena, primeira mulher de seu primo D. Alvaro da Sylva, Conde de Portalegre: a D. Joanna de Vilhena, Freira em Setuval. Casou segunda vez o Conde de Tentugal D. Rodrigo de Mello com D. Brites de Menezes, filha de D. Antaõ de Almada, Capitaõ Mór de Lisboa, e teve unica filha a D. Maria de Menezes, que casou com D. Constantino, filho do Duque de Bragança D. Jayme.

Era vulg.

D. Alvaro de Mello, filho primeiro de D. Rodrigo de Mello, naõ possuio a Casa por morrer em vida de

seu

Era vulg. ſeu pai; mas foi caſado com ſua prima D. Maria de Vilhena, filha de D. Joaõ da Sylva, Conde de Portalegre, da qual teve unico filho a D. Alvaro de Mello, que pretendeo ſucceder na Caſa de ſeu Avô. A eſte reſpeito teve elle demanda com ſeu tio o Marquez D. Franciſco de Mello, que a poſſuia; mas El-Rei D. Joaõ III. os compôz, ordenando a D. Franciſco, que largaſſe a ſeu ſobrinho as terras de Arega, Carapito, Villa-Maior, Carvalhal, Meaõ, Minhocal, e outras, e que elle ficaſſe com o reſto, que era a maior parte da Caſa. Tudo herdou depois o dito D. Franciſco; porque ſeu ſobrinho D. Alvaro naõ teve filhos de D. Maria de Alcaçova, filha de Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas, Védor da Fazenda, e do Conſelho de Eſtado, com quem foi caſado.

O ſobredito D. Franciſco de Mello, filho ſegundo de D. Rodrigo de Mello, foi ſenhor das muitas terras da Caſa de ſeu pai, II. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal, que

ca-

casou com D. Eugenia de Bragança, filha do Duque D. Jayme, que foi jurado successor de Portugal, quando El-Rei D. Manoel passou a Castella no anno de 1498, e por esta nova alliança participou a Casa de Ferreira segunda vez do sangue Real dos nossos Principes. Della nascêraõ filhos D. Rodrigo de Mello; D. Nuno Alvares Pereyra de Mello, que seguirá logo: D. Joaõ de Bragança, Bispo de Viseo: D. Constantino de Bragança, que em Castella he tronco da Casa dos Marquezes de Vilhescas: D. Joanna de Mendoça, que se metteo Freira nas Chagas de Villa-Viçosa por morrer o Senhor D. Duarte, Duque de Guimarães, com quem ella estava desposada: D. Maria, Religiosa no mesmo Convento. D. Rodrigo de Mello, primogenito do II. Marquez de Ferreira, em vida de seu pai, morreo sem geraçaõ na batalha de Alcacere, sendo casado com D. Catharina Deça, Dama da Rainha D. Catharina, e filha de D. Affonso de Noronha, Vice-Rei da India.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello,

Era vulg

ra vulg. lo, filho ſegundo do Marquez D. Franciſco, ſuccedeo na Caſa de ſeu Pai, foi III. Conde de Tentugal, e caſou com D. Marianna de Caſtro, filha de D. Rodrigo de Moſcoſo Oſorio, IV. Conde de Altamira, e de D. Iſabel de Caſtro da Caſa dos Condes de Lemos, da qual teve filhos a D. Franciſco de Mello: a D. Rodrigo de Mello, Clerigo, Sumilher da Cortina del Rei D. Joaõ IV., que morreo eleito Arcebiſpo de Evora a 28 de Novembro de 1652: a D. Leonor de Mello, mulher de D. Manoel de Moura Corte-Real, II. Marquez de Caſtello Rodrigo: a D. Joanna de Caſtro, ſegunda mulher de D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea.

D. Franciſco de Mello, filho primeiro de D. Nuno Alvares Pereira, naſceo a 5 de Agoſto de 1588., foi III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal, ſenhor das muitas Villas da ſua Caſa, do Conſelho de Eſtado, e Guerra del Rei D. Joaõ IV. Mordomo Mór da Rainha D. Luiza, e fez o officio de Condeſtavel, quando o dito Rei

foi

foi jurado a 15 de Dezembro de 1640. Era vulg.
Caſou a primeira vez em 1609 com D. Maria de Sandoval, e Moſcoſo, ſua prima-irmã, filha de D. Lopo de Moſcoſo, VI. Conde de Altamira, da qual teve unica filha a D. Maria, que morreo minina. Caſou ſegunda vez em 1635 com ſua ſobrinha D. Joanna Pimentel, filha de D. Antonio Pimentel, IV. Marquez de Tavara, e de D. Iſabel de Moſcoſo, irmã de ſua primeira mulher. Della teve filhos a D. Nuno Alvares Pereira de Mello: a D. Theodoſio de Mello de Bragança, que foi Conego na Sé de Lisboa, Sumilher da Cortina do Rei D. Affonſo VI. e morreo com a eſperança de grandes dignidades a 9 de Julho de 1672: a D. Iſabel de Moſcoſo, que falleceo de 10 annos.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello naſceo a 4. de Novembro de 1638; foi I. Duque de Cadaval, IV. Marquez de Ferreira, V. Conde de Tentugal, ſenhor dos Eſtados da ſua grande caſa, de muitas comendas, dos Conſelhos de Eſtado, e guerra dos Reis D. Affon-

ſo

Era vulg. ſo VI. D. Pedro II. e D. Joaõ V. do Deſpacho das Mercês, e Expediente; Meſtre de Campo General da Corte, e Eſtremadura junto á Peſſoa, com outros muitos empregos, e o de Embaixador extraordinario ao Duque de Saboya para o conduzir a Portugal no anno de 1682, quando eſteve ajuſtado o ſeu caſamento com a Infante D. Iſabel herdeira do Reino. Caſou primeira vez a 29 de Dezembro de 1660 com D. Maria de Faro, viuva de D. Joaõ Frojaz Pereira, VIII. Conde da Feira, filha de D. Franciſco de Faro, VII. Conde de Odemira, da qual teve a D. Joanna de Faro, que morreo ſem eſtado.

Segunda vez caſou o Duque D. Nuno a 2 de Fevereiro de 1671 com a Princeza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, filha de Franciſco de Lorena, II. Conde de Rieux, Principe de Harcourt, caçador mór de França, e de Catharina Henriqueta, filha natural do Rei Henrique IV. de França, e teve della a D. Franciſco de Mello, que morreo minino: a D. Iſabel de

Lo-

Lorena, mulher de Rodrigo Eanes de Sá, III. Marquez de Fontes.

Era vulg

Terceira vez casou o Duque tambem em França a 25 de Julho de 1675 com a Princeza Margarida Armanda de Lorena, filha de Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, e de Harcourt, Estribeiro Mór de Luiz XIV. Rei de França, da qual nascêraõ filhos D. Francisco de Mello, que morreo de hum anno: D. Luiz Ambrosio de Mello, que casou com a Senhora D. Luiza, filha legitimada del Rei D. Pedro II. sem geraçaõ: o Duque D. Jayme de Mello, que segue: D. Alvaro de Mello, que morreo moço: D. Rodrigo de Mello, que casou com sua sobrinha D. Anna de Lorena, filha dos III. Marquezes de Fontes: D. Catharina de Lorena, que morreo de poucos dias: D. Anna de Lorena, mulher de Luiz Bernardo Alvares de Tavora, V. Conde de S. Joaõ: D. Eugenia de Lorena, que casou com Manoel Telles da Sylva, III. Marquez de Alegrete: D. Joanna de Lorena, mulher de Bernardo Antonio de Tavora, II. Conde de

Al-

ta vulg. Alvor: D. Filippa de Lorena, que casou com seu sobrinho D. Joaquim de Sá, VII. Conde de Penaguiaõ.

O Duque D. Nuno teve bastardos a D. Nuno Alvares Pereira de Mello, que foi Sumilher da Cortina dos Reis D. Pedro, e D. Joaõ V. Conego de Evora, Deaõ de Portalegre, ultimamente Bispo de Lamego no anno de 1710: a D. Maria Theresa de Mello, Freira em Santa Clara de Lisboa, e a D. Theresa Maria de Mello, que foi descalça no Mosteiro das Flamengas.

D. Jayme de Mello, III. Duque do Cadaval, V. Marquez de Ferreira, VI. Conde de Tentugal, que succedeo em toda a Casa, e Commendas de seu pai, e foi Estribeiro Mór del Rei D. Joaõ V., Mordomo Mór da Rainha D. Maria Anna de Austria, e Presidente da Mesa da Consciencia: casou primeira vez com sua cunhada a Senhora D. Luiza, viuva de seu irmaõ o Duque D. Luiz Ambrosio sem deixar geraçaõ. Casou segunda vez com a Princeza Henriqueta Julia Gabriela de Lorena, sua sobrinha, filha

de Luiz de Lorena, Principe de Lambese, Conde de Brione, e de Braine, Graõ Senescal hereditario de Borgonha, Governador de Anjou, e de sua mulher a Princeza Joanna Henriqueta de Durfort, filha de Henrique, Duque de Duras, da qual teve a D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, que hoje he senhor da sua grande, e respeitavel casa, e tem successaõ dilatada da Duqueza D. Isabel Rita da Cunha, filha de Miguel Carlos da Cunha, V. Conde de S. Vicente: a D. Margarida de Lorena, mulher de D. Diogo de Menezes, VII. Conde de Cantanhede: a D. Luiza de Lorena, que casou com Manoel Carlos da Cunha, VI. Conde de S. Vicente. Bastardos teve o Duque D. Jayme dezasete filhos.

Era vulg

LIVRO XXVIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e obras de D. Affonso V. depois de declarado Maior, Rei XII. de Portugal.

Era vulg 1449

NO Livro XXVI., aonde escrevi a vida do Infante D. Pedro, Regente de Portugal, tratei os successos da Menoridade del Rei D. Affonso V. desde o seu nascimento até ao anno de 1449, em que morreo aquelle Infante benemerito na batalha triste de Alfarrobeira, ás mãos do mesmo Rei seu sobrinho, e genro. Contava elle entaõ dezasete annos, e havia tres, que fora declarado Maior; que o Infante lhe entregára o governo; que todo aquelle espaço elle gastára em ouvir as suggestões dos inimigos do mesmo Infante, em lhe traçar a sua ruina, em

preparar as armas para lhe dar a morte, em buſcar pretextos para juſtificar a iniquidade: Época memoravel, donde eu continúo a narraçaõ da vida, e ſucceſſos do Reinado de D. Affonſo V. pelas ſuas expedições além do mar chamado o Africano.

Era vulg.

Caſou El-Rei D. Affonſo a 6 de Maio de 1448 com ſua Prima-Irmã D. Iſabel, filha de ſeu Tio o Infante infeliz D. Pedro, Duque de Coimbra, Regente do Reino, e de ſua mulher a Infante D. Iſabel, filha de D. Jayme II., Conde de Urgel. Viveo a Rainha D. Iſabel caſada ſete annos, e falleceo em Evora a 2 de Dezembro de 1455. Teve filhos ao Principe D. Joaõ, que naſceo em Coimbra a 29 de Janeiro: a Infante D. Joanna, que naſceo em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1452, e regeitando o matrimonio com os maiores Principes, por ſe haver unido ao Eſpoſo das almas, viveo ſantamente no Convento de Jeſus de Religioſas Dominicas de Aveiro, aonde falleceo a 12 de Maio de 1490. A inſtancias del Rei D. Pedro II. o Papa Innocen-

Era vulg. cio XII. lhe confirmou o culto im
morial por Breve de 4 de Abril
1693 : ao Principe D. Joaõ, que
cedeo no Reino, e naſceo em Lis
a 3 de Maio de 1455. Determinou
pai, que foſſe bautiſado na Sé de
boa, e logo reconhecido Principe.

1452 A primeira acçaõ glorioſa do
D. Affonſo depois da morte do Inf
ſeu Tio, foi a do caſamento de
irmã a Infante D. Leonor com o
perador Frederico III., mandado
por na noſſa Corte por Affonſo
Rei de Napoles. Huma alliança
favoravel a ambos os contrahent
o meſmo acto de propôr, foi c
concluir. O Imperador neſta occa
enviou a Portugal a Eneas Silvio
a Bartholomeo Picolomini, ſeu
meiro Miniſtro. Depois elevado
Pontificado com o nome de Pio II.
remuneraçaõ de vir ajuſtar as forn
dades do matrimonio, Eneas Silvio,
na mocidade eſcrevêra Obras, de
houve de ſe retratar, elle dizia:
de ao velho; naõ deis ouvidos ao
ço; naõ tenhais em maior confid

Era vulg.

ıõ ao homem privado, que ao Pa-
ı: regeitai a Eneas, recebei a Pio.
Imperador querendo apressar a in-
ira conclusaõ do seu consorcio fe-
z, havia dado a este Ministro os
oderes necessarios para desposar a In-
nte: ceremonia, que se celebrou en-
e magnificencias, e no meio dellas
nbarcou a nova Imperatriz na arma-
a Real para ser conduzida, pelo Bis-
o de Coimbra, pelo Marquez de Va-
nça, por grande número de Fidal-
os, e Senhores ao porto de Lior-
e.

Entre os Senhores da comitiva da
amilia Imperial, ha quem faça me-
ıoria de Joaõ de Menezes da Silva,
ue nós hoje conhecemos pelo nome
o Beato Amadeo. Este Fidalgo era fi-
ıo quinto de Ruy Gomes da Silva,
lcaide Mór de Campo Maior, e de
. Isabel de Menezes, filha do gran-
e Conde de Vianna D. Pedro de Me-
ezes, primeiro Governador de Ceuta.
lle se deixou arrebatar cégamente do
nor da Infante, e sem violar o de-
oro, que era devido a taõ alta qua-
li-

Era vulg. lidade, elle lhe facrificou o co
Conhecendo a impoffibilidade do
to, fem deixar de amar, occu
paixaõ violenta, que o confumm
baixo da figura fymbolica de hu
tar com a letra *Ignoto Deo.* Algu
thores attribuem menos a curio
de Joaõ de Menezes aos defejos c
Roma; á de eftar prefente á ce
çaõ do cafamento da Imperatriz
á paixaõ occulta, que tinha co
do por ella. Quando a vio em
do Imperador, o feu efpirito mu
objecto, e as faifcas do amor pr
fopradas pelas infpirações da graça
las ardem incendios de caridad
vina. Elle muda o nome de Joaõ
Amadeo; troca os veftidos A
por hum fayal humilde; efconde-f
Caftella no Convento de N. Se
de Guadalupe de Frades Jerony
e entra a caftigar em fi com a
penitencias a ociofidade dos culto
tes dados á Deidade defconhecid
Daqui o mandou huma voz
ma profeffar na Religiaõ de S. Fr
co, já deftinado para fazer a R

ma dos Claustraes, que confirmou o Papa Paulo II. no anno de 1469. Este Santo Varaõ compôz hum Livro de Revelações respectivas ao estado da Igreja, e a mudança da Religiaõ dos Reinos, e dos Reis com este façanhoso Titulo: *Jesus Mariæ filius Salvator hominum Apocalypsis nova sensum habens apertum, & ea, quæ in antiqua Apocalypsi erant intus, hic ponuntur foris. Hoc est, quæ erant abscondita, sunt hic aperta, & manifestata.* Sabem os instruidos o estrondo, que estas Revelações fizeraõ entre os homens de erudiçaõ do XIV. Seculo. Esta Obra está adulterada com diversos erros, e deve ser lida com huma grande cautela. O seu Original se conserva no Convento do Escurial, donde o Arcebispo de Granada, e Sevilha, D. Pedro de Castro extrahio huma cópia, que pôz na Biblioteca do Sacro Monte de Granada. Montfaucon diz, que no Vaticano se guarda outra; mas se alguma existe sem estar adulterada, he a do Collegio de S. Boaventura de Barcellona, que tem no fim hum tes-

Em vulg.

te-

Era vulg. temunho de ſer a legitima, eſcrita pela propria maõ de S. Pedro de Alcantara.

Naõ ha dúvida, que dous homens taõ conhecidos como o Cardeal Caetano, e Bzovio pretendêraõ macular a opiniaõ do B. Amadeo, affirmando ſer ſua a Obra contaminada com as revelações falſas, opiniões erroneas, e erros groſſeiros, que nella tem notado a boa critica. Outros eſpiritos eſtimaveis, como Samaniego, Alva, e Wandingo defendêraõ com doutas Apologias a fama ſantificada de Amadeo, e convencem aos dous adverſarios da precipitaçaõ céga, com que inveſtiraõ a hum Varaõ reſpeitado das Nações. Fr. Jacynto Libello, Arcebiſpo de Avinhaõ, communicou a D. Julio Bartoloci as ſete Cenſuras Manuſcritas do Cardeal Bellarmino, que guardava na ſua Biblioteca para teſtemunhos da innocencia do B. Amadeo; e os meſmos Chroniſtas Franciſcanos, que advertíraõ com prudencia a reflexaõ neceſſaria para a ſua Obra ſer lida; elles a ſentenceaõ, naõ parto do

eſ-

eſpirito illuminado do Servo de Deos ; mas aborto de algum eſpirito impoſtor, que quiz fazer eſtimar Visões as viſagens da ſua depravada fantazia.

Era vulg

O Imperador Frederico veio a Liorne alguns dias antes da chegada da Imperatriz , acompanhado de Ladisláo, Rei de Ungria, de ſeu irmaõ o Archi-Duque Alberto, e de outros grandes Principes, que ſe demoráraõ até a vinda da armada. Immediatamente partio a Familia Imperial para Roma , ſeguindo ainda Amadeo melhor illuminado os movimentos do Sol , que ſe lhe punha. O Papa mandou receber os Ceſares por treze Cardeaes, pelo corpo do Cléro , pelos Magiſtrados da Cidade , que lhes vieraõ precedendo na marcha , e os conduzíraõ aos degráos da Igreja de S. Pedro, aonde lhes tinhaõ armado hum docel ſoberbo. O Papa, veſtido nos ornamentos pontificaes, e aſſentado em huma cadeira de marfim , eſperou ao Imperador , que fez a ceremonia edificante de lhe beijar o pé. No dia ſeguinte, que era o de 15 de Março , o Santo Padre ce-

le

Era vulg. lebrou a Missa, confirmou o matrimonio, e cingio á Imperatriz a mesma Coroa, que em acto semelhante servíra á mulher do Imperador Sigismundo I.

Gozava Portugal de hum profundo socego; mas estimulados os animos com as noticias dos progressos vantajosos, que obravaõ os nossos Fronteiros de Africa, ellas fizeraõ tal impressaõ no espirito marcial do Infante D. Fernando, que sem o embaraçar a falta de licença del Rei seu irmaõ, sem o prenderem as ternuras de recemcasado com D. Brites, filha de seu Tio o Infante D. Joaõ, elle mandou com todo o segredo esquipar huma caravella, em que se embarcou para ir assignalar a sua corage em Ceuta na guerra contra os Mouros. Esta resoluçaõ do Infante, quando estava taõ fresca a memoria da infelicidade de seu Tio o Infante do mesmo nome, naõ pode deixar de affligir o animo del Rei seu irmaõ. Elle lhe ordenou, que sem perda de tempo se recolhesse á Corte; como executou promptamente para con-

se-

feguir na obfervancia da obediencia hum triunfo mais gloriofo, que o das armas.

Era vulg

1453

Foi recebido o Infante com as demonftrações do maior agrado; e o Rei querendo dar próvas fignificantes da fua eftimaçaõ para com elle, naõ fó o nomeou Mordomo Mór da Cafa Real, mas lhe deo a propriedade das Villas de Serpa, e Moura, e a da Cidade de Béja, aonde elle, e a Infante fua mulher fundáraõ o grande Convento da Conceiçaõ da Ordem de Santa Clara, rico, e bem patrimoniado. Mas quando D. Affonfo refreava os ardores marciaes do Infante, elle nada defejava tanto como empregar o feu zelo, e a fua corage contra os Infieis. O Papa Nicoláo V. tanto a elle, como aos mais Principes Catholicos, offerecia huma bella occafiaõ para naõ terem ociofos os efpiritos; publicando hum Breve, em que invitava a todos para unirem as fuas forças contra Mahomet II. inimigo formidavel, que acabava de defcarregar na Chriftandade hum golpe fenfivel na tomada de Conftanti-

tinopla. Esta Capital famosa do Imperio do Oriente, depois de hum sitio de cincoenta e oito dias, se sobmetteo ao jugo barbaro, malogrados os inimitaveis esforços do Imperador Constantino Paleologo, que na sua defensa perdeo a vida.

O Papa fez esta exhortaçaõ sensivelmente tocado das indignidades abominaveis, que os Turcos comettiaõ em tudo, quanto na Religiaõ havia de mais sagrado. Todos os Principes prometteraõ acodir á restauraçaõ do Emporio, que fizera nascer glorioso hum Constantino, e nas mãos de outro Constantino espirára com lastima; mas de todos os chamados, só D. Affonso se pôz prestes com huma numerosa esquadra, em que elle havia mandar em pessoa 12ↀ000 homens de desembarque. Se os outros Reis cumprissem a palavra, e se movessem, D. Affonso naõ abateria os espiritos no empenho, para que naõ bastavaõ só as suas forças. A sua actividade, o seu zelo, a sua promptidaõ lhe adquiríraõ o credito, que lhe podiaõ dar os triunfos;

cer-

certo o mundo, que era digno de gloria o Rei, que qualificava o valor na mesma falta dos conflictos. Era vulg

1454 Destinos differentes, interesses particulares embotárão as armas da Europa para não se empregarem em promover os negocios da Religião, reduzidos no Oriente a estado de não se poderem levar, senão por força. Elles erão tão puramente temporaes, como aquelles, que ao mesmo tempo tratava na nossa Corte a do Rei D. João II. de Castella. Elle mandou Embaixadores a D. Affonso, que lhe propozessem da sua parte quizesse interromper por algum tempo o progresso das suas conquistas em Africa, e se escusasse de mandar fazer a navegação de Guiné. Estes officios forão acompanhados da arrogancia, que ameaçava a D. Affonso como rotura da paz, que unia as duas coroas, se a resolução não fosse em tudo conforme com a proposta. Os Embaixadores a avançavão, cobrindo o seu ciume com o pretexto especioso da usurpação do direito de seu amo, que cria não a poder tolerar

mais

certo o mundo, que era digno de gloria o Rei, que qualificava o valor na mesma falta dos conflictos.

Destinos differentes, interesses particulares embotáraõ as armas da Europa para naõ se empregarem em promover os negocios da Religiaõ, reduzidos no Oriente a estado de naõ se poderem levar, senaõ por força. Elles eraõ taõ puramente temporaes, como aquelles, que ao mesmo tempo tratava na nossa Corte a do Rei D. Joaõ II. de Castella. Elle mandou Embaixadores a D. Affonso, que lhe propozessem da sua parte quizesse interromper por algum tempo o progresso das suas conquistas em Africa, e se escusasse de mandar fazer a navegaçaõ de Guiné. Estes officios foraõ acompanhados da arrogancia, que ameaçava a D. Affonso como rotura da paz, que unia as coroas, se a resoluçaõ naõ fosse tudo conforme com a ...
Embai... a avanç...
com o ...
... do d...
... a p...

ta vulg. mais tempo ſem damno dos ſeus interesſes. O prejuiſo verdadeiro, em que ſe fundava a alternativa da repreſentaçaõ, elle naõ era outro além dos grandes zelos, que ao Rei de Caſtella cauſavaõ as vantagens das armas do de Portugal, a felicidade dos ſeus Capitães, os avances nas conquiſtas, e no commercio.

Penetrou D. Affonſo o fundo da negociaçaõ, e em tom mageſtoſo fez reſponder aos Embaixadores: Que elle naõ mandaria as ſuas náos a Guiné, ſenaõ entendeſſe, que tinha hum direito bem firme para o poder fazer: Que as conquiſtas em Africa, directa, ou indirectamente nada tinhaõ de relativo com a coroa de Caſtella, antes lhe eraõ de tanto maiores intereſſes, quanto mais fechavaõ os mares para daquella parte do mundo naõ poder receber ſoccorros ſeu inimigo implacavel o Rei de Granada: Que El-Rei eſtava muito mal informado por alguns intereſſados particulares, aos quaes faria conta a rotura da paz, cujas conſequencias devia meditar antes de em-

prehender a guerra : Que se queria obrar prudente, se comprometesse em arbitros, que sobre estes assumptos discutissem os direitos, e conveniencias de ambas as coroas. Nesta figura se achavaõ os nossos negocios com Castella, que pouco antes tinha concluido outro interior de naõ menos gravidade, que fazer julgar nullo por commissaõ do Papa Nicoláo V. o casamento do Principe D. Henrique com D. Branca, filha del Rei de Navarra, sendo o fundamento a impotencia affectada no Principe, defendida pelos Historiadores Castelhanos, e posta em público na primeira sentença, que publicou D. Luiz da Cunha, Governador da Igreja de Segovia, a 23 de Novembro do anno antecedente de 1453. A morte, que pouco depois sobreveio ao Rei D. Joaõ, deixou o negocio com Portugal indeciso, e elle por successor á Coroa ao mesmo impotente Henrique, quarto do nome na série dos Reis de Castella.

Era vulg.

Morreo o Papa Nicoláo, que teve por Successor a Calixto III., que ha-

1455

Era vulg. havendo nafcido vaffallo de Aragaõ, deveo muito, e dizem que pagou mal o quanto por elle fe intereffára o feu Rei. Para com efte Principe, o feu primeiro máo paffo foi naõ lhe querer confirmar a Inveftidura do Reino de Napoles, que lhe havia dado o feu predeceffor. O impotente de Caftella, como já fe via Rei com poder, quiz moftrar ás outras Cortes a folidez dos fundamentos da fentença do feu divorcio, naõ fó em entretenimentos indecentes com multiplicados objectos do outro fexo; mas contraindo fegundas vodas com a Infante de Portugal D. Joanna, irmã do Rei D. Affonfo. Os intereffes dos Reinos neceffitavaõ defta alliança; mas os póvos credulos ao eftrondo da fentença do divorcio, fe laftimavaõ, de que a D. Joanna fuccedeffe o mefmo, que a D. Branca, fem que já mais mereceffe ouvir o doce nome de mãi. Sobre efte ponto foi confultada a Infante, que pondo na balança da confideraçaõ fe pefava mais a mageftade da Coroa, que a ternura de hum nome fuave, refolveo expôr-

fe

ſe ás contingencias de naõ ſer mãi, antes que privar-ſe da certeza de ſer Rainha. Era vulg.

Ella caſou, e teve huma filha, que he aſſumpto alto na Hiſtoria. Os Eſcritores Caſtelhanos, que eſtendem ao largo os vicios do ſeu Rei com outras Damas, e tanto o apertaõ para os actos licitos do matrimonio, dizem que elle tratava taõ mal a Rainha, que chegára a arraſtàlla pelos cabellos: que ella eſcandaliſada, de palavra, *puſo obſtaculo en las puntas de las Coronas.* Outros menos eſcrupuloſos naõ pozeraõ o obſtaculo na volubilidade da palavra; mas na conſtancia da obra, de que fizeraõ author a Beltraõ de la Cueva, Mórdomo da Caſa Real, e naõ ſe envergonháraõ de imprimir no ſeu Rei o caracter infame de hum concurrente com o material para ella; conſentindo, que o Beltraõ lhe deſpicaſſe a importancia na mulher propria, como ainda ſe repetirá neſta Hiſtoria. Que juizo prudente acreditará, que hum Soberano rompeſſe taõ inconſiderado o decóro da Mageſtade, e que premiaſſe

Era vulg. o inſtrumento da ſua affronta com o Meſtrado da Ordem de Sant-Iago, o fizeſſe Duque de Roa, e lhe déſſe as Villas de Albuquerque, Molina, Atienza, Cuellar, e outros muitos Póvos, e mercês?

CAPITULO II.

Morte da Rainha D. Iſabel, e primeiras expedições del Rei D. Affonſo a Africa.

AMAVA D. Affonſo com muita ternura a Rainha D. Iſabel, ſua eſpoſa, que o fizera pai de tres filhos. Na flor dos ſeus annos, com ſaude robuſta, quando menos ſe penſava, morreo eſta Senhora com dôr inconſolavel de ſeu marido, que olhava para a ſua morte como hum effeito das más intenções, que contra ella tinhaõ concebido os inimigos inexoraveis de ſeu pai o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. Viviaõ ainda todos eſtes adverſarios, e ninguem duvidou, que a Rainha morrêra do veneno, que el-

elles lhe propináraõ. El-Rei desaffogou o seu justo sentimento com a pompa magnifica das exequias, que mandou fazer na Cidade de Evora, aonde a Rainha fallecêra a 2 de Dezembro de 1455, e donde foi levado o seu cadaver para o Real Convento da Batalha. Foi obra sua a reedificaçaõ do Convento de S. Bento de Xabregas para os Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, que reconhecidos a esta sua bemfeitora, fazem della lembrança illustre na Chronica da sua Congregaçaõ. Era vulg

El-Rei occupado entaõ das imagens tristes da morte, quiz continuar as honras aos cadaveres Reaes; e celebradas as da esposa, determinou fazer o mesmo, transferindo para nova sepultura o corpo da Rainha D. Leonor sua mãi, que sem razaõ foi morrer a Castella, e estava enterrada em Toledo. D. Affonso pedio este deposito ao Rei D. Henrique, que com pompa brilhante o veio acompanhando até a Cidade de Elvas, aonde ambas as Magestades se avistáraõ, e a Portugueza

Era vulg. o foi conduzindo ao Convento da
1456 Batalha. D. Henrique, que na volta para o seu Reino emprehendeo a guerra de Granada com o poderoso exercito de 14$000 cavallos, e 50$000 infantes, pelo pouco que obrou com elle, de tal sórte desagradou aos Grandes, que D. Pedro Giron fazendo-se cabeça de huma conjuraçaõ, quizeraõ prender o seu Soberano. Pelo mesmo tempo tomáraõ tanto corpo as sediçoẽs de Navarra, que o Principe de Viana D. Carlos, desigual no poder a El-Rei D. Joaõ seu pai, se vio obrigado a desamparar a Patria, e passar a Napoles com o Rei de Aragaõ, seu tio.

1457 O de Portugal, que gozava o bem da tranquillidade, com o desejo ardente de ganhar fama, que o fizesse immortal na posteridade, escreveo ao Papa Calixto III. instando-o a que colligasse todos os Principes Catholicos contra o Turco, offerecendo para esta empreza a sua pessoa com todas as forças do Reino. Estimou o Pontifice offerta taõ generosa, que toda cedia

ia em obſequio da Religiaõ, e man- Era vulg.
ou a Portugal ao Biſpo de Sylves,
ue eſtava em Roma, com a Bulla da
ova Cruzada, concebida ſegundo as
ıtenções, que o Papa Nicoláo V. ti-
ha formado antes da tomada de
Conſtantinopla por Mahomet. Do
ıeſmo modo ſe conduzio Calixto com
s outros Reis Catholicos; exhortando-
s de huma maneira paternal, e ter-
a para ſe unirem, e emprehenderem
uma guerra ſanta. Bem conhecia o
apa o zelo, e o valor de D. Affonſo;
elle, que de tudo queria dár próvas
onſtantes, a penas lhe foi notificada
Bulla, ordenou ſe levantaſſem tró-
as, entregue todo á execuçaõ das
léas da expediçaõ religioſa. Entaõ
ıandou cunhar a moeda, que fez cha-
ıar *cruzados*, para pagamento dos
aſtos da guerra taõ importante, e no-
ıeou por Chéfe do exercito a D. Pe-
ro, filho do Infante do meſmo nome
uque de Coimbra, que para eſſe fim
ıandou vir de Caſtella, aonde eſtava
efugiado depois da mórte de ſeu pai.

A do Papa, que ſobreveio pouco
de-

Era vulg. depois, frustrou designios taõ santos, e o ciume dos outros Principes pretendeo com máquinas intrigantes, que o zelo piedoso de D. Affonso tivesse por premio abatimentos da reputaçaõ, injúrias do caracter. A prudencia prevenio o golpe pesado; e fazendo o Rei tremolar em Africa victoriosas as suas bandeiras, obrigou aquellas Regiões a tremer com susto, a callar-se a Europa com respeito. Elle propoem este designio ao seu Conselho, que o approva, e em Setuval, que escolhêra para Quartel General, passa revista ás trópas, e á armada. Esta se compunha de 200 navios, e aquellas de 20$000 homens de equipagem com o seu Rei na tésta, acompanhado do Infante D. Fernando, Duque de Viseo, do Marquez de Villa Viçosa, dos Grandes da Corte, e muita parte da Nobreza do Reino. Para que as suas armas merecessem a bençaõ do Ceo, El-Rei mandou fazer preces públicas, e solemnes; fez celebrar o Sacrificio de Conforto, e acabado elle, no mesmo ponto se levou toda a armada, na-

vegando com vagar até ao Cabo de S. Vicente para se lhe irem ajuntando as náos, que haviaõ sahido dos pórtos das Provincias do Nórte.

Era vulg. 1458

O grande Infante D. Henrique, tio del Rei, que depois da sua expediçaõ infeliz sobre Tangere viera residir na Villa de Sagres, logo que avistou a armada, em que se havia embarcar para authorisar com o veneravel dos annos, do conselho, e do valor esta empreza, elle partio para Lagos. Até chegar a armada a este porto, D. Affonso havia tratado a viagem como hum dos Sacramentos dos Reis; mas nelle revelou a todos, que o seu destino era marchar sobre Tangere para despicar a injúria de seu tio o Infante Santo D. Fernando no mesmo lugar, aonde ella lhe fora feita; que esperava mostrar nelle as Quinas de Portugal aos Mouros temerosas, a nós alegres; que hia certo, em que os seus vassallos saberiaõ procurar no mesmo acto com valor sublime os creditos da Religiaõ, a gloria do Estado, a vingança justa dos despresos do Infante. O

gol-

Era vulg. golpe porém, que ameaçava a Tangere, foi descarregar em Alcacer Ceguer: Praça, que desmentia o nome, que significa pequeno, com o forte da contextura, e com ter a grandeza de ser huma Cidade do Reino de Féz, fronteira ao Estreito de Gibraltar, que fortificou Jaçob Almançor, Rei de Marrocos.

A noticia deste projecto, e a vista da armada obrigou os Mouros a entrincheirar-se na praia para fazerem a primeira opposiçaõ ao desembarque; mas naõ podendo soffrer o fogo continuado das náos, elles abandonáraõ o entrincheiramento, e D. Affonso, postada a gente em terra, sem perda de tempo mandou levantar huma bateria, que duas horas naõ cessou de bater a Praça. O vigor deste ataque de sórte atemorisou a guarniçaõ, que resoluta a naõ esperar segundo, capitulou, e se rendeo salvas as vidas. Com gloria semelhante á de seu Avô sobre Ceuta, D. Affonso no mesmo dia desembarcou, e sobmetteo Alcacer. No meio desta prosperidade o valor do Rei

Era vulg.

se sentio da pouca resistencia, que encontrára nos Barbaros. Entendeo, que huma victoria taõ barata tirava boa parte á plausibilidade do triunfo; mas este ardor naõ lhe impedio, que elle estimasse o successo feliz das suas armas por effeito de huma protecçaõ especial do Ceo. Occupado deste sentimento Catholico, determinou primeiro que tudo dar graças ao Author da victoria, fazendo consagrar a Mesquita maior debaixo da Invocaçaõ da Senhora da Misericordia, aonde logo se celebrou o Sacrificio Incruento com ternura inexplicavel dos corações pios.

Guarnecida Alcacere, Praça forte, e porto rico, tres legoas apartado da cósta de Hespanha, encarregada a sua defensa ao valor provado do grande D. Duarte de Menezes, filho do Conde D. Pedro, Capitaõ de Ceuta; El-Rei se embarcou para esta Praça dous dias depois daquella conquista. O Rei de Marrocos com a noticia da sua perda, e da retirada de D. Affonso para Ceuta, veio a Tangere determinado a reconquistar Alcacere.

Das

ra vulg.

Das ſuas forças formidaveis, que co-briaõ os campos, foi El-Rei aviſado pelos eſpias, que os batiaõ, e nada quiz reſolver ſem ouvir os votos do ſeu Conſelho. Advertiaõ os prudentes, que as vidas, e a reputaçaõ naõ ſe deviaõ arriſcar á viſta de huma deſigualdade taõ notavel. Os intrepidos, que eraõ os mais, ſuggeriaõ o conceito que faria o mundo, ſabendo que o Rei paſſára a Africa para ſuſtentar contra os Barbaros huma guerra defenſiva: que naõ era decente ao ſeu decóro eſtar com a eſpada na bainha, vendo os Mouros degollar-lhe os vaſſallos, naõ fazendo caſo da ſua preſença; que baſtava eſta injúria para tudo ſe expôr a fim de a vingar.

Prevalecêraõ eſtes votos por mais guapos, e reſoluto hum combate geral ſuſtentado na idéa, de que Portuguezes mediaõ o valor, e naõ contavaõ número: foraõ eſcolhidos Martim de Tavora, e D. Lopo de Almeida para levarem ao Rei de Marrocos o Cartel de deſafio. O Barbaro tranſportado do furor, naõ quiz ouvir os

Emiſſarios ; mandou fazer fogo ſobre elles, e continuou a marcha para Alcacere na teſta de 30000 cavallos, e de huma quantidade prodigioſa de Infantaria. Eſta reſoluçaõ do Rei de Marrocos deſconcertou as medidas tomadas para a batalha, que ſería temeraria ſe os Portuguezes houveſſem de lhe ſeguir a marcha pelo Paiz inimigo para irem atacar dentro das linhas do ſeu campo ſobre Alcacere hum exercito duas vezes reſpeitavel, pela ſituaçaõ, e pelo número. Entaõ foi determinado em Ceuta, que os esforços ſe applicaſſem a ſocorrer a Praça, para onde o Rei ſe fez á véla com toda a armada ; mas elle encontrou para o deſembarque tantas difficuldades invenciveis, que concebeo a idéa de vir a Portugal para refazer o exercito, e voltar a combater os Mouros, que davaõ á Praça aſſaltos temeroſos.

Era vulg

Naõ conſentio o valor na retirada, que poderia parecer fugida, antes ſe mandou poſtar em terra a todo o riſco hum corpo conſideravel de trópas com o *deſtino*, ou de entrar na Pra-

ça,

rá vulg. ça, ou de sustentar aquella parte da campanha para facilitar qualquer tentativa, que podesse occorrer: postado porém de fórma, que se os Mouros viessem atacallo com vantagem, elle fosse soccorrido, e facilmente se reembarcasse sem damno. Em quanto na armada se faziaõ estes movimentos, os Mouros sem cessar atacavaõ Alcacere com hum fogo igual de cincoenta canhões. A tudo resistia a corage inimitavel de D. Duarte de Menezes, que na face dos maiores perigos tirava toda a esperança aos Barbaros de aballarem no seu peito o promontorio immovel da constancia. Já eraõ passados dias bastantes de sitio para na Praça estarem consummidas as munições, e os viveres: já se haviaõ comido os cavallos, menos trinta destinados para alguma sahida, que a guarniçaõ já meditava como refugio na ultima extremidade, em que o valor a acabasse no campo, naõ a fome na Praça.

D. Duarte antes de emprehender esta gentileza, ultima das militares a que se arrojaõ os corações magnanimos,

pa-

para que os inimigos se desvaneçaõ de render paredes, e naõ homens, elle quer primeiro avisar o nosso campo entrincheirado em terra. Como todas as avenidas estavaõ tomadas pela multidaõ dos Mouros, D. Duarte prende a carta na ponta de huma setta; mas despedida com ponto taõ errado, que foi cahir entre os Barbaros, e os instruio do estado triste da Praça. Concebe esperanças de rendella o Rei de Marrocos, e pelo mesmo correio responde à D. Duarte: Que elle se lastimava da miseria dos Portuguezes, e que della participasse hum homem do seu tamanho: que naõ quizessem perecer todos como Leões famintos enterrados na cova, quando podiaõ soltos multipliçar asperezas: que naõ merecia gloria, antes reprehensaõ acabar desesperados ás mãos do inimigo mais inexoravel da natureza, qual era a fome: que lhe entregasse a Praça debaixo do seguro, de que na sua benignidade encontrariaõ os Portuguezes hum acolhimento bem differente daquelle, que os Mouros acháraõ no seu Rei, quando a ganhou.

Era vulg.

Ou-

Era vulg. Outro espirito, que naõ fosse o do grande D. Duarte, poderia sobprender-se por constar aos seus inimigos a situaçaõ fatal, a que estava reduzido; mas a esperança de ser tratado com humanidade, tanto o naõ tocou para faltar em hum ponto ao cumprimento dos seus deveres, que esforçou o valor para remediar o erro da setta com esta resposta penetrante: Que a carta, que elle acabava de receber a devia presumir resposta de alguma, que se mandára da Praça ao seu campo: que hum de dous espiritos bem oppostos a haveria escrito; ou algum covarde taõ infame, que se quereria prevenir com aquelle serviço para no caso de render a Cidade, elle lho remunerar benefico; ou de outro valente taõ generoso, que por aquelle modo o desafiava para lhe facilitar arrojar-se aos combates, e elle ter a complacencia de vêr o destroço dos Mouros: que este segundo era o seu conceito, e para dar as provas da verdade delle, e de que nada faltava em Alcacere para huma defensa longa, e vigorosa, lhe pedia se dei-

xas-

xasse estar todo o tempo, que lhe parecesse; que multiplicasse os assaltos, e os contasse pelas horas do dia, até chegar a ultima, em que tivesse o gosto de ser necessario offerecer-lhe huma escolta da sua guarniçaõ para o conduzir a Marrocos, naõ sendo toleravel a D. Duarte de Menezes, que hum Rei do seu caracter, que viera a Alcacere com tanto sequito, se recolhesse sem companhia.

Era vulg.

Huma resoluçaõ taõ viva imprimio no Rei Mouro o terror, que elle presumia ter derramado entre os Portuguezes, e passando aos membros o susto da cabeça, esfria o vigor das operações, começa a desertar a trópa, e he a comoçaõ taõ sensivel, que D. Duarte a percebe. Este espirito só a si igual, resolve-se a fazer hum esforço, que testemunhe ao Rei inimigo o sério da resposta, que acaba de lhe dar, e leve o seu temor a tocar as segundas balizas da covardia. Elle chama a seu filho D. Henrique de Menezes; entrega-lhe o melhor da guarniçaõ, os robustos, os façanhosos; ordena-lhe saia

Era vulg. ao campo, se lance sobre as linhas dos Mouros, e mostre que he filho de D. Duarte, neto do Conde D. Pedro. Os sitiantes já occupados do pavor, na face do novo Heróe elles recuaõ; largaõ as trincheiras depois de deixarem mil e duzentos degollados; D. Henrique céga as linhas, crava os canhões, faz que cem mil Barbaros abandonem o campo; passa á espada quanto resiste; enche a Praça de prisioneiros; e unidas

1459 as palavras da carta do pai aos golpes da espada do filho, por hum modo incrivel elles fazem levantar o sitio de Alcacere.

Retirado o Rei Mouro, elle se confunde da sua fraqueza, e com o exercito recrutado, volta a reparar a nóta, ou a morrer na empreza. Os protestos das trópas, que se revestem do semblante do Principe, lhe mitigaõ a cólera, e dando lugar ao valor, depõz a tristeza; que o espirito se desaffoga, quando huma esperança bem fundada o anima. Com grande circunspecçaõ mandou o Rei de Marrocos trabalhar em novas trincheiras, levantar baterias,

fa-

fazer fogo, aſſaltar a Praça, e ſem ſe embaraçar com a grande perda de gente, levar avante o projecto. Cincoenta dias diſputáraõ entre ſi a corage racional dos ſitiados com a deſeſperaçaõ barbara dos ſitiantes. Em fim, aos olhos deſtes já ſe faziaõ intoleraveis os eſpectaculos da carnagem, que os forçou a pedirem ao ſeu Rei deſiſtiſſe dos empenhos, que tinhaõ por conſequencia multiplicar a elles as perdas, aos Portuguezes redobrar a gloria. Segunda vez ſe retira de Alcacere o Rei de Marrocos confuſo, e outras tantas ſe arrepende, já fóra do perigo, de naõ fazer os ultimos esforços até largar a vida.

Era vulg.

Como a dôr dos Barbaros ſó ſe deſaffogava em fazer apreſtos, receoſos de entrar em novas idéas; D. Duarte teve tempo de aviſar do eſtado da Praça a El-Rei, que o mandou ſocorrer com gente eſcolhida, com munições, e viveres em abundancia, com quantidade de cantaria lavrada para augmentar as fortificações. O Governador incanſavel lhes accreſcentou novas

Era vulg. obras, e com o material vindo do Reino, em poucos dias fez huma meia lua de reforço taõ confideravel, que naõ fó affegurava a navegaçaõ do porto; mas pela terceira vez obrigou o Rei de Marrocos a retirar-fe com igual perda ás precedentes. Entaõ quiz El-Rei faber de D. Duarte os modos excellentes com que elle fe tinha conduzido, e o mandou vir á Corte, aonde foi recebido entre agrados, e beneficencias; nos vaffallos da honra de D. Duarte mais eftimaveis os primeiros, que as fegundas Se com eftas, em que fe incluio o Titulo de Conde de Viana, El-Rei lhe premiou a relevancia dos ferviços, com os outros fez publico, que lhe fabia avaliar o merecimento.

Os Mouros tinhaõ ficado taõ cortados do noffo ferro, que quando D. Duarte fe recolheo a Alcacere elle pode vifitar os contornos diftantes da Cidade para cortar todos os padraftos, que lhe impediffem a defenfa. Mandou foffe arrazado hum Forte, de que nós nos ferviamos, por fer pofto, que poffuindo-o os Mouros, incommodaria

a navegaçaõ, lhes facilitaria as embofcadas, e fe contentou com fortificar todas as avenidas, por onde elles podiaõ chegar ao corpo da Praça. Em quanto os noffos Chéfes affim fe conduziaõ em Africa, El-Rei D. Affonfo, que dilatava os penfamentos muito além de fer fenhor de Ceuta, e Alcacere, naõ ceffava de formar refoluções, e fornecer preparos, que o conduziffem intrépidos a ir bater ás portas de Féz. Com efte defignio firme, e animofo, até fe refolveo a fazer huma grande promoçaõ de Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago, que defde entaõ tomáraõ o nome da Efpada, em allufaõ ao deftino para que o Rei os criára; que era marcharem ás portas de Féz a bufcar a efpada de hum dos noffos Chéfes, que o Rei Mouro mandára enterrar junto a ellas, ou guardava nas fuas torres.

Era vulg.

Quando eftes eraõ os cuidados de Portugal, fobrevieraõ conjuncturas, que defpertáraõ outros. Nelle fe ouviaõ com defagrado os defmanchos do Rei Henrique de Caftella, que tratava

ra vulg. a Rainha com menos decencia ; que a hum homem baixo, natural de Belmonte, chamado Lucas Itanzu, nomeára Condestavel de Castella; que a Gomes Solís, outra figura semelhante ao Itanzu, fizera Mestre da Ordem de Alcantara: desconcertos intoleraveis no meio de hum Reino cheio de homens benemeritos, que naõ podiaõ deixar de dar o nome de fatuidade a provimentos semelhantes, e dispôr-lhes as consequencias. Por outra parte os cossarios de Bretanha, que prevertiaõ o nosso commercio, deraõ causa a D. Affonso para representar ao seu Duque Francisco II. remediasse aquelles insultos, sem o pôr na precisaõ delle o fazer com as armas. O Duque prevenio o resentimento do Rei com huma satisfaçaõ completa, que acalmou a desordem, e suspendeo os effeitos do rompimento.

1460 A estas, e outras occurrencias, que levavaõ as attenções da Corte, se seguíraõ duas mortes, ambas dignas de sentimento. A primeira foi a de D. Affonso, filho do primeiro Duque de

Bra-

Bragança, Conde de Ourem, Marquez de Valença, sem deixar geração legitima, que succedesse na sua grande casa. Foi perda consideravel a da vida deste Principe, que era dotado de grande engenho, distincto entre todos os homens pelas suas viagens, pela sua dexteridade nos negocios, pelo seu conselho no Gabinete: circunstancias, que unidas ao alto nascimento, o fizeraõ digno da grande Embaixada ao Concilio de Basiléa, e de ser o Conductor da Infante D. Leonor, quando foi a casar com o Imperador Frederico III.

Era vul

Mais que todas sensivel a morte do Infante D. Henrique succedida a 15 de Novembro deste anno, como eu já disse na sua vida, aonde teci o elogio bem desigual ao seu alto merecimento. O seu cadaver veneravel foi transferido de Sagres para Lagos, aonde esteve hum anno. Seu sobrinho, e herdeiro o Infante D. Fernando o conduzio em pessoa com a pompa devida para o Convento da Batalha. Naõ ficou delle geraçaõ, por haver coroado as

suas

Era vulg. ſuas virtudes com a pureza virginal, em que ſe conſervou ſempre, para que foſſem boas todas as obras de hum

1460, Principe com tanta caſtidade. Com e pouco intervallo de tempo o acompa-1461, nhou na meſma jornada ſeu irmaõ na-ou tural D. Affonſo, primeiro Duque de 1462 Bragança, que antes fora Conde de Ourem, e de Barcellos, e que deixaría memoria muito mais illuſtre, ſenaõ a manchára ingrato com a perſeguiçaõ inexoravel, calumnioſa, e injuſta contra ſeu irmaõ, e bemfeitor o ſempre lembrado Infante D. Pedro, como fica dito.

1462 Neſte anno appareceo em Heſpanha o Aſtro, que tinha de vír encontrar a interpoſiçaõ em Portugal para eclypſes mutuos. Naſceo dos Reis de Caſtella D. Henrique, e D. Joanna huma Princeza do nome de ſua mãi, á qual a malevolencia, em deſpique de nós chamarmos baſtarda á Rainha D. Brites, accreſcentou a alcunha poſtiça de Beltraneja para a dar a conhecer por filha de Beltraõ de la Cueva. Naſcida a Princeza, os Eſtados a juráraõ

 her-

herdeira do Reino, e ſeu pai putativo El-Rei D. Henrique, dizem os Eſcritores Caſtelhanos, que honrára logo o pai verdadeiro Beltraõ de la Cueva com o titulo novo de Conde de Ledeſma. E naõ ſe cobrem de pejo eſtes grandes homens, de que nós, prevertida a ſeriedade da Hiſtoria, lhes reſpondamos: Que ſe podiaõ fazer ao ſeu Rei muitos deſtes ſerviços, pois elle taõ bem os pagava? Do maior inſenſato ſe naõ profere deſatino ſemelhante, quanto mais de hum Principe. Porém o famoſo Mariana diz: Grande mingoa, enxerir na ſucceſſaõ Real eſſa, que o vulgo eſtava perſuadido fora havida em má parte, ſendo certo, que a bondade, e clemencia del Rei (note-ſe que clemencia, e que bondade) fez demaſiados os tempos, que alcançou. Depois de fallar aſſim eſte grande homem, e de lhe terem reſpondido outros do ſeu tamanho, a minha pequenhez ſe ſatisfaz com repetir eſtas ſuas expreſsões, que em ſi meſmas encerraõ a convicçaõ da calumnia.

Era vulg.

Ora

Era vulg.

Ora para eu defcobrir nefte theatro as reprefentações de Hefpanha, e deixar preparada a fcena para as que tem de vêr Portugal depois de treze annos por caufa defta Princeza infeliz, deve-fe faber, que depois della jurada herdeira, e Succeffora de feu pai D. Henrique, os Grandes clamáraõ contra efta deliberaçaõ, e transportados do odio, que tinhaõ a Beltraõ de la Cueva, entráraõ a publicar que a Princeza era fua filha, e o Rei para elles o mefmo que hum phantafma. Por outra parte o Infante D. Affonfo, irmaõ de D. Henrique, aproveitou as agoas envoltas para nellas pefcar a Coroa; convocou os mefmos Eftados, que reconhecêraõ por legitima a D. Joanna, e os fez declarar que ella era incapaz da fucceffaõ, que fó pertencia ao Infante.

Dado efte primeiro paffo taõ eftranho, e violento, os conjurados junto á Cidade de Avila, além do rio Adar, levantáraõ hum cadafalço, em que collocáraõ a Eftatua do Rei Henrique ornado das infignias Reaes. Havia con-

corrido ao eſpectaculo hum número im- Era vulg.
menſo de vaſſallos infames, que ouvírao com todo o ſocego pregoar hum porteiro os crimes imputados ao Original da Imagem, e contra elle a Sentença de privação dos Reinos. Seguiose a eſta ceremonia execravel ſobirem ao cadafalço quatro Grandes, que deſpojárao a Eſtatua dos paramentos Regios, e depois a deitárao a terra com deſpreſo, e complacencia; o primeiro do decóro devido á Mageſtade, a ſegunda dos aſſiſtentes ao ſacrilegio. Conſentio o Infante D. Affonſo, que eſta injúria atroz de ſeu irmao foſſe o prologo elegante da ſua acclamação de Rei; que a tanto ſe arraſta hum ambicioſo, quando eſtraga a honra, ou perde o juizo. A ſeu tempo veremos o premio do Infante, que nao podia deixar de ſer correſpondente a hum tal merecimento.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Segunda expediçaõ do Rei D. Affonso a Africa, e continuaçaõ dos successos de Castella a respeito da Princeza D. Joanna.

EM quanto os espiritos revoltosos se preparavaõ para as enormidades, que ficaõ enunciadas, El-Rei D. Affonso, que estava em paz com os visinhos, sem se embaraçar com as muitas inquietações, que por este tempo laboravaõ entre todos os Principes dos Reinos de Hespanha, elle determina passar segunda vez a Africa. Com o aviso, que teve, de que a Cidade de Tangere estava em situaçaõ favoravel de poder ser atacada, o Rei naõ quiz depois arrepender-se de perder a conjunctura, e dispoem-se para a aproveitar. Com desejos de augmentar o Estado, e acreditar o valor, a potencia fez ostentaçaõ bizarra da generosidade Portugueza. Em huma armada consideravel se embarcou El-Rei, acompa-

pa-

panhado do Infante Duque de Viſeo Era vulg.
ſeu irmaõ, de D. Pedro, Condeſtavel
de Portugal, ſeu primo, e cunhado,
de D. Duarte de Menezes, Conde de
Viana, dos Condes de Marialva, Villa-Real, Monſanto, e outros muitos
Fidalgos ambicioſos de ganhar honra
neſta campanha, que teve mais de apparatoſa, que de feliz; nem ſempre propicios os Fados ás reſoluções magnanimas, nem favoravel a Providencia
aos deſtinos, que nos parecem juſtos.

Ferrou a armada o porto de Alcacere, donde El-Rei deſtacou ao Infante D. Fernando com algumas náos,
ſem mais deſignio, que o de reconhecer o eſtado de Tangere. He difficultoſo reprimir o ardor em Principes moços, quando mandaõ em Chéfe. Quiz
o Infante alterar as ordens Reaes mudando a obſervaçaõ em ataque, contra o parecer dos Officiaes experimentados, que lhe propunhaõ a temeridade de inveſtir com hum punhado de
homens a Praça cheia de mundo. Eſta reflexaõ, e a dos riſcos da ſua peſ-
ſoa

ra vulg. soa foraõ os estimulos mais fortes, que picáraõ a corage do Infante para sobrepassar o difficultoso muito além do magnanimo. Elle se resolve ; marcha a Tangere, e a facilidade industriosa dos inimigos, que elle acha até chegar ás suas visinhanças, o Infante a crê pressagio constante da victoria. Huma esperança taõ equivoca os Mouros a desvanecem no mesmo acto, em que elle tinha por infallivel a sobpreza. Tantos, e com tanto vigor atacáraõ elles a pequena trópa, que naõ valendo aos Portuguezes huma resistencia façanhosa das que poucas vezes saõ vistas no mundo, a maior parte delles cahe opprimida aos lados do Infante, e elle se salva com trabalho.

Esperava El-Rei em Alcacere a vinda do Infante para o instruir ; mas vê, que chega em estado de o lastimar. O intento de lhe desaggravar a injúria, arrojou D. Affonso a outra resoluçaõ com tanto de briosa, como de menos bem pensada. Rompeo o exercito a marcha por terra para talar a campanha ; para abrir caminho á ponta da

es-

espada para Tangere, ou Arzila; para levar sobre a marcha ambas, ou huma destas importantes Praças. Os Mouros, que estavaõ prevenidos, e eraõ muitos, a cada passo, especialmente nos mais difficultosos, e estreitos, postáraõ grossos destacamentos, que mutuamente podessem soccorrerse, e foi sendo a nossa marcha huma batalha contínua. Quanto mais os Barbaros disputavaõ a passagem, o Rei mais se empenhava em vencella: taõ picado o decóro Real da opposiçaõ dos inimigos, como se ella fora injúria da Magestade, que se havia desaggravar a todo o perigo. Tantos correo a pessoa do Rei, que esteve muitas vezes perdido, como qualquer soldado vulgar.

Era vulg.

No mais trabalhoso de hum destes lances, para salvar o seu Principe acabou de mostrar quem era o grande D. Duarte de Menezes, Conde de Viana. Os Barbaros o fariaõ prisioneiro, se este bravo General se naõ lançasse intrepido a elles, sustentando o campo em quanto o Rei se retirava; com to-

Era vulg. do o peſo dos Mouros ſobre ſi ; já roto em feridas ; o cavallo morto ; montado em outro ; falto de ſangue ; o eſpirito animado em ſi meſmo , cançado de matar, cahio morto. A trópa vil vinga no Heróe ſem alma os eſtragos , que nella fizera toda a vida. Do ſeu corpo veneravel apenas appareceo huma das mãos heroicas , que veio a ſepultar em Santarem no monumento dos ſeus Maiores. Em Africa ſe criou no berço o valor de D. Duarte , em Africa eſpirou , e ſe lhe desfez o corpo : a ſua fama vive gravada em Epinicios fauſtos nas laminanas immortaes.

Deſtino ſemelhante tiveraõ os Officiaes de mais honra , que ſe lançavaõ intrépidos a offerecer as vidas para ſalvar a liberdade do Rei da multidaõ barbara , que o rodeava ; a ſua Real peſſoa das mãos da anguſtia , que o opprimia. Aqui obrou a fé Portugueza os esforços , que lhe ſaõ naturaes, quando vê ultrajados os ſimulacros a quem rende os cultos. O Conde de Villa-Real , que do ſeu poſto obſerva-

va

va esta revolta, o perigo do Rei, a coragem dos nossos, a resoluçaõ dos Mouros, elle o abandona, e com tanta presença de espirito, como temeridade de valor, ordena as trópas desmandadas, reanima o combate, faz suspender a intrepidez dos Barbaros, e merece ouvir ao seu Rei, que elle naquelle dia era o Escudo da Fé, e do Estado. Alto elogio, mas bem digno de tal vassallo, que tinha a felicidade de obrar as suas gentilezas na face do mesmo Remunerador, sem necessidade de que passassem os informes por outros canaes menos puros, que os viciassem. Entre outros Fidalgos, que se distinguíraõ neste lance, foi hum Gomes Freire, que mostrou nelle os brios do seu appellido, e o Conde de Marialva, que se conduzio com valor heroico. Ambos perdêraõ a liberdade para impedirem a prisaõ do Rei; mas elle lha resgatou por hum preço posto em equilibrio com o terror, que estes dous Fidalgos haviaõ derramado entre os Mouros.

Era vulg.

O Rei naõ quiz, que instantes depois

Era vulg. pois de tal ferviço pareceffe a Mageftade efquecida, a peffoa ingrata. Elle premiou ao Conde de Villa-Real com gratificações fólidas; a D. Henrique de Menezes, filho do Conde D. Duarte, encarregou o governo de Ceuta, deo-lhe os Titulos de Conde de Valença, e de Loulé, affegurou-lhe que tomava á fua conta o commodo de feus irmãos, e diftribuio outros premios conformes á fua grandeza por muitos dos feus vaffallos benemeritos, que tiveraõ a honra de fer o feu Soberano a teftemunha da relevancia dos ferviços. O Rei de Caftella D. Henrique, que em quanto eftas coufas fe paffavaõ em Africa, foffria no feu Reino infelicidades com muitos dobros de calamitofas, fabendo que D. Affonfo na volta para Portugal havia ir a Ceuta, o rogou quizeffe vir a Gibraltar para conferir com elle materias intereffantes a ambas as Mageftades, á fegurança dos feus Eftados, ao decóro neceffario á Soberania. D. Affonfo confentio neftas viftas, aonde o Rei afflicto lhe fez huma narraçaõ longa das

fuas

suas lastimas, lhe propôz huma liga Erà vulg.
para castigar a facçaõ dos seus vassallos atrevidos, e offereceo a Princeza D. Joanna sua filha para esposa do Principe D. Joaõ. Nós veremos a seu tempo o exito desta negociaçaõ.

Por estes tempos florecia o Estado Ecclesiastico em Portugal, que se ornava de Prelados dignos de sustentarem a venerabilidade do Sacerdocio, e a inteireza da Disciplina da Igreja. Nós tinhamos Cardeaes a D. Jayme de Portugal, filho do Infante Duque de Coimbra D. Pedro, de cujas virtudes sublimes jà eu fiz memoria; a D. Antaõ Martins de Chaves, que fora Bispo do Porto, e depois a D. Jorge da Costa, que occupou as Cadeiras de Coimbra, Sylves, Ceuta, Porto, Viseo, Evora, e os Arcebispados de Braga, e Lisboa. Neste ultimo era Arcebispo, antes do Cardeal D. Jorge, D. Affonso Nogueira, neto de Joaõ das Regras, que havia sido Bispo do Porto. Regía a Igreja Metropolitana, Primáz de Braga D. Luiz Pires, depois de haver sido Bispo no Porto, e

Era vulg. em Evora: a de Lamego D. Fernando Coutinho, Regedor da Casa da Supplicaçaõ: a da Guarda D. Fr. Joaõ Manoel, filho natural del Rei D. Duarte, que fora Bispo de Tiberiades, e de Ceuta, Primáz de Africa, que teve por Successor a D. Joaõ Affonso Ferraz: a do Porto D. Joaõ de Azevedo, filho do valeroso Luiz Gonçalves Malafaya: a de Coimbra D. Joaõ Galvaõ, que foi o primeiro criado Conde de Arganil por El-Rei D. Affonso: a de Viseo D. Joaõ Gomes de Abreo, que foi Confessor del Rei D. Joaõ II.: a de Evora D. Alvaro II. do nome, que fora Bispo de Sylves: a desta Cidade, e Reino do Algarve D. Alvaro, Conego Regular de Santo Agostinho, que como Legado Apostolico absolveo os moradores da Capital do seu Bispado das censuras, e maldições, que lhes lançára D. Fr. Alvaro Pelagio, havia cem annos, quando nas festas do Entrudo elles desattendêraõ, e profanáraõ o seu caracter respeitavel.

Das Ordens Militares de Christo, e Sant-Iago era Graõ-Mestre o Infante

D.

D. Fernando, e da de Avís seu sobrinho o Principe D. Joaõ. Capellaõ Mór era D. Fernando de Miranda, Bispo de Viseo; Graõ-Prior do Crato D. Vasco de Ataide, filho de Alvaro Gonçalves de Ataide; Prior Mór da Collegiada de Guimarães D. Affonso Gomes de Lemos, filho de Lourenço Martins de Lemos, dos Senhores da Trofa. Nos Officios da Casa Real, e do Reino occupavaõ o cargo de Condestavel D. Pedro, filho do Infante, Duque de Coimbra D. Pedro, que logo ouviremos ser acclamado Rei de Aragaõ; o de Mordomo Mór Alvaro de Sousa, Alcaide Môr de Arronches; o de Estribeiro Mór Alvaro de Faria; o de Védor Joaõ Vaz de Almada; o de Camareiro Mór D. Alvaro de Castro, I. Conde de Monsanto; o de Guarda Mór D. Rodrigo de Mello, Conde de Olivença; o de Mestre-Sala Gonçalo Vaz de Mello; o de Reposteiro Mór Alvaro Pires de Tavora, Senhor de S. Joaõ de Pesqueira; o de Porteiro Mór Gonçalo Borges, senhor de Ilhavo; o de *Trinchante* Joaõ de Sousa Falcaõ; Es-

Era vulg.

 cri-

crivaõ da Puridade Gonçalo Vaz de Caſtello-Branco ; o de Copeiro Mór Joaõ de Mello, Alcaide Mór de Serpa; o de Apoſentador Mór Joaõ Freire de Andrade ; o de Provedor das Obras Diogo da Silveira ; o de Caçador Mór Fernando Affonſo Pereira ; Armeiro Mór Vaſco Annes Corte-Real ; Almotacel Mór Pedro Vaz de Caſtello-Branco; Alferes Mór D. Henrique de Menezes ; Almirante Lançarote Peſſanha; Monteiro Mór Nuno Vaſques de Caſtello-Branco, Alcaide Mór de Moura; Coudel Mór Nuno Martins da Silveira : Marichal D. Fernando Coutinho; Meirinho Mór D. Gonçalo Coutinho; Capitaõ Mór do Reino, e do mar D. Fernando de Almada ; Capitaõ Mór dos Ginetes Gonçalo Rodrigues de Souſa ; Adail Mór Pedro de Barros; Anadel Mór Duarte Furtado ; Chanceller Mór Joaõ de Ocem; e Secretario de Eſtado, o primeiro de que eu tenho noticia com eſte nome, Lopo Affonſo.

Neſte anno ſobíraõ a alto ponto as deſordens de Caſtella, em que ſe prin-

ci-

cipiou a interessar Portugal. Os Catalães foraõ os primeiros, que preparáraõ o theatro para as representações, que eu sou obrigado a mostrar nesta Historia. Elles propozeraõ a El-Rei D. Affonso a mórte violenta do Principe D. Carlos, filho de D. Joaõ II., Rei de Aragaõ: que olhando a Coroa como vaga, elles queriaõ eleger Rei ao Condestavel D. Pedro, filho do Infante do mesmo nome, e que tambem o era de huma Princeza da Casa de Urgel, donde vinhaõ os Condes de Catalunha: que permitisse ao Principe sahir de Portugal para tomar posse do Reino de Aragaõ, que por direito lhe tocava. Esta representaçaõ naõ foi bem ouvida, por ser feita em tempo taõ critico, que D. Affonso naõ queria divertir-se para outros negocios alheios ao desaggravo, que intentava tomar da quebra antes succedida em Africa, e para esta expediçaõ se lhe fazia necessaria a pessoa do Condestavel D. Pedro. Elle, que sentia a repulsa, e os Catalães, qus a percebêraõ, usáraõ da industria, mandando estes a Portugal huma náo,

Era vulg.

em

Era vulg. em que o Principe naõ duvidou embarcar-se, e navegar para Barcelona, aonde foi coroado Rei de Aragaõ com grande magnificencia.

Mas esta pretençaõ sem forças para rebater as de hum concurrente poderoso, teve por consequencia a perda de huma batalha; e dous annos depois a da vida do Principe, se lhe sepultou as esperanças, naõ fez perder corage aos bravos Catalães. Elles fizeraõ huma Junta em Barcelona, na qual elegêraõ para seu Conde a Renato, Duque de Lorena, sem se molestarem com mais averiguaçaõ, que a de saberem era inimigo dos Aragonezes. Por morte do Principe de Viana D. Carlos, pertencia a Coroa a sua irmã D. Branca, que fora repudiada por D. Henrique de Castella; mas como esta senhora pouco depois da falta de seu irmaõ foi preza, e logo mórta no Castello de Orestes, com veneno; nada embaraçou o Rei de Aragaõ para fazer jurar Principe herdeiro a seu filho D. Fernando, que conhecemos com a devisa de Catholico, e unio felizmen-

te

te na sua pessoa os Reinos de Hespanha. Era vulg

Por estes tempos foraõ feitos a D. 1466 Henrique de Castella os desprezos, que eu já disse, e acclamado Rei na sua face seu irmaõ o Infante D. Affonso. Alguns Fidalgos vieraõ servir ao seu legitimo Soberano; mas os effeitos mostráraõ, que vinhaõ servir-se a si, e aproveitarem-se das desgraças do Rei para fomentarem mais a ambiçaõ. A de D. Joaõ Pacheco foi taõ desmedida, que lhe pedio approvasse o casamento de sua irmã a Infante D. Isabel, destinada pela Providencia para columna da Religiaõ de Hespanha, com seu irmaõ D. Pedro Giron, Mestre de Calatrava. Faltou valor a El-Rei para dizer que naõ a hum vassallo. Na Infante sobrou para formar a intençaõ de ser ella o verdugo illustre, que na noite das vodas o esposo a encontrasse esposa ornada para o seu Varaõ, que havia sentir o thalamo convertido em tumba. Maõ mais poderosa, que a da Infante a livrou deste cuidado; morrendo o Calatrava em Villa-Rubia,

quan-

Era vulg. quando vinha de jornada para dar a maõ á futura Rainha dos Reinos de Hefpanha.

Tudo revolviaõ os Grandes, que mandavaõ defpoticos. O Conde de Benavente, que fazia alta figura, e queria que El-Rei lhe déffe o lugar de Portilho em remuneraçaõ de fe ter levantado com elle, agora fe lhe offereceo occafiaõ para allegar hum ferviço importante. Viera o chamado Rei D. Affonfo pernoitar áquelle lugar, aonde o agafalhou o Conde. No outro dia, querendo D. Affonfo com o Arcebifpo de Toledo, que o feguia, contitinuar a jornada, o Conde lhe embargou os paffos com o fundamento, de que naõ havia dar hum na fociedade do Arcebifpo. Immediatamente avifou a D. Henrique da preza importante, que tinha nas mãos para della lhe fazer entrega, fe lhe pagaffe adiantado com o Meftrado da Ordem de Sant-Iago. O Marquez de Vilhena, Sogro do Benavente, que queria para fi efte emprego, teve mais induftria para falvar o Infante, que feu irmaõ D.

Hen-

Henrique actividade para segurallo. Em fim o negocio chegou a termos de huma batalha, em que o Rei, e o Infante se acclamáraõ vencedores; mas este, marchando pouco depois para Avila, de repente cahio morto: ultimo auto da Tragedia, com que Deos quiz mostrar o quanto zela nos Soberanos o decóro devido ao caracter de christos do Senhor.

Era vulg.

Morto o Infante, ainda os trahidores quizeraõ avançar a loucura, e foraõ propôr á Infante D. Isabel, que para socegar tantas perturbações, tomasse o nome de Rainha. Ella lhes respondeo cheia da magnanimidade, que sempre lhe foi isseparavel. Restitui o Reino a meu irmaõ D. Henrique, e com isto dareis paz á Patria: eu terei este pelo maior serviço, que vós me podereis fazer; e elle será o fructo mais feliz, o mais sazonado de quantos a vossa affeiçaõ me poderá offerecer. Entre tantas calamidades pensava D. Henrique quanto lhe sería conveniente ajustar o casamento de sua filha D. Joanna com Principe pode-

Era vulg. deroſo, que tomaſſe parte nos ſeus intereſſes. Lembrou-lhe Carlos de França, Duque de Berry, irmaõ do Rei Luiz XI., que naõ quiz embaraçar-ſe nas contingencias de huma guerra para ſuſtentar as pretenções da eſpoſa. O Conſelho de Caſtella mudou de negociaçaõ, e ſe propôz ao Rei viuvo de Portugal o matrimonio com a Infante D. Iſabel, o de ſeu filho o Principe D. Joaõ com a Princeza D. Joanna, que ſe arbitravaõ dous paſſos excellentes, ſe a Providencia naõ fizera delles huma contramarcha para outros deſtinos ſó a ella preſcrutaveis.

1470 Em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ em Portugal, e Caſtella, El-Rei D. Affonſo, que tinha a conquiſta de Africa, naõ ſó por empenho digno de valor, mas por acçaõ como neceſſaria á Mageſtade; em quanto ſe apreſtava para terceira expediçaõ em peſſoa, mandou ao Infante D. Fernando com déz mil homens inveſtir a Cidade de Anafe, ſituada no Reino de Féz ſobre a cóſta do mar Atlantico. Ella foi hum deſpojo miſeravel da noſſa có-

cólera, aonde só deixámos o pavimento dos edificios para testemunhos da grandeza, ou do castigo. Tanto foi do agrado do Rei este bom successo do Infante, que elle o acabou de determinar para a empreza de Tangere, e Arzila. Antes que elle fizesse públicas as suas intenções, mandou Engenheiros, e Officiaes a informar-se da situação das Praças referidas, não estimando por grandes as suas acções precedentes, em quanto não as visse sugeitas ao seu jugo.

Era vulg.

CAPITULO IV.

El-Rei D. Affonso marcha terceira vez a Africa, e conquista as Cidades de Arzila, e de Tangere.

SEMPRE forão os intentos del Rei D. Affonso expugnar a Tangere, e sentião os esforços das armas as Cidades suas visinhas. A difficuldade estimulava os desejos, que nós vimos conseguidos a troco de sangue, vida, trabalhos, e despezas, tudo sublime,

e

Era vulg. e magnanimo, para hoje sentirmos de tudo a perda, entaõ de poucos tida por politica, dos mais por frouxidaõ. Nada mais esperava D. Affonso para partir, que chegarem os Officiaes mandados a Africa, que o haviaõ de informar. Tanta impressaõ fizeraõ nelle as informações ouvidas, que reanimada a esperança de fazer huma campanha feliz, mandou esquipar a numerosa armada de trezentas, e trinta náos, em que embarcou a grossa equipagem de mais de trinta mil homens de desembarque, e se dispôz a partir acompanhado do Principe D. Joaõ seu filho, do Duque de Guimarães, do Conde de Marialva, D. Joaõ Coutinho, de D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto, de D. Henrique de Menezes, Conde de Valença, da maior parte da Nobreza da Corte, e do Reino ambiciosa de ganhar honra nos exercicios do valor, que entaõ eraõ a primeira marca da fidalguia.

1471 Como o Rei conhecia os altos talentos, de que a maõ liberal de Deos dotára a sua filha a Infante D. Joanna, el-

Era vulg.

esse a encarregou do Governo do Reino, durante a sua ausencia, nomeando ao Duque de Bragança por seu principal Conselheiro. Fez-se á véla a formidavel armada, que navegou empavezada, e guerreira na volta de Tangere, aonde era o primeiro destino; mas posto o caso em Conselho á vista desta Praça, que esperava o golpe para o rebater bizarra, foi resoluto principiasse a abertura da campanha pelo sitio de Arzila, que ficava sete legoas ao Poente de Tangere. Houve difficuldade em tomar terra por causa da alteraçaõ das ondas, que leváraõ parte das náos á altura do mar, e o resto chocando humas com outras, padeceo o contratempo da perda de 200 homens, que se sobmergíraõ. Esta perturbaçaõ movida pelo espirito das tormentas, que acodiría a soccorrer o seu imperio do erro ameaçado, naõ fez esmaiar a nossa corage, que esperou a bonança para a armada com apparato pomposo, e arrogante dar ferro sobre Arzila.

Nada demorou El-Rei o desembar-

que,

reparar na perda do sangue, a troc
delle foi comprando vidas de Mouro
que offerecia por holocaustos á vinga
ça. Em fim, depois de huma carnag
horrivel, aqui ficaráõ submettidos a
nosso jugo o Alcaçar, a Mequinez, A
zila na nossa obediencia.

A immensidade dos despojos igu
lou a grandeza da victoria, e poder
do elles despertar a cobiça dos Di
genes, o Rei ordenou se repartisse
pelos braços fórtes, que os ganhára
A maior parte dos Mouros foi passa
á espada; poucos ficaráõ prisioneiro
e recresceo o nosso jubilo, quando v
mos cinco mil escravos Christãos co
liberdade. Acabava de se render a Pr
ça, quando Mulei-Xeque, Rei c
Féz, apparecia no campo em seu so
corro. O temor, que o occupou, na
mais o deixou obrar, que pedir a E
Rei huma tregoa, e contentar-se co
duas mulheres, e dous filhos, que n
Praça lhe fizemos prisioneiros, e fora
restituidos em cambio dos ossos do In
fante Santo D. Fernando na forma, qu
eu referi *no Tomo VI. Liv. XXV. C. Vi*

El-

El-Rei immediatamente ſe vio ſenhor de Arzila, ordenou ſe purificaſſe a grande Meſquita das expiações ſordidas, e ridiculas dos Agarenos immundos, e a conſagrou a Deos com o Titulo de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, ſua admiravel Protectora neſta conquiſta. Era vulg.

No novo Templo foraõ dadas ao Ceo as devidas acções de graças, com que ſempre ſe diſtinguio a piedade Portugueza. Nelle jazia o cadaver do Conde de Marialva, quando paſſava El-Rei, que voltando para o Principe ſeu filho, lhe diſſe: Deos vos faça taõ bom Cavalleiro como o Conde, que ahi vedes morto. Já elle pelas obras merecia a meſma deviſa, e ſeu pai o armou naquelle lugar, antes das façanhas do valor, agora dos cultos da Religiaõ. O governo de Arzila, juntamente com o de Alcacer, El-Rei o proveo em D. Henrique de Menézes, que como tinha o valor proprio acompanhado da memoria do pai, com eſtas duas forças bem podia defender duas Praças.

a vulg. Sempre os eſtragos alheios fizeraõ grande impreſſaõ nos animos, ainda que ſejaõ generoſos; ſempre para perſuadirem com efficacia os exemplos. Se antes havia reſiſtido bizarra aos esforços dos Portuguezes, agora com o golpe de Arzila cahio Tangere. Como ſe ella viſſe já triunfantes os noſſos Labaros ſobre os muros, cortados do temor, os ſeus defenſores abandonaõ a Praça, primeiro rendida, que aſſaltada. El-Rei informado do terror dos Barbaros, ſe aproveitou da ſua conſternaçaõ, mandando ao Marquez de Monte-Mór foſſe tomar poſſe de Tangere, em quanto elle expedia os negocios de Arzila para ir fazer eſte acto em peſſoa. No dia 28 de Agoſto entrou El-Rei na Praça, aonde ſem demora ordenou ao Prior de S. Vicente, que ſe intitulava Biſpo de Tangere, purificaſſe a Meſquita para nella ſe darem cultos ao Deos Verdadeiro. O governo da Praça foi entregue a D. Rodrigo de Mello, depois Conde de Olivença, pelo valor, e pelo ſangue digno da mercê, que ſe lhe fez.

Eu disse, que quando El-Rei houve de assaltar Arzila, fizera hum voto se ganhasse a Cidade, e elle exactamente o cumprio. Reduzia-se a promessa a mandar lavrar de prata com o maior primor da arte a sua Estatua equestre para a collocar no Templo de Nossa Senhora de Evora em memoria perpetua do beneficio, que esperava. Naõ quiz Portugal que este monumento veneravel durasse nelle, nem ainda o tempo, que estiveraõ no seu dominio os Lugares de Africa; estes perdidos, aquelle desfeito, ambos com lastima. Entaõ foraõ taõ estimaveis estas conquistas, que ellas deraõ a El-Rei o nome de *Africano*, novo Scipiaõ daquellas idades sem arruinar Carthago, e em atençaõ a ellas se chamou Senhor de Alcacer, e Arzila. Depois reparando, que o seu poder estava dilatado até ás duas margens oppostas do Atlantico, elle, e os seus Successores até agora ajuntáraõ aos seus titulos o *Dáquem dálem mar em Africa*, que parece fazer huma allusaõ ao *Non plus ultra* de Hercules no Estreito,

Era vulg

Era vulg. to, que neſtas expedições embocavaõ as noſſas frotas.

Humas acções taõ bellas, dignas da corage da Naçaõ mais intrépida, que entaõ levava as attenções de todas as gentes; nós deſejavamos eternizallas em medalhas para deſpertárem as memorias nos futuros. Marmores, jaſpes, e bronzes tudo fallava em Inſcripções elegantes as façanhas da corage, da fé, da conſtancia Portugueza. O Rei ainda naõ ſatisfeito com eſta lembrança geral, para individuar as peſſoas, que nas facções ſe aſſignaláraõ, foi o primeiro no invento de mandar tecer em pannos de raz as ſuas conquiſtas, as imagens, os nomes dos conquiſtadores: modelo honroſo, e para honrar, que depois imitáraõ o Imperador Carlos V. eſpecialmente a invaſaõ de Tunes, ſituada no Lago da Goleta: Henrique III. Rei de França, que eſculpio em tapiçarias toda a Hiſtoria do ſeu reinado: Iſabel, Rainha de Inglaterra, que figurou nellas a derrota da armada *Invencivel* de Caſtella, que mais eſtroçáraõ as ondas, que os Ingle-

zes:

zes : Luiz XIV. de França, que fez ornato do Paço as ſuas grandes batalhas, e conquiſtas. Era vulg.

Eſtes progreſſos de Africa, a que ſe ſeguio a guerra com Caſtella, impedíraõ o avance dos noſſos deſcobrimentos no reinado de D Affonſo. Neſte anno porém, Fernaõ Gomes, que lhe tinha arrendado o Commercio de Guiné, deſcobrio a Cóſta da Mina por meio de Joaõ de Santarem, e de Joaõ de Eſcovar. Foi muito util ao Reino eſte deſcobrimento, que deo a Fernaõ Gomes honras novas, e novo Appellido. Fernaõ Pó tambem deſcobrio a Ilha, a que pôz o ſeu nome, e o meſmo Fernaõ Gomes da Mina a de S. Thomé, que por ordem del Rei D. Joaõ II. povoou depois Alvaro de Caminha. Dizem, que por eſte tempo, navegando alguns Portuguezes pelo Eſtreito de Gibraltar, e correndo tempo a Loeſte foraõ dar á Ilha Encoberta, em que eu já fallei neſta Hiſtoria, e que eſtiveraõ nella em ſete Cidades de Portuguezes, que lhes perguntáraõ por Heſpanha, donde ſeus pais haviaõ

ſa-

Erá vulg. cada, e nomeando-lhe os pretendentes, lhe persuade, e deixa livre a escolha, com tanto que lhe dê huma reposta precisa. Depois que a modestia deixou pôr natural a côr do rosto, e socegáraõ os movimentos de espito, a Infante respondeo a seu Pai: Que ella já tinha dado a maõ de esposa ao Rei dos Reis, com o qual estava unida em espirito, e verdade para o servir o resto da vida escondida entre as paredes de hum Mosteiro: Que esta era a reposta terminante, e cathegorica, que logo dava, e daria sempre, sem lhe ficar mais sentimento, que o de naõ haver para seu pretendente hum Rei senhor do mundo todo, para fazer delle o mesmo sacrificio de abnegaçaõ aos pés do seu Esposo, como o fazia do Imperio de França, e de Inglaterra. Sobprendeose D. Affonso, e esta resoluçaõ aballou toda a sua constancia. Elle persuade, insta, róga com ternura, com agrados de pai, sem poder já mais servir-se do respeito, do sério, da magestade de Rei. A Infante chora a es-

efte efpectaculo ; mas o feu coraçaõ arde em amor Divino, que a tudo refifte ; que a arranca dos braços do pai ; que a fepára do thalamo dos Reis ; que a tira das delicias da Corte ; que a efconde no clauftro do Convento de Aveiro ; que a alenta na vida ; que a coroa de gloria na eternidade. Era vulg.

CAPITULO V.

Continua-fe com as revoluções de Hefpanha até a morte del Rei D. Henrique, e fe trata do cafamento de fua filha D. Joanna com o Rei D. Affonfo, e refultas das fuas pretenções áquella Coroa.

AS defordens em que fluctuava Hefpanha, e já imprimiaõ os feus reflexos em Portugal, punhaõ os animos attentos ás confequencias, que naõ podiaõ deixar de fer fataes. El-Rei D. Affonfo, e feu filho o Principe D. Joaõ, naõ fei por que fundamentos, efquecêraõ o ajufte antes celebrado de cafar efte Principe com a

Prin-

ra vulg. Princeza D. Joanna, ſua prima, herdeira preſumptiva dos Reinos de Heſpanha, e ſe ajuſtou com D. Leonor, filha de ſeu tio o Infante D. Fernando, Duque de Viſeo. Por outra parte, El-Rei ſeu pai concorria com vários Principes nas pretenções do matrimonio com a Infante D. Iſabel, irmã do Rei D. Henrique, que indiſputavelmente havia ſer Rainha de Heſpanha, no caſo de ſe dar embaraço invencivel na peſſoa da Princeza D. Joanna. Sobre todos os oppoſitores prevaleceo D. Fernando, que negociou dando, quando os outros inſtavaõ promettendo. Para agentes dos ſeus intereſſes eſcolheo a Guterre de Cardenas, Meſtre-Sala da Infante, e a Gonçalo Chacon, ſeu Mordomo Mór, brindando ao primeiro com a Villa de Maqueda, ao ſegundo com as de Caſarruvios, e Arroyo Molinos.

Inclinou-ſe para eſta parte o Arcebiſpo de Toledo, e unido o cordaõ triple, naõ podêraõ rompello o Marquez de Vilhena com todos os Grandes do ſeu partido. D. Fernando, que eſ-

estava Rei de Sicilia, teve modo de entrar em Hespanha, e em Osma o esperava D. Diogo Manrique, Conde de Triviño. Daqui passáraõ a Dueñas, aonde D. Fernando vio a Infante, que recebeo por mulher em Valhadolid. O Rei D. Henrique se estimulou desta resoluçaõ de sua irmã, e aproveitando a conjunctura da chegada de Embaixadores de França, negociou com elles o casamento do Duque de Guiena, irmaõ do seu Rei, e da Princeza D. Joanna, sua filha, que fez novamente jurar herdeira. Receou França, como dissemos, os perigos deste matrimonio já antes tratado; mas agora outra vez desfeito por causa da morte do Duque, e do nascimento de hum filho ao Rei seu irmaõ, que havia succeder na Coroa. O Rei afflicto andava de humas para outras Cidades, vendo arder a Monarquia em bandos, e sedições. Elle desejava avistar-se com El-Rei de Portugal, e veio a Badajóz, aonde o Duque de Feria teve o atrevimento de lhe fechar as pórtas, e negar a entrada.

Era vulg.

Na-

Era vulg. 1474.

Nada proveitoſo reſultou deſta viſtas, e D. Joaõ Pacheco, que na podia diſſimular o odio contra a Infante, mais vivo depois que a vio caſada, mandou á Corte a ſeu filho D Diogo Pacheco, em quem havia renunciado o Marquezado de Vilhena para plantar no animo del Rei os ſeu meſmos ſentimentos. Elle eſtimou a inſpirações por hum avultado ſerviço mas D. André de Cabreira, que er eloquente, e para ſe fazer reſpeitad ajuntou muitas forças, na téſta della marchou á preſença do Rei, e o per ſuadia, que ſe viſſe, e reconciliaſſ com a Infante ſua irmã. Preparad El-Rei por convencido, ou por temeroſo, para concluir com ſegredo importancia do negocio, o déſtro Cabreira mandou a ſua mulher D. Brite de Bobadilha em trajes de Lavrador a Aranda, aonde eſtava a Infante, para lhe dar parte do que paſſava, dizer-lhe vieſſe a Segovia, aonde El Rei ſeu irmaõ lhe queria fallar. Sahi de Aranda a desfarçada Lavradora n ſua azemela, a Infante ſeguindo-lh

os

os passos, e seu marido D. Fernando chegando-se a hum Lugar visinho de Segovia para observar as resultas da visita.

Era vulg.

Avisado das ternuras, da complacencia, com que a Infante sua mulher fora recebida por El-Rei D. Henrique, seu irmaõ, D. Fernando partio para Segovia, aonde se vio huma uniaõ externa de affectos, que promettia felicidades a Hespanha. A pouca saude del Rei, e as intrigas de D. Joaõ Pacheco tudo perturbáraõ, e sobrevindo a morte áquelle Principe pouco depois, ficou preparado o theatro para se verem em Hespanha resuscitadas as idades do Rei D. Joaõ I. Mestre de Avís em Portugal. Elle nomeava no Testamento por filha, e herdeira dos seus Estados a Princeza D. Joanna; pedia a El-Rei D. Affonso seu tio se casasse com ella, e unisse os Reinos de Hespanha ao de Portugal. Esta foi a occasiaõ, em que se acabáraõ de soltar as lingoas; depois a em que se molháraõ as pennas; e assim como no tempo do Mestre de Avís os Portuguezes, pai

im

Era vulg. impedirem a uniaõ de Portugal a Caſtella, affirmáraõ que a Rainha D. Brites naõ era filha legitima de D. Fernando; agora os Caſtelhanos, para embaraçarem a uniaõ de Caſtella a Portugal, clamavaõ que D. Joanna chamada Princeza era huma baſtarda da Rainha, mulher de D. Henrique.

Naſcèraõ as duas Princezas Joanna de Caſtella, e Brites de Portugal, naõ ſó para Cometas funeſtos ás ſuas Pátrias, mas para interpoſiçóes, que eclypſáraõ na Esféra do Throno as luzes do primeiro Aſtro. Haja quem conſidere mais medonho o aſpecto da Mageſtade perturbado em D. Joanna, mulher de D. Henrique, por ſer huma Rainha filha, e neta de Reis, que em D. Leonor Telles, mulher de Rei, Rainha por fortuna; que a nós ſó nos pertence indagar a verdade dos ſucceſſos ſem medirmos nas peſſoas deſigualdades, que naõ ſe encontraõ nos ſceptros. Nós ſabemos, que Author algum nomeia, nem celebra excellencia deſtas duas mãis Rainhas além da formoſura, que com ellas quiz repartir a

na-

natureza, mostrando-as como despidas dos dotes, que se recebem da graça. Mas naõ sendo possivel affirmar que ellas deraõ ás filhas pais, que naõ foraõ seus maridos, justamente merecem reprehensaõ os que resolutivamente falláraõ, e escrevêraõ contra o decóro da Magestade. Como por hora eu fallo na Rainha de Castella, só direi para credito da sua memoria perguntando: como será possivel, que hum Rei taõ escrupuloso nos pontos da honra, como era o mesmo D. Fernando o Catholico, elle depois pretendesse casar o Principe seu filho com a Princeza D. Joanna, sendo ella filha de Beltraõ de la Cueva? Ainda que senaõ coucluio o casamento, elle que queria socegar os escrupulosos, naõ teve dúvida em affirmar, que pretendia o matrimonio para o filho; porque D. Joanna era legitima herdeira de seu pai D. Henrique.

Era vulg

Pondo de parte esta materia, logo que espirou este Principe infeliz, os Grandes do Reino se dividíraõ em bandos, huns a favor de D. Joanna,

1475

ou-

Era vulg. outros de D. Isabel. Esta Senhora estava em Segovia, aonde os do seu partido a juráraõ Rainha de Hespanha; e seu marido, que entaõ celebrava Cortes em Çaragoça, veio a receber a mesma inauguraçaõ na presença da Rainha a 2 de Janeiro, vinte e dous dias depois da mórte de seu conhado. As Cidades principaes da Monarquia enviáraõ Deputados aos nóvos Reis, para lhes assegurarem a sua obediencia, e para lhes pedirem a protecçaõ nas revoluções, que esperavaõ. Contra estes sentimentos se declaráraõ abertamente na tésta de muitos Grandes o Arcebispo de Toledo, e o Marquez de Vilhena, que era hum dos executores do testamento de D. Henrique. O Arcebispo sahio logo da Corte, e por mais que seu irmaõ o Conde de Buendia pretendeo socegallo, como os Reis desejavaõ, elle nada conseguio do constante Prelado, tenaz em sustentar o partido, que escolhêra.

Cuidáraõ estes Fidalgos em promover os interesses da Princeza D. Joanna, e porque lhes naõ era facil dar

paz

passo vantajoso sem o apoio de Portugal, tratárão de inclinar a vontade do Rei D. Affonso a favor de sua sobrinha. Elles lhe escrevêrão propondo-lhe, que ou casasse com a Princeza, como era vontade expressa de seu pai, ou como tio a defendesse de duas ordens de inimigos, huns que lhe declararião a guerra com as armas, outros que já lha fazião com as lingoas. Instava o Vilhena, que os instrumentos destes ultimos adversarios não devião fazer especie ao decóro da sua Magestade; porque o Rei D. Henrique no testamento declarava a Princeza por sua filha legitima, herdeira dos Reinos de Leaõ, e Castella: que o Cardeal deste nome, juntamente com elle, erão os executores da ultima vontade do seu Soberano; que ambos o metterião logo de posse daquelles dous Reinos, se elle, casando com a Princeza, quizesse fazer proprios os seus direitos; que elle tinha a seu favor para o ajudarem com os ultimos esforços ao Mestre de Calatrava, aos Duques de Arevalo e Albuquerque, a hum número avul-

Era vulg.

Era vulg. tado de outros ſenhores na frente de muitas trópas, que para ſe declararem a favor da Princeza, nada mais eſperavaõ, que a ſua reſoluçaõ.

Ainda aos que já ſe cingem com os Diademas ſaõ doces as promeſſas de novas Coroas. Naõ deſagradáraõ a D. Affonſo eſtas propoſtas, nem elle erraria em convir nellas, ſe tiveſſe probabilidades prudentes com firmeza de fé nos Caſtelhanos, de que elle havia entrar por Heſpanha com a meſma fortuna, que levou a Africa. Liſongeou-ſe o goſto nas eſperanças de huma eſpoſa minina, de nóvos Eſtados reſpeitaveis, de huma reputaçaõ brilhante, elle inclina a vontade; mas a prudencia perſuade o Rei naõ ſe conduza ſó homem, e que ouça as deliberações do ſeu Conſelho ſobre as propoſtas do Marquez de Vilhena. Nelle ſe encoſtáraõ os mais votos ao do Duque de Bragança D. Fernando, que repreſentou ao Rei, como elle devia coartar a credulidade a reſpeito das promeſſas, da fé, da conſtancia dos Caſtelhanos, de que Portugal tinha

ex-

experiencias anteriores, especialmente Era vulg.
no Rei D. Fernando, para ir com
elles a passo muito lento. Como o
Marquez de Vilhena, Portuguez na
origem, neto de João Fernandes Pacheco,
seria tão facil em abandonallo
a elle, como o fora seu avô em deixar
a D. João I. tambem avô delle D.
Affonso: como a Providencia o fizera
senhor de huma coroa, que ninguem
lhe disputava; que a possuia sem nota,
e que o contrario lhe poderia succeder
na pretenção ao Sceptro estrangeiro,
quando grande parte da Europa
reconhecia, que o direito de D.
Isabel, irmã de D. Henrique, tinha
muito mais firmeza, que o da Princeza
D. Joanna, que os Castelhanos
lhe queriaõ dar por mulher, e elle aos
Portuguezes por sua Rainha.

Naõ gostou, nem seguio El-Rei D.
Affonso este parecer, que entendeo no
Duque hum esforço da inclinação do
sangue: hum effeito da complacencia
de vêr assentada no Throno de Hespanha
a sua sobrinha D. Isabel, mulher
de hum Rei taõ poderoso como D. Fer-

Era vulg. nando, que unia ao seu Dominio todos os Reinos de Hespanha, donde sahiría o sangue de Bragança a circular em todas as vêas Reaes. Assim discorreo a ambiçaõ, que fez persuadir ao Rei ser o Duque homem capaz de preferir os interesses da sobrinha ás vantagens do Soberano. Bem póde ser, que desta producçaõ zelosa do Duque ficassem alguns restos de estimulos occultos, que depois vieraõ a brotar fructos monstruosos de escandalos, que já mais se corromperaõ nas memorias. Em fim, este foi o pretexto, de que El-Rei se servio para naõ differir ao vóto do Duque; mas antepôz proprios movimentos, que a occasiaõ representava favoraveis. Os effeitos mostráraõ no resto da vida del Rei, quanto tem de arriscado nos Soberanos errar hum passo importante por arbitrio proprio contra o dictame dos interessados, que pela fé de bons vassallos, pela honra propria, naõ podem olhar a Pátria como alheia, nem os Principes como estranhos.

Como El-Rei ajuntára o Conselho, naõ

naõ para lhe feguir os pareceres, mas Era vulg. para vêr fe lhe lifongeavaõ a vontade, elle fe pôz immovel na fua refoluçaõ; cuidou em preparar-fe para a guerra; e porque entraria nella com mais vigor levando o caracter de Efpofo, antes que a devifa fimples de Tutor, enviou hum Embaixador a Roma para pedir difpenfa ao Papa Innocencio VIII. que já prevenido pelos Reis Catholicos a recufou. Efte parecer foi dado por Luiz XI. Rei de França, que quando por D. Affonfo fe lhe propôz huma alliança a favor da Princeza D. Joanna, refpondeo, que o feu primeiro paffo havia fer o de folicitar a difpenfa para o matrimonio, como armamento o mais forte para entrar na guerra.

Quando em Roma fe tratava efta negociaçaõ, naõ pôde conter-fe a impaciencia fem mandar Ruy de Soufa a Caftella em qualidade de Embaixador, munido dos poderes neceffarios para em nome del Rei fe defpofar com a Princeza: para notificar aos Reis Catholicos cedeffem nella os Reinos, em

que

Era vulg. que estavaõ intrusos, como em huma filha, que era herdeira, e legitima do Rei D. Henrique: para os persuadir ser a ultima vontade deste Principe, que o Rei seu amo recebesse por mulher a dita Princeza: para lhes intimar, que elle tinha todo o direito para a defender, como a sobrinha pelo sangue, como a esposa pretendida, que elle Embaixador já tratava de Rainha, segundo as ordens, que recebêra para assim o practicar: em fim, para os instar naõ usassem elles deste titulo, nem se utilisassem das rendas da Coroa, antes repozessem as recebidas, em quanto os Juizes arbitros, que ambas as partes nomeariaõ, naõ decidissem cathegoricamente hum negocio desta natureza.

Em tom féro recebeo Ruy de Sousa a resposta de Fernando, e Isabel. Elles lhe disseraõ representasse a El-Rei seu Amo a justa admiraçaõ, que lhes causava a nova mudança, que o arrastava a querer desposar Joanna, que naõ era filha, nem herdeira del Rei Henrique: que se lembrasse como elle mesmo

mó repudiára ſemelhante alliança, ainda vivendo o pai putativo de Joanna, que ſe pelo ſangue de ſua mâi podia ſer Princeza, pelo de ſeu pai era nada, inhabil para Rainha de Portugal, hum phantaſma para o ſer de Heſpanha: que comprometter-ſe em arbitros de conſciencia, próbos, e timoratos, naõ duvidaõ elles; mas que ceder do ſeu direito, largar os Reinos, naõ uſar das ſuas rendas, iſſo era huma pretençaõ, que elles ſem perda de tempo entravaõ a defender com as armas. Como eſta reſpoſta tirava a eſperança de ſe poderem ouvir as razões do direito dos pretendentes, ſenaõ pela bocca dos canhões; o Embaixador tratou de recolher-ſe, e D. Fernando de mandar ſeguir por hum Heraldo, que veio a Portugal trazer a D. Affonſo hum Cartel, em que aquelle Principe o deſafiava para hum combate de peſſoa a peſſoa.

Era vulg.

D. Affonſo, recebendo com magnanimidade o Cartel, reſpondeo altivo ao Heraldo: Dize a eſte Principe de Sevilha, que hum Rei de Portugal

naõ

Era vulg. naõ lhe póde acceitar o duelo pelas fobras do valor, e excesso da Magestade; que o espere em hum combate geral, aonde a fortuna decedirá a sórte contra o vencido. Em ferezas, protestos, ameaças reciprocas se passavaõ os dias, em quanto o Rei de Portugal acabava de se fazer prestes para entrar em Castella. Dizem huns, que constava o seu exercito de 20000 homens entre Cavallaria, e Infantaria, outros que de 20000 Infantes, e de 5000 cavallos. Logo que elle se pôz em tom de marcha, o Rei nomeando Regente do Reino a seu filho o Principe D. Joaõ, sahio da Corte como se já marchára para a guerra santa da Palestina, acompanhado do Arcebispo de Lisboa, dos Bispos de Evora, e de Coimbra. Seguio-o a principal Nobreza, que se fazia brilhante com a presença do Condestavel D. Joaõ, Marquez de Monte-Mór, filho do Duque de Bragança D. Fernando; do Marichal D. Alvaro Coutinho; do Duque de Guimarães, primogenito da Casa de Bragança; dos Condes de Villa Real,

Real, de Marialva, de Fáro, de Penela, de Pena-Maior, e de outros muitos Fidalgos de alta qualidade, que esperavaõ vêr ao seu Soberano assentado no Throno de toda Hespanha: esperança, que nós vamos a vêr, e sempre vimos frustrada, como se quizesse persuadir-nos o Moderador Supremo dos Imperios, que naõ he do seu agrado a uniaõ das nossas Monarquias. Era vulg.

CAPITULO VI.

Da guerra de D. Affonso contra Fernando, e Isabel para sustentar o direito da Excellente Senhora D. Joanna sua presumptiva Esposa.

QUANDO o exercito de Portugal entrava pelas fronteiras de Castella, o dos Reis Catholicos estava taõ exhausto de forças por falta de dinheiro, ou do nervo da guerra, que naõ podia dar passo. Entaõ apurou D. André de Cabrera as demonstrações de fidelidade, que guardava áquelles Principes, entregando-lhes os thesouros occultos

do

Era vulg. do Rei D. Henrique, que remediáraõ a neceſſidade, e adquiríraõ para o Cabrera os titulos de Marquez de Moya, de Conde de Chinchon, e de Alcaide perpetuo de Segovia. O Rei de Portugal chegou a Placencia, aonde o Marquez de Vilhena, o Duque de Arevalo, e ſeu irmaõ o Conde de Miranda, com outros Fidalgos, conduzíraõ a Princeza, que immediatamente ſe deſpoſou com o Rei ſeu tio, debaixo da condiçaõ de novamente impetrarem a diſpenſa já recuſada, que com effeito conſeguíraõ, dizem que a inſtancias de Luiz XI. de França.

1476

Eſtes actos precedentes foraõ os da declaraçaõ da guerra entre os competidores, ambos benemeritos, D. Joanna pelo direito, D. Iſabel por ſi meſma. Deſpedíraõ-ſe ordens preciſas aos Governadores das fronteiras para principiarem as hoſtilidades; que os Caſtelhanos fizeraõ deshumanas. O ſeu odio contra a Princeza lhes metteo em huma maõ a eſpada, com outra accendeo o fogo para devaſtarem os terrenos, por onde paſſavaõ, fazendo que

a

a guerra parecesse vingança. Toda es- Era vulg.
ta furia parou na conquista do fraco Castello de Noudar, quando com valor mais reportado D. Pedro Alvares de Sotomaior, mettendo em contribuiçaõ a Provincia, rendeo Bayona, e Tuy, que contrapezavaõ muitas vezes a perda de Noudar.

O ardor, com que principiava a guerra, fez entender ao Rei de Portugal a necessidade, que poderia ter de allianças contra os Reis Catholicos, que encontrava mais poderosos do que pensava, e se lhe promettera. Entaõ lembrariaõ com pouco remedio as advertencias do Duque de Bragança no Conselho, e naõ houve outro, senaõ solicitar huma Liga com França, que entaõ tinha embaraços respectivos ao Condado de Ruiselhon com o Rei D. Joaõ de Aragaõ, que podia soccorrer a D. Fernando, para que declarasse a guerra pelo lado de Biscaya: negociaçaõ, que naõ teve effeito, e a poucos passos o Rei D. Affonso se vio só no campo com os seus vassallos, sem Castelhanos, nem Francezes.

Era vulg. De Placencia marchou elle a Badajóz para reparar os eſtragos na ſua fronteira, e ſem ſe penetrar o deſignio, retrocedeo para a Cidade de Toro. D. Joaõ de Ulhoa ſeu Governador lhe abrio as portas: o meſmo fez o de Çamora; mas ambos depois de ficarem bem ſatisfeitos de promeſſas longas, que era o unico fim dos ſeus obſequios apparentes, na realidade avareza. Sua irmã a Rainha viuva de Caſtella o eſperava impaciente em Toro na volta de Çamora, como ſe o coraçaõ preſágo lhe eſtivera adivinhando, que a viſta del Rei a chegava ao termo prefixo do eſtatuto da mórte, que ſe lhe ſeguio. Os ſeus vaſſallos conduzíraõ o cadaver com grande pompa para o Convento de S. Franciſco de Madrid, aonde os meſmos que ſeguiaõ o partido de Fernando, e Iſabel, lhe fizeraõ magníficas exequias. Alguns dos noſſos Eſcritores aſſignálaõ eſta mórte da Rainha D. Joanna no anno antecedente de 1475.

Preſumindo fariaõ a guerra com mais vigor, D. Fernando intrepido,

e

e D. Isabel corajosa dividírañ entre si Era vulg. as suas forças; ambos se postáraõ na têsta dos seus esquadrões; D. Fernando para defender Castella a Velha, e cobrir o Reino de Leaõ; D. Isabel para impedir as irrupções nos Reinos de Andaluzia. O exercito de D. Fernando constava de 34ↀooo homens, que se postáraõ á vista de Toro; mas antes de começar as operações, mandou dizer ao Rei D. Affonso por D. Gomes Henriques, que elle suspenderia a guerra se quizesse tomar o acordo de se recolher a Portugal, e dar tempo ao Papa para resolver o direito disputavel entre sua mulher, e a Princeza D. Joanna. Este arbitrio poderia ser prudente, se o animo estimulado estivesse em termos de o ouvir. D. Affonso nem quiz escutallo, e D. Fernando resolveo bloquear a Toro, mandando forrajar a campanha. Quando os seus Officiaes, e soldados menos o esperavaõ, víraõ que D. Fernando levantava o campo, e se retirava para Valhadolid com mais temores, que esperanças.

D.

Era vulg. na para se fazer senhor de Burgos, e destacou ao Conde de Aguilar com hum grosso de trópas para bater a Praça, que sendo guarniçaõ de Portuguezes soube defender-se.

Pelo contrario, a Rainha D. Isabel se desvelava, em que os Commandantes fossem diligentes no cumprimento das obrigações dos seus cargos, cambiando os menos confidentes pelos mais fieis, os omissos pelos efficazes. Se elles se conduzissem conformes com a intençaõ das ordens, que se lhes dava, naõ haveria nelles cousa, que se notasse. Porque as excedeo o novo Governador de Olmedo, Conde de Cifuentes, que quiz assignalar-se sobre os inimigos, como se os Portuguezes naõ houvessem visto diante de si homens de estatura maior que a sua; elles lhe cahíraõ em cima, esmagáraõ a trópa, que conduzia; e elle teve de devèr a vida ao valor, com que fugio. Consternou este successo aos Castelhanos, e animou aos nossos para lhe aproveitarem as consequencias com a conquista de Pena-Fiel. A Rainha,

acompanhada do Cardeal, do Almirante, do Conde de Benavente, quiz prevenir os nossos movimentos, cobrir aquella Praça, e se postou na de Baltanas, que encarregou ao de Benavente.

Era vulg.

O nosso campo, que tinha soppor- tado a perda de muita gente, morta de enfermidade, agora sentia os incommodos de naõ poder receber os combois, sem os defenderem grandes escoltas pela visinhança do exercito da Rainha. Estas difficuldades estimuláraõ os Portuguezes para atacarem os Castelhanos a todo o risco. O Conde de Benavente, que se lhes oppôz, foi forçado a entrar em Pena-Fiel, que elles atacáraõ com valor desmedido, rendêraõ, e fizeraõ prisioneiro ao Conde, que acháraõ ferido. O mesmo destino teve Baltanas; e Cantalapiedra, com o temor de sórte semelhante, se entregou a partido. Foraõ gloriosos estes successos pelos authorisar a presença da Rainha D. Isabel, e pela prisaõ do Conde de Benavente, que esteve em nosso poder, em quanto sua

Era vulg. irmã a Duqueza de Arevalo naõ lhe pedio a liberdade, que o Rei de Portugal concedeo debaixo das condições de naõ fervir mais contra elle a favor de D. Fernando, e de entregar em refens da palavra as Villas de Mayorga, Villa-Alva, e Portilho.

1477 Em quanto as noffas trópas defcançavaõ nos quarteis de Inverno em Çamora, e outras paffavaõ a refazerfe em Portugal, as partidas Caftelhanas foraõ rendendo as Villas principaes do Marquez de Vilhena. Já elle fe hia contemplando a victima da difcordia dos Principes; mas fem declarar ainda as intenções, que talvez já concebeffe, pedio a El-Rei quizeffe marchar logo a Madrid, aonde com os foccorros do Arcebifpo de Toledo, e do Meftre de Calatrava, além de outras trópas, que por outras partes fe iriaõ unindo ás fuas, elle metteria em defordem as idéas de D. Fernando, e reentraria na poffe das Villas, que elle tinha tomado. Sobre a propofta do Marquez ouvio o Rei o feu Confelho, que fiando já pouco da firme-

za

za deste Fidalgo, naõ houve nelle hum só, que votasse a seu favor. Ainda que D. Affonso conheceo tarde os movimentos ambiciosos dos Castelhanos, que queriaõ sobir ao cume da oppulencia fazendo caminho por cima dos estragos da Pátria, elle se conformou agora com os pareceres do Conselho em naõ mover hum passo das immediações de Burgos, em quanto a face dos negocios lhe naõ móstrasse, que podia avançar a marcha.

Era vulg.

Por outra parte a boa politica, a honra propria persuadiaõ ao Rei naõ ser justo desgostar o Marquez, que até entaõ o seguia, nem havia dado próvas abertas de cousa contraria ao seu serviço. A dexteridade Real, que sondára o genio, que tratava, se lembrou da invectiva excellente de promessas novas mais vantajosas, que as primeiras, de fazer proprios em todo o tempo os negocios da casa de Vilhena, de lhe pagar com usuras todos os damnos, que tivesse a seu respeito, com outras doçuras desta qualidade, que podiaõ entreter a paciencia do

Era vulg. Marquez; mas ella eſtava muito longe dos fundos do ſeu eſpirito. Eſperanças com incertezas á viſta de perdas conſtantes, eraõ o meſmo que liſonjas mentaes de gozar no porto as commodidades da riqueza o Mercador, que via ir a pique a náo, que a conduzia. Nos balanços da imaginaçaõ ſobre as promeſſas futuras, e as ruinas preſentes, o Marquez vendo hum Rei, que nada queria arriſcar por ſeu reſpeito, já ſe inclinava a buſcar expedientes para entrar na graça de outro, que ſe naõ o fizeſſe mais feliz, na reſtituiçaõ dos damnos lhe conſervaſſe a primeira felicidade.

D. Fernando ſitiava Burgos, quando o Marquez de Vilhena ſolicitava meios de ſe reconciliar com elle. Já ſabedor da perfidia, que traçavaõ os de Çamora, eſte Marquez eſperou, que ella podeſſe ſer favoravel aos ſeus projectos. Hum pouco de rigor praticado com alguns dos Çamoranos, recompenſas promettidas ainda naõ executadas, baſtáraõ para D. Franciſco de Valdez aſſegurar á Rainha D. Iſa-

Isabel, que pela Ponte de Çamora, que guardava, faria entrar na Cidade a El-Rei D. Fernando, se elle quizesse vir a esta empreza em pessoa. Era ella muito importante para D. Fernando deixar passar a conjunctura. Encarregando a continuaçaõ do sitio de Burgos a seu irmaõ D. Affonso de Aragaõ, e ao Condestavel de Castella, D. Fernando seguido de tres Officiaes marchou a Çamora. Como na sua reta-guarda mandou hum grosso de trópas escolhidas para a occasiaõ de serem necessarias; o Rei de Portugal, que descobrio, e penetrou os movimentos, e se apreçou a metter soccorro em Çamora, aonde a Princeza D. Joanna tinha a sua Corte.

Era vulg.

Apresentou-se El-Rei em pessoa sobre a Praça; mas o Valdez, naõ só recusou abrir-lhe as pórtas, senaõ que trabalhou para rechaçar a partida, que houve de se retirar a Toro. As trópas de D. Fernando seguíraõ os passos do seu Rei com tanta pressa, que valeo á Princeza D. Joanna, e ao Arcebis-

Era vulg. bispo de Toledo naõ ficarem prisioneiros, irem sahindo por huma porta, quando aquellas trópas entravaõ por outra. Perdeo-se Çamora, e nella hum bom trosso das nossas esperanças. Menor foi este damno, que sería o do logro dos intentos do Valdez, que no passo da ponte determinava matar, ou prender a El-Rei D. Affonso. Os Portuguezes, que estavaõ na Praça, sobprendidos do succeso, buscáraõ o azylo de hum Templo, aonde passáraõ a noite a esperar indecisos se encontrariaõ os Castelhanos mais rigorosos, e humanos, do que elles os tinhaõ visto no discurso desta guerra. Tudo era o seu Rei, que generoso os póz em liberdade, e sem querer por elles resgate, os mandou recolher a Toro.

Foi extremo o prazer de D. Affonso com a chegada destas trópas, que suppunha mórtas, ou prisioneiras. Elle as animou, e ao resto do exercito com elogios altos do seu valor, com a promessa de naõ as arriscar mais na conquista de Praças, com lhes lison-

gear

gear o gosto em as levar a huma batalha decisiva, que pozesse fim aos trabalhos da guerra, e que para isso ordenava ao Principe seu filho marchasse de Portugal a soccorrello com todo o dinheiro, que podesse, a reforçallo com o maior número de gente, que ajuntasse. Esta nova encheo os Portuguezes de alvoroço, naõ havendo algum de valor, que naõ mostrasse no rosto os impulsos do espirito, que fazia saltar os coraçőes. Elles desejavaő a gloria do seu Principe, e a sua: viaő-se instrumentos da vantagem maior á que Portugal podia aspirar na Europa, e estas consideraçőes sublimes lhes elevavaő as almas sobre si mesmas: consideraçőes, que os fazia desprezar o amor da vida posta em paralello com a reputaçaő da gloria.

Era vulg.

D. Fernando, que da sua parte naő se descuidava em sustentar idéas generosas, ao mesmo tempo, que mantinha hum exercito respeitavel, soccorreo a seu irmaő D. Affonso, que fazia o sitio de Burgos, com trópas de re-

Era vulg. refrefco para o continuar com vigor; e fez embarcar outro corpo numerofo para ir inveftir a Praça de Ceuta, que os Mouros fitiavaõ com ardor incrivel, aproveitando huma conjunctura taõ favoravel para reconquiftarem a fua amavel Cidade. Entendia D. Fernando com eftes movimentos conftranger o Rei a divertir as forças, e obrigallo a recolher-fe a Portugal; mas elle immovel fe comprometteo no valor, e fidelidade de Ruy Mendes Ribeiro, que governava Ceuta, e naõ fe enganou na idéa. Efte bravo Chéfe digno de memoria eterna, fem moftrar a mais leve perturbaçaõ de animo no meio de perigos dobrados, defendeo a Praça com gentileza inimitavel de dous exercitos, que fendo formados de gentes profefforas de dogmas oppoftos, nos Chriftãos, e nos Barbaros naõ tinha a deshumanidade differença.

O aperto, que padeceo Ceuta, he indizivel, e a naõ ferem os feus defenfores Portuguezes, defmaiaria a lealdade, o esforço, a paciencia. Naõ he

he o mais a resistencia heroica, que entaõ fizemos. Ella se esquece, quando fazemos memoria, de que aquelles homens incomparaveis preferíraõ as delicadezas de Catholicos á magnanimidade de soldados, á segurança das pessoas, á quanto no mundo havia de estimavel. Os Mouros se estimuláraõ da furia inexplicavel, com que os Castelhanos na sua presença atacavaõ Ceuta da parte do mar; e dando ao Commandante da Praça todas as seguranças escogitaveis, lhe pediaõ permitisse ao seu exercito passo pela Cidade, para que unida com elles a guarniçaõ, de maõ commua castigassem a ousadia dos Castelhanos. Esta politica judiciosa dos Mouros foi para nós a mais feliz; porque o Chéfe magnanimo, mais attento ás leis da Religiaõ, que ás da vingança, naõ querendo acceitar a offerta dos Mouros, mereceo a bençaõ do Ceo para com façanhas mais que humanas obrigar os Castelhanos a embarcar-se, e forçar os barbaros para levantarem o sitio.

Era vulg.

Como os designios de D. Fernando

so-

ra vulg. foraõ cortados em Africa, applicou todos ao rendimento de Burgos, que bateo com vigor por todas as partes. Os Portuguezes se defendêraõ até a ultima extremidade, e sendo-lhes já impossivel a defensa, capituláraõ, e se rendêraõ. Seguio-se a esta perda a de hum corpo de trópas commandado pelo Conde de Pena-Macor, que ficou prisioneiro no choque, que teve com D. Affonso de Mendoça, parente do Cardeal de Castella: duas infelicidades, que foraõ o preludio das muitas, que depois se seguíraõ.

Entretanto o Principe D. Joaõ, que recebêra ordens para levar a Castella de socorro homens, e dinheiro, propunha aos Estados do Reino a figura, em que se achavaõ naquella Monarquia os negocios de seu pai, que necessitava ser reforçado. Os modos insinuantes, e suaves, de que se servio o Principe fizeraõ tanta impressaõ nas gentes, que naõ só ajuntou hum grosso de dous mil cavallos, e oito mil infantes; mas conseguio emprestimos avultados, donativos graciosos, considera-

veis,

veis, e que o Cléro voluntario lhe entregasse a prata de todas as Igrejas, excepto os Vasos Sagrados, que elle mandou cunhar em moeda. Com estes reforços rompeo a marcha pelas fronteiras de Hespanha, e sobre ella ganhou as Praças de S. Felices, e de Ledesma. Quando chegava o Principe, que com seu pai havia emprehender o sitio de Çamora para obrigar D. Fernando a huma batalha, El-Rei convidava os Fidalgos Castelhanos da sũa facçaõ para se lhe ajuntarem com as trópas, que commandavaõ. Unicamente o Arcebispo de Toledo obedeceo a esta ordem; os mais confederados se escusáraõ com pretextos, que davaõ bem a conhecer a negociaçaõ com D. Fernando para entrarem na sua graça.

Era vulg

Naõ desmaiou D. Affonso com esta falta de palavra dos primeiros sugestores desta guerra, porque já a esperava, nem se embaraçou com as propostas de paz, que alguns delles lhe fizeraõ, porque lhe naõ mereciaõ a confiança. Elle se resolve a arriscar tudo, e para disposiçaõ de huma bata-

ta vulg. talha, entende lhe he necessario occupar o campo de Çamora. Naõ lhe parecendo elle vantajoso, se faz na volta de Toro. D. Fernando o occupa, quando El-Rei se retira, naõ se atrevendo a apparecer nelle á vista das nossas armas. D. Affonso, que o soube, marcha a desafiallo, e como lhe naõ acceitou o convite, retrocede a esperar em Toro occasiaõ mais opportuna. A Rainha D. Isabel reforçou o campo de seu marido, que animado com este soccorro, veio a examinar o nosso alojamento. Nesta occasiaõ D. Affonso tambem se quiz mostrar circunspecto; ambos os Principes com industria acceitando os cumprimentos de longe.

Gastáraõ-se alguns dias em marchas, e contramarchas, até que os Castelhanos se resolvêraõ passar o Douro para picarem a nossa retaguarda, que levava as caras em Toro. Já o combate era inexcusavel, e ambos os Principes enchêraõ aquelle dia animando, e unindo as trópas dispersas. D. Affonso cobrio o lado direito do exercito, que havia atacar o esquerdo do Castel-

ella, mandado pelo Cardeal, e pelo Era vulg.
)uque de Alva; o Principe D. Joaõ
e postou no esquerdo para investir a
). Fernando no direito, e nesta fór-
na, entre Toro, e Çamora, se espe-
ou o dia, que tinha de decidir a al-
a pretensaõ dos dous Augustos Ri-
aes. O Castelhano ainda irresoluto,
uiz ouvir o seu Conselho, aonde en-
ontrou muitos vótos, que lhe dissua-
íraõ a batalha. A todos prevaleceo o
artido do Cardeal, que contemplava
a retirada a rotura do credito, e re-
utaçaõ das armas; o novo espirito,
ue recobrariaõ os descontentes de D.
'ernando; a decadencia, que sentiriaõ
s seus negocios; a arrogancia, que
eixariaõ vêr os Portuguezes, e que
m attençaõ a huns principios taõ pon-
erosos, só elles bastavaõ para se re-
)lver a batalha, quanto mais interes-
ındo-se nella a conservaçaõ dos Rei-
os de Hespanha.

O Cardeal acompanhou este discur-
) da offerta de ser elle o mesmo, que
)sse observar a figura do campo Por-
ıguez para calcular as vantagens, com

Era vulg. que havia ser atacado. Subio elle a hum lugar eminente, donde avistou o nosso exercito formado com tanta ordem, e disciplina, que o Cardeal mudaria de intenções senaõ receasse, que o pejo lhe revestisse o semblante da côr da purpura. Em fim, a opiniaõ decidio a batalha, e com bella ordem marchou D. Fernando ao lugar destinado para a acçaõ, que tinha ao nosso lado direito as montanhas, e ao esquerdo o rio Douro. Já á vista dos inimigos, indo o exercito em plena marcha, houvéraõ prudentes, que advertíraõ áquelle Principe ponderasse os perigos da sua resoluçaõ: que os Portuguezes tinhaõ nas cóstas a Cidade de Toro para refugio certo, e seguro no caso de ser vencidos: que ficando vencedores, os Castelhanos naõ encontrariaõ outro além da mórte, ou da prisaõ. Hum dos seus Generaes de valor resolveo estas dúvidas dizendo ao Principe: Senhor, se quereis ser Rei de Hespanha, necessitais combater neste dia. Soou esta vóz com agrado nos ouvidos de D. Fernando, que fez

con-

continuar a marcha para se arrostar com os Portuguezes. Era vulg.

Em quanto naõ chegavaõ os inimigos, o Rei de Portugal corria as fileiras do exercito, e fazia lembrar aos soldados, que elle era neto do Rei D. Joaõ I., e elles dos bravos Heróes, que em occasiaõ semelhante nos campos de Aljubarrota cortáraõ em postas os avós dos mesmos inimigos, que tinhaõ diante; que estava bem certo fariaõ elles o mesmo áquelles seus netos. O nosso Rei persuadia a sua gente com as lembranças da honra; o de Castella animava a sua com promessas, com dadivas, com recompensas: differença notavel, mas propria; no primeiro de Rei, que era, no segundo de Rei, que queria ser; hum pai de vassallos filhos; o outro, que ainda naõ os tinha por filhos, nem por vassallos. Cessáraõ as vozes dos Principes, e soáraõ os dous gritos de guerra, que rompêraõ a batalha, que começou de ambas as partes com ardor incrivel, e em que os dous Principes ficáraõ vencidos, os seus Capitães vencedore-

Era vulg. O Principe D. Joaõ rodeado de quantos militares faziaõ brilhante o exercito, atacou o lado direito dos inimigos, que cobria o Rei D. Fernando, e em huma hora de combate lhe passou á espada seis formosos esquadrões, que eraõ o grosso daquelle lado. Obrou o Principe acções dignas do mais aguerrido Capitaõ, de hum bravo soldado; dignas de si. D. Fernando, que de lugar eminente as observára atonito, vendo tudo perdido, as fileiras rotas, os homens feitos em postas, os soldados sem ordem, em tom de retirada fugio para Çamora. O contrario succedia no lado, que mandava El-Rei D. Affonso. Dous Castelhanos oppostos, huma purpura, e hum roquete, huma mytra, e hum chapeo, hum Cardeal de Castella, e hum Arcebispo de Toledo degollando-se sem piedade, como se estivessem combatendo em huma guerra de Religiaõ, eraõ os espectaculos mais vistosos; o Arcebispo no lado direito do exercito de Portugal, e o Cardeal no esquerdo do de Castella.

Es-

Este ornato do Vaticano, vendo a bravosidade da nossa resistencia, lançando-se como huma furia aos lugares mais arriscados, correndo as fileiras dos soldados, se assegura os animava com estas vozes infames: Pelejai, trahidores, que aqui tendes ao vosso lado o Cardeal de Castella. Que brava ardencia de espirito em hum Principe da Igreja para dar corage a apostatas covardes, que temêraõ os tormentos, e os reconduzir a morrer Martyres! Finalmente, a pezar da nossa corage, o espirito do Cardeal triunfou do do Arcebispo de Toledo, o valor do Duque de Alva vencêo ao Rei D. Affonso, que tambem a modo de quem se retirava, fugio para Castro Nuno. Ficáraõ no campo cantando a victoria o Principe D. Joaõ, o Cardeal, e o Duque, todos afflictos por ignorarem o destino dos seus respectivos Reis.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO VII.

De algumas particularidades, que succederaõ na batalha de Toro, e o que se seguio depois della.

VANTAGEM alguma tiveraõ os Castelhanos sobre os Portuguezes na batalha de Toro, senaõ a de lhe ganharem o Estandarte Real: perda feliz no modo, e pela gloria que nos resultou no da sua restauraçaõ admiravel. Levava esta Insignia na frente do exercito Portuguez D. Duarte de Almeida, que no maior ardor da refrega, rodeado de inimigos immensos, e resolutos, todos elles naõ tiveraõ forças para lha arrancarem das mãos, em quanto lhe naõ cortáraõ ambos os braços. Os Castelhanos a conduzíraõ ao seu campo, aonde por irrisaõ a arvoráraõ ás aveças. Naõ soffreo o valor de Gonçalo Peres este desprezo da Devisa Real do seu Soberano, e voltando-se para outros cavalheiros de espiritos conformes aos seus, lhes disse:

Ami-

Amigos, a honra da Naçaõ está primeiro, que a conservaçaõ das nossas vidas: Ellas de que nos servem á vista daquella injúria, que os Castelhanos nos fazem? D. Duarte teve corage para deixar cortar as mãos, antes que lhe arrancassem dellas a nossa Insignia; e em nós ha de faltar para a troco do sangue naõ rompermos o centro desse exercito, e irmos tirar-lha do poder? Naõ o consente o brio dos Portuguezes: sigaõ-me os que quizerem, e se entre vós ha quem naõ queira, eu basto só. Era vulg.

A estas ultimas palavras Gonçalo Peres sacode o ginete, enrista a lança, alguns bravos o acompanhaõ, com golpes para todos os lados, abrem caminho pela frente das linhas, rompem os Castelhanos, no mesmo galope Gonçalo Peres tira das mãos do Castelhano, que naõ era D. Duarte de Almeida, o Real Estandarte, encosta-o ao hombro, rodeiaõ-o os camaradas, e passando por montes de perigos, saõs, e salvos, o offerecem ao seu Rei. *Callem* esta façanha de cor-

 ri-

Era vulg. ridos quasi todos os Escritores Castelhanos, que El-Rei de Portugal a fez pública nas honras, que conferio a Gonçalo Peres, entre outras ordenando-lhe, que para memoria perpetua, os seus descendentes usassem no Escudo das armas do mesmo Estandarte Real, como elles practicaõ até hoje.

Depois da batalha, o Principe D. Joaõ, como vencedor, ficou no campo com o seu esquadraõ inteiro, gastando o dia em recolher as reliquias que ficáraõ do destroço de seu pai, que além dos mórtos no campo, perdêra muita gente affogada no Douro. Esperou o Principe a manhã seguinte para atacar ao Cardeal, e ao Duque de Alva, que tambem ficáraõ no campo como triunfantes. Elles, que tinhaõ outros intentos, se valêraõ de noite para a retirada, e foraõ ajuntar-se com o seu Rei, que daqui em diante entrou a recolher os fructos da victoria, que foi nossa, por naõ podermos entaõ sustentar os projectos. O Principe sem inimigos, que combater, tremolando as suas bandeiras foi marchan-

chando a passo lento para Toro, aonde suppunha a El-Rei seu pai. Quando o naõ vio assentou, que ficára prisioneiro, ou morto, e occupado desta consternaçaõ, resoluto a buscallo em pessoa, recebeo hum expresso com a noticia, de que estava em Castro-Nuno.

Era vulg.

Com pouca companhia chegou El-Rei a esta Praça, que governava Pedro de Mendanha, seu fiel servidor, que o recebeo nella. He verdade, que o Mendanha sentio depois o abatimento, em que vio este Principe, dizendo-se delle, que nesta occasiaõ dormíra estando á mesa. Com tudo, por desfigurada que nos pintem esta imagem Real em Castro-Nuno, ella tem mui poucas semelhanças com a del Rei D. Joaõ I. de Castella, que nós vimos em Santarém; este depois da batalha de Aljubarrota, aquelle depois da de Toro. O Principe no mesmo instante, que recebeo o aviso de seu pai, partio com todos os Officiaes do exercito para Castro-Nuno, e o reconduzio a Toro para ajustarem as operações

ul-

Era vulg. vel Soberano de 80 annos de idade veio a Castella, aonde foi recebido com summo applauso, e magnificencia; pai, e filho derramando lagrimas de ternura, que accendiaõ nos vassallos affectos de complacencia. A Cidade de Victoria foi o lugar desta visita, aonde o Rei de Aragaõ, pai, e velho, deo sempre o lado direito a seu filho para mostrar, que o distinguia como Rei de Hespanha.

Incançavel a Rainha D. Isabel, marchou na frente das suas trópas a Sevilha para reduzir á sua obediencia os Reinos Andaluzes. Ella se apoderou do Alcaçar de Triana, e das Tarazanas, a pezar de toda a resistencia do Duque de Medina Sidonia. O Rei D. Fernando, depois de tratar com seu pai o modo, com que se havia portar a respeito dos seus inimigos, de se despedir delle com as demonstrações do maior affecto, veio encontrar-se com a Rainha a Andaluzia, aonde trouxe ao seu partido ao Marquez de Cadiz, que seguia o de Portugal. Estes passos dos dous Reis Catholicos, a sua preença

fa-

fazendo mercês, inclinou todos os Fidalgos para lhes entregarem as Praças, que sustentavaõ á vóz del Rei D. Affonso nos Reinos de Andaluzia.

Era vulg

Este Monarca, intentando passar mais além do que queria a fortuna, firme na sustentaçaõ das suas pretençóes, falto de meios para ellas, naõ sopportando as dilaçóes longas do seu Embaixador em França nos negocios, que faziaõ parecer perda irreparavel os instantes, resolveo ir em pessoa áquella Monarquia para acabar de perder o resto das esperanças na figura de requerente afflicto, demandando soccorros. Antes de sahir do Reino, encarregou o governo ao Principe D. Joaõ, e partio occulto de Lisboa com o destino ao porto de Marselha; mas hum vento contrario o levou ao de Colioure no Roussilhon, donde fez jornada para Perpinhaõ. Daqui despedio a D. Francisco de Almeida á Corte do Rei Luiz para lhe dar parte, de que se achava nos seus Estados; e lhe pedir destinasse lugar para a conferencia pessoal das duas Magestades.

Com

Era vulg. migos. O Rei de França justamente receava huma guerra com a Casa de Austria, que lhe herdava os Estados : tinha de sustentar outra contra os Inglezes, e que motivos mais especiosos para o Rei de França naõ defferir ás pretenções do de Portugal? Elle sahe da Corte, e se retira a Rohan, resoluto antes a perder a Coroa, que a naõ vêr o fim da empreza, renunciando a de Portugal no filho, já que naõ podia obter para si a de Hespanha. Antes de declarar os seus intentos, e de sahir de Rohan, dizem que escrevêra ao Rei Luiz, declarando-lhe, que naõ se atrevia a apparecer mais em Portugal; que se embarcava para Roma, donde determinava passar á Palestina para acabar os seus dias em huma solidaõ. Nesta carta se assegura abríra o Rei afflicto os fundos do seu coraçaõ ao de França; lhe revelava os segredos até entaõ occultos no centro do espirito; lhe pedia recompensas para os Fidalgos, que o tinhaõ servido em França, como se este Rei fosse seu filho, o Principe D. Joaõ de Portugal: que a tanto obriga

a

a desolação extrema, ainda aos animos Reaes, e independentes. Era vulg. 1478

Carta taõ respeitavel, taõ forte, taõ tocante, impressaõ alguma fez no espirito de Luiz XI. que satisfez a tudo com respondêr a D. Affonso: que abandonar o seu Reino lhe sería vergonhoso, e reprehensivel, e que naõ ter felicidade na guerra de Castella, isso naõ era motivo bastante para abater a corage de hum Rei, que se devia animar com exemplos bem conformes de outros, a quem succedêra o mesmo. Naõ obstante esta persuasaõ, D. Affonso quasi só emprehendeo a jornada da Palestina; mas os seus criados, que lhe sentíraõ a falta, foraõ buscallo ao caminho, e o reconduziraõ a França, aonde embarcou no navio, que mandava o Capitaõ Bret, e escoltado de outros, quando Portugal menos esperava ao seu Rei, elle entrou pela barra do Téjo.

Pelas suas margens passeava o Principe D. Joaõ, já acclamado Rei, na companhia do Duque de Bragança D. Fernando, e do Arcebispo de Lisboa,

D.

ira vulg. D. Jorge da Costa, depois Cardeal, quando lhe déraõ a noticia da chegada de seu pai. Podéra perturbar-se o Principe a ser menos magnanimo, do número dos que preferem os interesses a todas as outras relações. Na sua mesma inalteraçaõ de animo perguntou elle ao Duque, e ao Arcebispo, como havia receber aquelle homem, que fora Rei, e era Pai: como a Pai, e como a Rei, lhe respondêraõ ambos. Diga-se, que o Principe naõ gostára da resposta, que lhe custava o preço de huma Coroa: que elle se abaixára a huma pedra, e a lançára no Téjo: que naõ podendo ser esta acçaõ indifferente em tal pessoa, o Arcebispo dissera ao Duque. Esta pedra naõ ha de dar na minha cabeça: que este Prelado, aborrecido do Principe, desviára o golpe fugindo para Roma: Porque a verdade do caso he, que o Principe D. Joaõ, com modestia rara pouco imitada no mundo, honrou a D. Affonso como a pai, e lhe entregou o Reino como a Rei.

LIVRO XXIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Successos do Reino, depois da restituiçaõ del Rei D. Affonso até ao ajuste da Paz com Castella.

NAõ bastáraõ todas as calamidades, Era vulg. que havia sopportado a augusta pessoa do Rei D. Affonso para elle apagar da memoria as imagens funestas, de que fora escurecer em Hespanha a gloria brilhante, que adquirira em Africa. Elle acompanhava este pensar triste dos reparos, que em tantas manobras, naõ vulgares, teria dado ao Principe seu filho, aos vassallos proprios, aos Castelhanos, que seguiaõ a sua voz. Já nestes se observava o nenhum resguardo, com que voltavaõ a casaca, e seguiaõ por melhor o parti-

ti-

Era vulg. tido mais seguro, como se havia visto em Andaluzia, e agora se acabava de vêr em Toro, perda sensivel, e perdida por mal guardada.

Governava esta Cidade D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, que se descuidou muito, quando tinha todas as obrigações de vigiar mais. Hum pastor activo daquella Comarca a maior parte das noites tinha a curiosidade de saltar dentro na Cidade pela parte mais alta do muro, donde nada se temia, e examinar quanto nella se passava. Observou elle a confiança indiscreta, que fazia na praça geral o descuido, e dando parte de tudo, ella foi entrada sem perigo algum dos invasores. Já perdido tudo em Hespanha, unicamente Pedro de Mendanha, Alcaide Mór de Castro-Nuno, sustentava nella o nome Portuguez com fidelidade, taõ pasmosa, que zombava de todo o poder de Castella. Atacado por El-Rei D. Fernando, soffrendo assaltos horriveis, naõ se pode conseguir delle a entrega da Praça sem *licença* expressa do Rei D. Affonso; e ain-

ainda deſte modo o Principe ſe ſugeitou a taes condições, que o rendimento de Caſtro-Nuno antes foi para elle affronta, que victoria.

Era vulg

Mais teimoſo que a Pedro de Mendanha encontrou D. Fernando ao Arcebiſpo de Toledo. Elle foi em peſſoa a elte Arcebiſpado, que reveſtido dos meſmos ſentimentos do ſeu Chéfe Eccleſiaſtico, ſe fez com elle inexoravel ás promeſſas, aos partidos vantajoſos, com que o Rei pretendeo abrandar-lhe a contumacia. O eſtrondo deſtas heroicidades fez écco taõ harmonioſo nos ouvidos de D. Affonſo, que elle principiava a dallos de novo ás ſuggeſtões de alguns Caſtelhanos, menos deſejoſos de o verem Rei de Heſpanha, que intrigantes para haverem por meio da revolta mercês avultadas do Principe, que já nella era Rei. Conſeguíraõ os ambicioſos os ſeus intentos; renovou-ſe huma guerra de deſſolaçaõ, em que os dous Soberanos ſentíraõ arruinado o ſeu poder, os ſeus vaſſallos, os ſeus theſouros, e ambos cuidáraõ ſériamente na paz, que os Póvos mutuamente deſejavaõ.

:ra vulg. Neſtas boas diſpoſiçōes ſe achavaõ os animos de Portugal , e Caſtella, quando D. Affonſo II., Rei de Napoles, mandou pedir a D. Fernando o ſoccorreſſe com as ſuas forças contra os Turcos , que haviaõ invadido a Provincia da Pulha. Como eſte Principe naõ podia divertillas ſem fazer a paz com Portugal, eſte novo motivo affervorou mais os deſejos , que conſeguíraõ a tranquillidade ſem intereſſe algum da noſſa Coroa. Nós vamos a ouvir as condiçōes de hum Tratado , em que o meſmo Rei Catholico reconheceo a legitimidade da Princeza D. Joanna: tratado, em que ſe ajuſtou o ſeu caſamento com o Principe D. Joaõ, filho de D. Fernando, herdeiro de Caſtella, que naõ teria penſamentos de enlaçar o ſeu futuro Soberano com a filha de Beltraõ de la Cueva, ſe ella na realidade o foſſe: tratado, que por ſe incluir nelle, que o matrimonio da Princeza ficaria ao arbitrio do Principe, eſta condiçaõ fez, que ella, ou com alto capricho, ou com reſoluçaõ catholica, fechaſſe na Clauſura de Santa

Cla-

Clara de Santarém as pompas da grandeza, naõ querendo que fóra se percebessem mais estrondos de Magestade, que o titulo simples de *Excellente Senhora*. Era vulg.

Determinados os dous Reis a esquecer a guerra, nomeáraõ Plenipotenciarios para os ajustes, e formaçaõ do referido Tratado. Por parte de Portugal foi escolhido Joaõ Fernandes da Silveira, Baraõ de Alvito, e D. Rodrigo Maldonado pela de Castella. Alcantara foi o lugar das conferencias, aonde se ajustou com satisfaçaõ reciproca das partes contratantes: Que D. Fernando naõ usaria mais do titulo de Rei de Portugal, nem D. Affonso do de Rei de Castella: Que a Princeza D. Joanna renunciaria o de Rainha de Portugal, e o de Infante de Castella: Que de huma, e outra parte se restituiriaõ as Praças tomadas, durante a guerra: Que o direito de conquistar o Reino de Féz pertenceria á Coroa de Portugal: Que o de Castella naõ perturbaria a navegaçaõ, e o commercio da Cósta de Guiné: Que este Principe seria

Era vulg. ſenhor das Ilhas Canarias, e do Reino de Granada: Que os dous Principes dariaõ hum perdaõ geral aos ſeus vaſſallos, que no diſcurſo da guerra houveſſem tomado as armas contra elles: Que por fructo deſta paz, o Infante D. Affonſo, neto del Rei de Portugal, caſaria com a Infante D. Iſabel, filha del Rei de Caſtella, quando ambos tiveſſem idade competente: Que o Principe D. Joaõ de Caſtella, primogenito do ſeu Rei, na idade de quatorze annos caſaria com a Princeza D. Joanna; mas que ſe o Principe recuſaſſe eſte matrimonio, elle ficaria deſobrigado deſte ajuſte, pagando á Princeza a ſomma de cem mil libras: Que durante a puberdade do Principe, a dita Princeza deporia todos os ſeus titulos reſpectivos ás pretenções aos Reinos de Leaõ, e Caſtella: Que ella ſería entregue ao governo da Infante D. Brites, Duqueza de Viſeo, e que ſe o ſeu matrimonio naõ ſe conſummaſſe com as condições eſtipuladas, ella ſe recolheria neſte Reino em hum dos Conventos da Ordem de Santa Clara, que ella eſco-

lheſ-

lheſſe: Que ſe eſte ultimo partido lhe naõ agradaſſe, a Princeza ſería obrigada a ſahir de Portugal no eſpaço de cinco mezes, e recolher-ſe a Caſtella: Que o Rei D. Affonſo, e o Principe D. Joaõ, ſeu filho, ſeriaõ obrigados a defender o Rei de Caſtella contra todos aquelles, que quizeſſem ſuſtentar com as armas o direito da Princeza D. Joanna: Que para ſegurança deſte Tratado, o Principe D. Joaõ entregaria á Infante Duqueza de Viſeo ſua ſogra as Villas, e Caſtellos de Alegrete, Veiros, e Landroal, e que conſentiria, que ella os pozeſſe nas mãos do Rei de Caſtella, no caſo que ſenaõ obſervaſſe eſte Tratado: Que os Infantes D. Affonſo de Portugal, e D. Iſabel de Caſtella ſeriaõ entregues em refens á meſma Infante D. Brites, Duqueza de Viſeo, com condiçaõ, que ella enviaría reciprocamente para poder del Rei de Caſtella a ſeu filho primogenito D. Diogo, Duque de Viſeo, ſe El-Rei de Portugal, e o Principe D. Joaõ lho quizeſſem conſentir.

Eſtas foraõ as condições da

Era vulg.

Era vulg. que se publicou no mez de Outubro do anno, que tratamos. A sua conclusaõ se differio até a entrada do anno seguinte por causa das intrigas dos Embaixadores de Castella, que estavaõ instruidos para buscar expedientes, que differissem a vinda da Infante D. Isabel a Portugal. No principio parecia, que a nossa Corte naõ desapprovava os pretextos, de que aquelles Ministros se serviaõ, pelo que tinhaõ de especiosos; mas passados tres mezes, e en-
1479 trado o de Janeiro de 1479, o Rei, e o Principe, desgostados das demoras, mandáraõ fazer huns officios mudos, que explicáraõ com bem energia o fundo das suas intençóes. Elles remetêraõ pelos seus Embaixadores aos de Castella dous dados de jogar, e no alto de cada hum delles escritas as duas vozes *Paz*, *Guerra*. Huma alternativa taõ judiciosa, e bizarra, de sórte sobprendeo os Ministros Castelhanos, que por naõ se arriscarem a perder os interesses da paz a seu Amo vantajosa, o persuadíraõ apressasse a jornada da Infante para ser entregue á Duqueza de Viseo.

Par-

Partio esta Senhora para a Villa de Moura a receber a Infante com a magnificencia correspondente ao caracter de ambas as Altezas; e porque seu filho o Duque D. Diogo, que havia ir para Castella na fórma do Tratado, estava entaõ muito enfermo, ella substituio o seu lugar com a pessoa de seu filho segundo D. Manoel, até que o Duque se achasse em termos de fazer jornada, como executou com effeito. Naõ bastou a paz, nem a alliança para divertirem em D. Affonso as imaginações melancolicas, de que elle offendêra o seu decóro na cessaõ, que fizera do direito aos Reinos de Leaõ, e Castella. Tanto se preoccupou a fantasia, que opprimida a natureza, o Rei perdeo a saude. Por outra parte a illustraçaõ da Princeza D. Joanna penetrava, que D. Affonso, e ella eraõ as victimas da paz: que a sua pessoa entregue no poder da Infante D. Brites, toda dominada pelos influxos de Castella, naõ teria a devida segurança: que o ajuste do seu casamento futuro com o minino, que nascêra o anno pas-

Era vulg

Era vulg. 1480

paſſado, ella ſeria imprudente, ſenaõ o olhaſſe como huma quiméra, jogo, e entretenimento pueril: tudo eſtimulos, que movêraõ a ſua magnanimidade para abandonar as grandezas apparentes do ſeculo, e recolher-ſe em Santa Clara de Santarém.

Eſta reſoluçaõ, como taõ intereſſante aos Reis Catholicos, os obrigou a mandarem áquella Villa a Fernando de Talaveira, ſeu Confeſſor, e a hum Conſelheiro de Eſtado com o caracter de Embaixadores, para ſerem teſtemunhas da reſoluçaõ da Princeza. El-Rei já convalecido, e o Principe, que ſe achavaõ em Santarem, e foraõ inſtados pelos Embaixadores para authoriſarem com a ſua preſença a renuncia da Excellente Senhora D. Joanna, e a ſua entrada no Convento, elles o naõ quizeraõ fazer, e ſe recolhêraõ para Lisboa. Eſta acçaõ heroica da Princeza embainhou para ſempre a eſpada do Rei D. Affonſo, que ambicioſo de gloria ſemelhante, determinou ſeguir os veſtigios da que já reſpeitára por primeiro movel da ſua Real inclinaçaõ;

co-

coroando a Mageſtade da purpura com o ſaial humilde de S. Franciſco, ſe a morte lho naõ embaraçára. Aſſim ſe concluio a paz de cento e hum annos, que podemos chamar Profetica; porque naquelle termo prefixo a rompeo Filippe II., quando depois da perda del Rei D. Sebaſtiaõ veio a conquiſtar o cadaver de Portugal.

Era vulg

CAPITULO II.

Do que ſuccedeo em Caſtella depois da paz, e de outras acções del Rei D. Affonſo até largar o Reino ao Principe ſeu filho.

GOZAVA Portugal a aura benigna da paz, o ſeu Rei ſentia no Throno amarguras do eſpirito, a Princeza D. Joanna do Clauſtro fazia valle de lagrimas para diſpôr nelle as aſcenções ſublimes do coraçaõ, que chegaõ a penetrar o Ceo, quando Fernando, e Iſabel, Reis Catholicos de Heſpanha, colhêraõ por fructos da paz a ſucceſſaõ dos Reinos de Aragaõ, Si-

ci-

ea vulg. cilia, e depois Navarra, que vieraõ a recahir em D. Fernando pela mórte de seu pai, o Rei de Aragaõ D. Joaõ II. succedida o anno passado. Em Çaragoça, Barcelona, e Valença foi elle jurado Rei dos nóvos dominios: applauso, que encontrando-se com o ajuste da paz de Portugal pela mediaçaõ da Infante D. Brites, Duqueza de Viseo, tia da Rainha D. Isabel, fez multiplicar os motivos do jubilo em todas as Hespanhas.

Cresceo elle com o nascimento da Infante D. Joanna, que veio a ser mãi do Imperador Carlos V. D. Affonso Carrilho, Arcebispo de Toledo, deixou com a vida a inclinaçaõ a Portugal, e com a promoçaõ deste consideravel Arcebispado remunerou D. Fernando os serviços importantes, que lhe tinha feito o Cardeal de Castella D. Pedro Gonçalves de Mendoça. As outras grandes acçóes dos Reis Catholicos, como foraõ a conquista do Reino de Granada, a expulsaõ dos Judeos, que viviaõ com impiedade, o descobrimento das Indias Occidentaes, ou

No-

Novo-Mundo, e outras muitas, todas Era vul
ſuccedêraõ depois da mórte del Rei D.
Affonſo, e de que nós faremos memoria noś ſeus lugares proprios. Todas
ellas enchêraõ Heſpanha de felicidades
conſtantes, que duraõ até hoje, eſpecialmente a expulſaõ dos Barbaros
além dos mares, que nós entrámos a
perſeguir nas ſuas caſas com mais esforço, e menos fortuna, do que elles
nos opprimíraõ na noſſa.

El-Rei D. Affonſo, que nos tranſportes do ſeu eſpirito, nada deſejava
tanto como imitar os paſſos da Princeza D. Joanna, tomando á ſua imitaçaõ o habito de Religioſo Menor,
penſava o modo de abdicar o Reino na
peſſoa do Principe ſeu filho. Elle o fizera ſem mais reflexões, ſenaõ contemplaſſe no Principe hum odio implacavel contra a Caſa de Bragança, que
deſejava adoçar, antes que elle ſe viſſe Rei. Tinha D. Affonſo concebido
da ſua primeira idade huma grande afſeiçaõ a eſta Real Caſa, por todos os
titulos benemerita, baſtando para lhe
merecêr o agrado a ſua inimitavel fi-

de-

:ra vulg. delidade. Pelo contrario o Principe fazia motivo do seu resentimento da amizade, e alliança estreita, que ella tinha com os Reis de Castella. A Corte navegava por outro rumo, e assentava, que o odio do Principe o soprava sua tia D. Filippa, recolhida no Convento de Odivellas, e irmã de sua mãi, a Rainha D. Isabel, que o persuadia vingasse nos Senhores da Casa de Bragança a mórte, que elles fizeraõ dar a seu Avô o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra: que para mais lhe mover o espirito, naõ só se valia de discursos fortes, mas lhe mostrava com repetiçaõ a camiza, que o Infante levava, quando o matáraõ na batalha de Alfarrobeira, tinta no seu Real sangue, rota dos golpes, que lhe penetráraõ o corpo, e tiráraõ a vida.

Todos estes estimulos eraõ picantes para pôrem em agitaçaõ o animo de hum Principe moço, e activo, que já pensava nas independencias absolutas do Sceptro, que entendia mais respeitavel temído, que amado, menos fórte inclinado, que inflexivel. Outros

po-

porém, que observavaõ o desagrado mais particular para a pessoa do Duque D. Fernando, o attribuiaõ á extraordinaria liberdade, com que este Duque lhe estranhára as suas demasias de affecto para a pessoa de D. Anna de Mendoça, Dama da Princeza D. Joanna: que quando o amor he de ternuras, até se persuade offendido em delicadezas, quanto mais em reprehensões. Tudo meditava, queria prevenir, e usava de meios o Rei D. Affonso para lograr o fim antes de largar a Coroa, que dando ao Principe maior poder, elle o abusaría em prejuiso dos Senhores de Bragança.

Era vulg

Havendo El-Rei tomado todas as medidas para os seus designios, constante na resoluçaõ de largar o Reino para se esconder no claustro, elle convocou Cortes em Lisboa. Os Tres Estados concorrêraõ a presenciar hum dos Actos mais solemnes, no mundo taõ pouco vulgar, como o de hum Principe poderoso, respeitado, no meio da idade robusta, por hum esforço espontaneo, que sabe mover o de-

Era vulg. desengano, e a graça, arrojar de si o peso suave do Sceptro, da Coroa, da Monarquia, que recebêra de Deos. Junta a Assembléa, D. Affonso V. que reinára com gloria immortal, e que ainda podia reinar largo tempo, elle apparece no meio daquelle Augusto Corpo, que o recebe em silencio, respeitoso, reverente, como Espectador da Scena mais extraordinaria. El-Rei rompeo o silencio, sendo o Oraculo, e o Interprete de todas as suas intenções, desde o instante em que sobio ao Throno, até aquella hora. Elle deprimio as suas acções mais gloriosas de Rei; tratou-as como defeitos de homem, e quando a humildade as abattia, a mudez respeitavel do concurso as sublimava.

O mesmo espirito humilde, que fazia descer a El-Rei do Throno, lhe inspirou as reprehensões, que se dava do pouco zelo, e ardor, com que promovêra os avances da Fé, e da Religiaõ, quando este era o empenho, que os seus Predecessores lhe deixáraõ em herança, como cabeça de mórga-

do:

do: Que eſte motivo ſanto naõ o levára Era vul;
tanto a Africa por tres vezes, como
o deſejo de abatter o orgulho dos Barbaros
para naõ moleſtarem os ſeus Póvos: Que o Ceo lhe caſtigára a ambiçaõ
de pretender mais Reinos do que
os proprios, improporcionados ás ſuas
forças, com trabalhos peſſoaes, ruina
dos ſeus vaſſallos em honras, vidas,
e fazendas na impertinente guerra de
Heſpanha; lembrança, que o atormentava
como hum verdugo inexoravel:
Que eſtas conſiderações o obrigavaõ a
fazer hum cotejo entre as ſuas qualidades,
e as do Principe ſeu filho, para
naõ demorar mais tempo a remuneraçaõ
ás ſuas vantagens com lhe largar
o Sceptro, que já lhe pozera na maõ,
quando fora a França, e lho reſtituíra
officioſo quando voltára para o empunhar
até á morte; mas que elle outra
vez o cedia em ſeu filho, que ſe pela
natureza, e virtudes o merecia, a ſua
acçaõ referida, nunca aſſáz louvada,
o fazia delle mais digno.

A eſte diſcurſo, que ouvia a ternura,
e a que reſpondiaõ as lagrimas,

Era vulg. se seguio agradecer El-Rei aos seus vassallos o bem, que até aquelle tempo o tinhaõ servido, e pedir-lhes perdaõ de naõ haver differido sempre aos votos dos seus Conselhos, e Ministros. Depois de preludios taõ patheticos, insinuantes, igualmente humildes, que fortes, El-Rei entrou nas discussões de quanto era relativo ao decóro, e authoridade Real, de que se despia. Sobre o Throno coberto de purpura, como se estivesse no leito da mórte abraçando a mortalha, elle fez todas as disposições da vida no tom de quem se apartava della; e lançando os braços ao Principe como pai, com toda a presença de espirito, para que os officios da natureza naõ o embaraçassem a fallar-lhe como Rei, lhe disse assim:

Filho, Principe de Portugal, na maõ de Deos está o coraçaõ do Rei: vós deveis têr a todo Deos no coraçaõ para seres Soberano. Os cultos da Religiaõ, que o honraõ, haveis vós promovellos nos vossos Estados a expensas da mesma vida. Entaõ vos ensinará elle a governar homens; porque esta

scien-

ſciencia eminente ſó delle emana; he huma das emiſsões do ſeu Paraiſo, concedida aos Principes, que nos louvores divinos abrem a bocca para attrahir o eſpirito. Dai fervor ao zelo, que na defenſa da Fé ſempre moſtrárao os voſſos vaſſallos. Vós os vereis correr alegres pelos caminhos dos voſſos mandamentos, ſe lhes dilatares os corações: quanto correráõ nos de Deos, ſe vós lhes déres o exemplo com a voſſa meſma dilatação, e carreira! Das Leis Divinas, bem obſervadas pelo Principe, ſe ſegue obſervarem bem os vaſſallos as Leis humanas. Para os tranſgreſſores, e criminoſos ha caſtigos; advertindo, que nos homens ama-ſe a entidade, quando ſe aborrece o delicto, e nas penas, antes ſe queixe a juſtiça da clemencia, que a clemencia murmure da juſtiça. Nos Conſelhos, nos exercitos, em todos os empregos do Reino vos ſerve muita gente. O amor da gloria ſim dá forças, a eſperança do premio faz valeroſos; mas as mercês diſtribuidas criaõ Heróes. Deos diſſe de dar, e dá dons de graça, e co-

Era vulg

coroas de juſtiça ; com as coroas de juſtiça premeia, com os dons de graça eſtimula. Os Principes ſaõ imagens de Deos ; devem-ſe parecer com elle.

Vós entrais a ſer Rei de vaſſallos cheios de valor, e de honra : elles naõ deſmentiráõ hum ponto do ſeu zelo para comvoſco : he neceſſario deſte momento em diante, como de vós eſpero, que nem inſtantes deixeis para com elles a uniaõ de Pai Soberano, e de Soberano Pai : ſempre o amor, ſempre o reſpeito, ſem que nunca tenhaõ mudança, ainda que aquelles nomes ſe mudem. Dai-lhes exemplos de Juſtiça, de Prudencia, de Temperança, de Fortaleza, de Liberalidade, vós tere[is] cada qual delles hum baluarte na fa[ce] dos inimigos ; todos temeráõ o vo[ſſo] poder ; as Nações remotas buſcaráõ [a] voſſa alliança. Vós eſtais em huma co[n]ſiſtencia de levar bem longe a voſſa g[lo]ria. Eu naõ vos faço vaticinios ; [mas] tenho feito obſervações, e eſpe[ro] que as minhas preces, os meus ró[gos], os meus gemidos no genero de vi[da] que vou a ſacrificar-me, vos alcan[cem]

a bençaõ do Ceo, para que os ambitos do vosso dominio se dilatem, para que os vossos simulacros occupem as praças mais distinctas no Templo da Honra.

Neste sentido acabou de fallar El-Rei com tanto de força, de magestade, de circumspecçaõ, que commoveo toda a Assembléa. Naõ houve nella hum só, que deixasse de dar as demonstrações mais vivas de sensibilidade; que acto semelhante, raras vezes visto no mundo, pedia huma commoçaõ muito além do vulgar. O Principe, banhado em lagrimas de ternura, se lançou aos pés de seu pai, lhe beijou a maõ, de que recebia o Sceptro; protestando, que elle desejava fazer do seu coraçaõ huma lamina de bronze, em que gravasse para perpetuidade immortal os seus saudaveis conselhos, que seriaõ a regra immudavel das suas operações de homem, das suas acções de Rei. Entaõ a vóz geral, ainda que balbuciente, naõ cessava de clamar as bondades do Rei, as virtudes do Principe, a verdade com que se disse, que hum pai benemerito morre como senaõ morrêra, porque

Era vulg. deixa em ſeu lugar, no filho, outro ſemelhante a ſi.

1481 Divulgou-ſe eſta reſoluçaõ na Corte, e com brevidade pelo mundo. Separáraõ-ſe os Eſtados, e El-Rei ſe retirou para Sintra conſtantemente determinado a tomar o habito da Ordem de S. Franciſco no Convento de Torres-Vedras, que elle fundára, e hoje ſe conhece pelo nome de Seminario de Varatojo de Padres Miſſionarios Reformados da meſma Ordem, com vida correſpondente ao ſeu Miniſterio Sagrado. Privou a El-Rei dos ſeus ſantos deſignios a mórte, que lhe ſobreveio naquella Villa aos 28 de Agoſto, cauſada de huma febre maligna, contando de idade 49 annos, de reinado 43, e acabando a vida na meſma antecamara, aonde naſcêra. Jáz no Convento da Batalha.

CAPITULO III.

Trata-ſe das qualidades peſſoaes del Rei D. Affonſo.

A MORTE del Rei D. Affonſo taõ pouco tempo depois da abdicaçaõ do

Rei-

Reino, a todo elle deixou em huma desolaçaõ extrema. Olhavaõ os homens para si, e mutuamente sentiaõ a falta do seu azylo na perda da bondade de hum pai, em quanto foi Rei, de hum protector, quando deixou de o ser. Elles sim viaõ no successor huma imagem sua nos espiritos, no merecimento; mas cada hum comsigo media a differença dos caracteres entre pai, e filho. Em D. Affonso tinhaõ contemplado hum Rei, que sempre quiz o amor da Nobreza, e do Povo; em D. Joaõ meditavaõ outro, que com castigar, e corrigir, de ambas as classes queria o temor. Os mais especulativos se prognosticavaõ, que teriaõ hum grande Rei; mas sentiaõ haver perdido hum taõ bom Pai.

Em vulg

D. Affonso foi hum dos nossos Principes sábios. Como elle tinha passado na campanha a maior parte da vida, compôz o Tratado da Milicia, conforme o costume de combater dos seus tempos: como na Mathematica era instruido, deixou-nos o Discurso em que se mostra, que a constellaçaõ

cha-

Era vulg. chamada Caõ Celeſte, conſtava de vinte e nove Eſtrellas, e a menor de duas: como diſtinguia os homens, eſcreveo da ſua propria maõ a Diogo Lopes Lobo, ſenhor de Alvito, e a Gomes Annes de Zurara, ſeu Chroniſta Mór, e Guarda Mór da Torre do Tombo, quando aſſiſtia em Alcacere com o Conde D. Duarte de Menezes, para eſcrever os feitos daquella Praça. Neſta Carta lhe dizia o Rei benigno: O meu vulto pintado o non tenho para vo-lo agora lá poder enviar; mas o proprio prazerá a Deos, que o vereis lá em algum tempo, com que vos lá mais deve prazer.

Foi D. Affonſo alto de corpo, e robuſto; a preſença mageſtoſa, e agradavel; o roſto redondo, o cabello caſtanho, e o da barba comprido, e bem compoſto: teve grande memoria, e engenho agudo: fallou a noſſa lingoa com tanta pureza, e elegancia, que ainda nas práticas familiares parecia eſtar compondo, ou que antes de proferir as palavras as eſtudava: applicou-ſe á Mathematica, e á Muſica,

que

que estimou, e se recreava no seu concerto: no zelo da Fé Catholica foi ardente; do culto Divino venerador insigne; para os pobres humanamente compassivo; de coraçaõ generoso, amparo dos desvalídos, favorecedor do Povo, taõ amigo dos Fidalgos, como se vio nas muitas mercês, que lhes fez, e Titulos, que lhes deo: Principe, que naõ só premiou os serviços dos homens presentes; mas os dignos de attençaõ dos passados.

Elle foi o primeiro dos nossos Soberanos, que ajuntou no Paço huma Bibliotheca numerosa: curiosidade estimavel, que deo occasiaõ para dizerem muitos Authores, que a inclinaçaõ de D. Affonso ás Bellas Letras, em nada cedia á que tivera seu pai El-Rei D. Duarte pelas sciencias. Elle ordenou se escrevessem na lingua Latina as Historias do Reino, e para isso mandou vír de Italia a Fr. Justo Baldino, Religioso Dominico, que nomeou Bispo de Ceuta. A morte atalhou a Fr. Justo a posse do Bispado, e a conclusaõ da Obra, em que houve o descuido cos-

tu-

Era vulg. tumado entre nós de ſe ajuntarem as peças, que elle tinha diſpoſto dos reinados precedentes, que juntas ás Memorias de Fernaõ Lopes, tudo firmado na fé dos melhores Authores; Originaes taõ eſtimaveis ſerviriaõ hoje de hum grande ſoccorro para a formaçaõ da noſſa Hiſtoria.

O ardor del Rei D. Affonſo pela grande reputaçaõ, a ſua felicidade nas emprezas, nada lhe alteráraõ a doçura do animo, o eſpirito de bondade, que o diſtinguiaõ entre os outros homens. Nas proſperidades, e nos infortunios foi ſempre o meſmo; uſando de tudo com reſignaçaõ de Catholico, e com magnanimidade de Rei. Elle mandou lavrar as moedas, que dizemos cruzados, e ceitís; eſtes aſſim chamados por ſerem cunhados em Ceuta, os outros por que os deſtinou para a Cruzada, que publicou o Papa Calixto. Obra foi ſua a inſtituiçaõ da Ordem Militar da Eſpada, em que já fallei, a que deo por deviſa huma Torre, que no alto tinha huma eſpada com a terça parte mettida no capitel. Eſta deviſa fazia alluſaõ á conquiſ-

quiſta do Reino, e Cidade de Féz, Era vulg
que ſe dizia ter enterrada em huma
das ſuas pórtas a eſpada de hum Capitaõ
Portuguez, ou que ſe guardava
em huma das ſuas torres, donde profetiſavaõ
os Agoureiros Mouros, que
a havia ir buſcar hum Principe Chriſtaõ;
e D. Affonſo, que naõ devia crêr em
agouros, parece que crêo neſte. Elle tomou
por Patrono da Ordem a Sant-Iago,
e lhe deſtinou o número de 27 Cavalleiros,
que era o dos annos que tinha,
quando paſſou a Africa a primeira vez.

Embaraçado com a guerra de Heſpanha,
naõ pode El-Rei D. Affonſo
adiantar os deſcobrimentos; mas conſervou
com vigor as conquiſtas, eſpecialmente
a da Cóſta da Mina, aonde
nos inquietavaõ os Caſtalhanos. Na duraçaõ
daquella guerta, já entrado o anno
de 1479, foraõ elles com huma Armada
á meſma Cóſta perturbar o noſſo
reſgate do ouro. Nós tivemos ſobre ella
huma vantagem completa; porque
o Principe D. Joaõ, naõ ſoffrendo aquella
ouſadia dos Caſtelhanos, apreſtou
outra Eſquadra, de que fez comandan-

te

Era vulg. te a Jorge Correa, que atacou a inimiga, e depois de huma victoria singular, entrou pelo Téio com ella prisioneira. Hum serviço taõ avultado mereceo bem a Jorge Correa a mercê da grande Comenda do Pinheiro.

Naõ tiveraõ os Fidalgos que se queixar deste Principe seu honrador, que repartio por elles mais Titulos, do que juntos todos os outros Reis seus predecessores. Do principio do seu reinado, sendo Regente o Infante D. Pedro, até que renunciou o Reino, elle fez primeiro Duque de Bragança a D. Affonso, filho natural de seu Avô, El-Rei D. Joaõ I.: fez Duque de Guimarães a D. Fernando, filho primogenito do Duque de Bragança do mesmo nome: Duque de Viseo a seu irmaõ o Infante D. Fernando, pai del Rei D. Manoel: Marquez de Valença a D. Affonso, filho primeiro de D. Affonso, Duque de Bragança: Marquez de Villa-Real a D. Fernando, filho segundo do mesmo Duque: Marquez de Monte-Mór a D. Joaõ, filho do Duque D. Fernando, I. Conde da Atouguia, e Alcaide Mór de Chaves a Alva-

ro

ro Gonçalves de Ataide : Conde de Viana, e Valença a D. Duarte de Menezes: Conde de Villa-Real a D. Fernando de Noronha, filho segundo de D. Affonso, Conde de Gijon: Conde de Mira a D. Sancho de Noronha, filho terceiro do mesmo Conde de Gijon. Era vulg.

Fez Conde de Marialva a Vasco Fernandes Coutinho: Conde de Monsanto a D. Alvaro de Castro: Conde de Fáro a D. Affonso, filho terceiro de D. Fernando, I. do nome, Duque de Bragança: Conde de Caminha a D. Pedro Alvares de Sotomaior, senhor da Casa do seu Appellido: Conde de Pena-Macor a Lopo de Albuquerque: Conde de Valença, e Loulé a D. Henrique de Menezes, filho do Conde de Viana, D. Duarte de Menezes: Conde de Penela á D. Affonso de Vasconcellos e Menezes: Conde da Atalaya a Pedro Vaz de Mello, senhor da Castanheira: Conde de Abrantes a D. Lopo de Almeida: Conde de Olivença a Ruy de Mello: Conde de Cantanhede a D. Pedro de Menezes, Conde de Arganil para si, e os seus Successores ao

Bis-

ta vulg. Bispo de Coimbra D. Joaõ Galvaõ: Vis-Conde de Villa-Nova de Cerveira a Leonel de Lima: Conde da Feira a D. Rodrigo Forjáz Pereira: Baraõ de Alvito a Joaõ Fernandes da Silveira.

Além destes Titulos, deo El-Rei outros senhorios, premiou com grandes mercês os avultados serviços de muitos Fidalgos, que o acompanháraõ em tres jornadas a Africa nas conquistas de Alcacer Ceguer, de Anafe, de Arzila, de Tangere, os defensores briosos de Ceuta, de que eu fiz memoria, os que andáraõ ao seu lado na trabalhosa guerra de Hespanha, e os fieis servidores, que lhe assistíraõ em França; que o foraõ buscar ao caminho da Palestina; que o reconduzíraõ a Portugal. Pelo seu Tito liberal, Delicias da Patria deve este Reino venerar ao seu Rei D. Affonso V. que merecêra gloria brilhante, senaõ a manchára com a nodoa da injusta morte de seu tio o Infante Duque D. Pedro, ainda que nós com razaõ podemos desculpallo com a pouca idade, e com a força dos sugestores poderosos, a que naõ era facil resistir em annos taõ verdes.

FIM.

IN-

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXVI.

LIVRO XXVII.

LIVRO XXVIII.

LIVRO XXIX.